UC-NRLF
$B 137 785

Livraria Brasileira
de
Tancredo de Barros Paiva
132, Rua do Lavradio, 132
Annuncia ás terças feiras no
Jornal do Commercio
Rio de Janeiro

Tancred
132, Ru
Annunc
Jorn
Ric

O REI DOS NAVEGANTES

IMPRENSA CIVILISAÇÃO DE SANTOS & LEMOS
8—Rua de Santo Ildefonso—10

Christovão Colombo

Cristofforo Colombo

O REI DOS NAVEGANTES

VERSÃO DO HESPANHOL

PELO

VISCONDE DE VILLAS FORTES

ROMANCE HISTORICO-MARITIMO

Offerecido por C. Cabral
ao Athenêu P. E. Coimbra
15 abril 1887

Arcadia Dram
ESTUFA DE CARVALHO
RUA DE S. PEDRO 108

PORTO

LIVRARIA CIVILISAÇÃO DE E. DA COSTA SANTOS, EDITOR

8—Rua de Santo Ildefonso—10

1878

AO EX.MO SNR.

Alexandre Carneiro de Vasconcellos

COMO PROVA DA MAIS SUBIDA GRATIDÃO

Offerece

O editor.

R4,

Exc.mo Snr. Alexandre de Vasconcellos:

MEU PREZADO AMIGO.

Faz hoje exactamente um anno que eu recebi de V. Exc.ª a prova mais eloquente da grandeza de sua alma, ao mesmo tempo que recebia o testemunho indelevel e vivissimo da sua grande amizade, que prézo tanto como a minha honra.

Nem V. Exc.ª se lembra já d'um tal acontecimento, que marca talvez o facto mais assignalado da minha vida. E' natural. Quem, como V. Exc.ª está habituado, sem sentir fadiga, a praticar hodiernamente actos da mais subidissima virtude e do mais benefico e acrisolado prestimo, dispensando-o sem delongas e sem encarecimentos áquelles que procuram no trabalho honrado o esteio da familia,—não admira que confunda esses actos uns com os outros, nivelando-os todos pelo mesmo valor, que sempre julga pequeno e vulgar, e não vendo que este ou aquelle é de mais subido quilate, por

M310262

isso mesmo que custou maior somma de esforços e de incommodos.

Eu, porém, é que me não esqueço. Bem longe d'isso: quanto mais o tempo, no seu decorrer, me distanceia d'essa data e d'esse acontecimento, mais eu me sinto aproximar pela lembrança constante, e pelo sentimento da mais legitima gratidão.

Para a perpetuar, pois,—aos olhos dos outros, que não aos da minha consciencia,—consinta o meu bom amigo que o seu honrado nome adorne uma das primeiras paginas d'este modesto livro, acceitando-me o offerecimento que d'elle respeitosamente lhe faço como editor.

Pouco vale o livro. Mas ha um facto, que para mim vale tudo. E' que com a data do offerecimento, para mim sempre

memoravel, coincide a feliz circumstancia de ser esta obra o primeiro producto que sahe dos prélos da minha nova casa pe trabalho a—Imprensa Civilisação.

Desculpe V. Exc.ª o que é com a mais dedicada estima

De V. Exc.ª
criado e amigo muito grato,

Porto, 10 de setembro de 1878.

Eduardo da Costa Santos.

PARTE I

O REI DESTHRONADO

O REI DESTHRONADO

I

Granada

Granada!...

Pennas mais bem aparadas do que a minha tem fallado de ti, cidade formosa do Darro e Genil.

Para cantar-te, para referir tuas poeticas recordações, para evocar tuas sympathicas glorias, o poderio de teus sultões, a oriental belleza das rainhas de nivea tez e olhos de fogo, era preciso que eu possuisse a lyra harmoniosa de algum dos nossos poetas—de Zorrilla, por exemplo.

Não a possuo, e não obstante atrevo-me a escrever esta obra, inspirando-me na tua passada grandeza, nas tuas grandiosas recordações e na tua formosura sem par.

Perdôa-me o arrojo, joia magnifica de Hespanha!...

*
* *

A historia primitiva d'essa preciosa cidade perde-se entre as trevas dos tempos.

Affirmam, comtudo, historiadores de cunho, que era uma povoação importantissima, dependente da celebrada *Fliberis*, nos tempos antigos.

Sem o animo disposto a embrenhar-mo-nos em epochas antiquissimas, limitar-nos-hemos unicamente a fallar da Granada mourisca, da Granada do desditoso Boabdil, o ultimo dos seus reis mahometanos.

Por aquelle tempo era a capital do unico rei mouro na Hespanha, o ultimo baluarte que o islamismo possuia em nossa patria.

Aos reis catholicos Fernando e Izabel, de gloriosa memoria, estava-lhes reservada a heroica façanha de terminar a reconquista que havia principiado muitos seculos antes o invicto Pelayo nas penedias de Covadonga.

A protectora do sabio Colombo, a discreta, a illustrada Isabel I, honra e orgulho do seu seculo, anciava por ver tremular nos minaretes das mesquitas granadinas o estandarte da Cruz, e alfim conseguiu vêr coroados os seus desejos do melhor exito depois d'um cêrco prolongado.

Ah! Como chorou Boabdil ao deixar-te, Granada formosa!

Comtigo perdeu o seu reino, e, perdendo-o, via-se obrigado a deixar a Hespanha para sempre!

Amargos suspiros de dôr trespassaram seu peito ao olhar pela ultima vez para a poetica, para a maravilhosa Alhambra, a fortaleza-palacio, em cuja construcção se empregaram immensos cabedaes e nada menos que o espaço d'um seculo!

Alhambra, Generalife, mysteriosa torre dos *sete andares,* esforços poderosos da arte, prestae á minha penna alguma inspiração para que possa referir as vossas historias de amores, de luctas e gloria!..

.....

*
* *

Ao fallar de Granada, da Alhambra, é necessario confessar uma verdade muito triste.

Esse grandioso monumento, antes do que obra dos xerifes mouros, parece mais um dos palacios phantasticos elevados ao sôpro do genio das *Mil e uma noites;* é menos apreciado de nacionaes que de estranhos.

Os inglezes, por exemplo, esses verdadeiros artistas do nosso seculo, e o povo mais invejoso do mundo, se possuissem a Alhambra, tel-a-hiam cercado já de muralhas de crystal e haveriam destinado para a conservação d'ella quantias fabulosas.

E nós, que temos feito a pró de tão admiravel palacio?

Rubor custa o dizel-o, e portanto não o diremos.

Quem deseje certificar-se dos *sacrificios* que a Hespanha faz para que a Alhambra não se converta em um montão de ruinas, póde vêr nos *orçamentos* a somma destinada para tal fim.

Forte somma ! Em compensação gastamos em polvora fabulosas quantias.

Viva o progresso !...

Porém, pondo de parte estas considerações, que poderão enfadar os nossos leitores, voltemos a occupar-nos de Granada.

Ao atravessar durante a noite algumas das mouriscas e tortuosas ruas d'esta encantadora povoação, o homem pensador eleva seu pensamento aos dias em que ella pertencia aos filhos do Propheta.

Não se precisa fazer grandes esforços de imaginação para povoar estas ruas de graves personagens envoltos em brancos albornoz.

Os que phantasiaes, os que sois sonhadores, os que tendes alma de poeta, ide a Granada, e á mysteriosa luz do luar julgareis distinguir a peregrina formusura, que desde a arabesca janella confia ás auras da noite o seu sonhar, os amores da sua alma, amores que jámais ha-de vêr realisados.

Vereis tambem ao donzel airoso que suspira pela beldade alheia, passeando sua melancholia pelas sombrias alamedas que são banhadas pelo Darro e o Genil.

Se o vento ruje irado, se a noite é triste e calaginosa, nos bramidos da tempestade julgareis estar escutando as maldições que os *crentes* prodigalisaram aos

seus vencedores; os gemidos dos *ulemas* ao darem o derradeiro adeus ás sagradas mesquitas; os ultimos rumores do combate travado nas ruas sobre as *mil e trinta* torres que coroavam as muralhas, e nas *vinte* portas d'essa cidade tão querida dos adoradores de Mafoma.

Se visitardes o *Pateo dos Leões,* vereis ainda o sangue innocente dos abencerrajes.

Passae de noite nas proximidades da arruinada torre dos sete andares, e vereis sahir tambem de entre as ruinas o cavallo sem cabeça e o cão monstruoso da lenda arabe, correndo um atraz do outro e relinchando de dôr o primeiro, e o segundo exhalando uivos tristissimos.

Quando sôa lentamente o celebrado sino da *Vela,* o seu metallico som parecer-vos-ha porventura uma lamentação, um suspiro doloroso que envia da eternidade o *Rei Hoça,* aquelle pobre rei, a quem sua propria mãe disse rudemente, por occasião de abandonar Granada:

—*Chora, chora como mulher, já que não soubeste defendel-a como homem!...*

Por ultimo, almas sonhadoras, a voz dos *serenos* granadinos tambem vos parecerá a lamentavel, a trémula, a mysteriosa voz dos *muzzines* chamando os crentes á oração, das altas torres dos calados minaretes das mesquitas.

*
* *

O ar, os caudalosos rios que havemos nomeado, os verdejantes pomares de larangeiras e limoeiros, a pittoresca e imponente Serra-Nevada, os edificios, e até o azulado céu que serve de toldo á cidade, pelo qual ainda suspiram os descendentes dos gomeles, dos zegries, dos abencerrajes, tudo isso tem certo colorido mysterioso, poetico e melancholico; tudo com a sua eloquente mudez falla ao coração e lhe recorda a epocha infausta para os mouros, gloriosa e de ventura para nós, em que reinavam na Hespanha os reis catholicos.

Espero que os successos que vou narrar-te, meu leitor, te hão-de cativar um tanto a attenção.

Se não consigo o fim que me proponho, a culpa será minha, e não dos alludidos successos, que todos reunidos formam uma das mais bellas paginas da gloriosa historia da nossa patria.

II

A real cidade de Santa Fé
Gonçalo Fernandes de Cordova e Aguilar
Pobre louco!

A pouco mais de duas leguas de Granada, existe uma cidade cujo nome é Santa Fé.

A sua fundação, como os nossos leitores não ignoram, data do tempo dos reis catholicos.

Quartel general, ou para melhor dizer, quartel de inverno d'aquelles monarchas reconquistadores, dispostas apenas em dois mezes as suas obras de defeza, podiam repellir vantajosamente o inimigo.

As tendas de campanha haviam sido substituidas por barracas, e estas foram-n'o por casas de pedra de solida construcção. Os reis tinham um pequeno palacio.

O exercito christão que cercava a cidade mourisca constava de cincoenta mil infantes e dez mil cavallos.

Commandavam tal exercito experimentados e valentes capitães, entre os quaes figuravam os gran-mestres de Santiago e Alcantara, os duques de Cadiz, Medinacelli, Nájera, Medinasidonia, Plasencia, Alba, Infantado e Albuquerque; os condes de Benavente, Corunha, Calera, Feria, Miranda e Urenha, e o condestavel de Castella, D. Pedro Henriques.

Tambem figurava no exercito, e era já notavel apesar de começar então a rude carreira das armas, Gonçalo Fernandes de Cordova e Aguilar, que mereceu com o correr dos tempos ser denominado o *Gran-capitão*.

Gonçalo Fernandes de Cordova era um joven de avantajada estatura, olhar de aguia, fronte despejada e pensadora, e valente até á temeridade.

Sereno o mais possivel nos perigos, seu robusto braço manejava com summa facilidade a lança mais pesada, e governava o potro cordovez mais brioso e arrogante.

Cortez com as damas, piedoso com os vencidos e prudente no conselho, começava já a ganhar a reputação que havia de levar seu nome esclarecido a estranhas terras.

Isabel I, aquella grande rainha que empenhou as suas joias aos judeus a fim de que Colombo podesse descobrir o Novo Mundo, dava grande apreço ás prendas moraes e ao denodado valor de Gonçalo.

Alguns escriptores contemporaneos affirmam que a rainha Catholica experimentava pelo *Gran-capitão* um sentimento muito mais terno que o da estima; mas isto não passa d'uma maliciosa suspeita, que quasi redunda em calumnia.

Dos pretendidos amores de Isabel I e Gonçalo Fernandes de Cordova não falla historiador algum, nenhum chronista.

*
* *

Figurava tambem na *côrte* de Santa Fé um homem de aspecto grave e pensador.

Era conhecido pelo nome de—o *Genovez*—, e alguns chegavam a acreditar que estava louco.

Todavia, aquelle modesto homem, então obscuro, e que se confundia nas ultimas filas dos guerreiros—cortesãos que compunham simultaneamente o exercito e a côrte dos reis catholicos, trazia já gravado na elevada fronte um sêllo glorioso—o sêllo que distingue os grandes homens.

O *Genovez* não era outro senão Christovão Colombo, que tanta e tanta gloria havia de dar á nossa patria

Dedicado desde a mais tenra idade ao estudo das mathematicas e da astronomia, tinha já percorrido todo o mundo conhecido na epocha em que vivia.

Impellido por um secreto presentimento, pelo desejo de chegar á India sem dobrar o Cabo da Boa Esperança, dirigiu-se malogradamente ao rei de Portugal e á republica de Genova para que lhe facilitassem os meios necessarios para emprehender a viagem de exploração.

O *Genovez* era pobre, e tão pobre que por mais de uma vez chegou abatido e esfaimado ás portas dos conventos.

Tanto o rei de Portugal como a republica de Genova, sorriram dos seus offerecimentos e despresaram os seus serviços.

Então Colombo, desesperado... mas tendo ainda mais fé do que nunca no seu grandioso pensamento, veio á Hespanha.

Mas, ai! Aqui tambem encontrou poucos ouvintes crédulos, poucos protectores.

Um pobre frade e a illustrada Isabel I, foram as unicas pessoas que souberam lêr no pensamento d'aquelle homem predestinado, as unicas que descortinaram um novo mundo atravez dos nevoeiros do vasto Oceano.

O frade, porém, não podia fazer mais que alentar ao sabio genovez e prodigalisar-lhe suas bençãos, e Isabel I era pobre, tão pobre e talvez mais do que o ultimo dos cavalleiros que lhe formavam a côrte.

*
* *

Havia perto de seis annos que Colombo andava seguindo os monarchas catholicos.

Estes achavam-se sériamente empenhados na conquista do reino de Granada, e não podiam de fórma alguma attender o infeliz genovez.

Chamamos-lhe infeliz, porque a ingrata Hespanha, depois de lhe dever tanto, fez-lhe soffrer infinitas per-

seguições, e morreu sem ao menos dar seu nome ao continente que descobrira, gloria que lhe usurpou *Americo Vespucio*.

Na fronte de Colombo, assim como brilhava o genio, notava-se tambem uma nuvem de amargura, filha do que soffrera já; presentimento do que ainda tinha a soffrer quando curvado sob o peso dos annos e da gloria, se viu carregado de ferros e de grilhões como se fosse um vil criminoso.

A rainha Isabel, que chegára a advinhar a pungente mágoa que encerrava a alma de Colombo, conversava muitas vezes com elle, e dizia-lhe com frequencia:

—Rogae a Deus, rogae-lhe para que nos conceda a ventura de entrar triumphantes em Granada, que vos dou a minha palavra, de armar tres caravellas á minha custa, para que alcanceis descobrir a passagem da India.

Estas palavras, de todo o ponto animadoras, eram um balsamo consolador para Colombo.

Comtudo, deslisavam-se os dias, os mezes e os annos, e as suas esperanças não chegavam a realisar-se.

Ainda assim, quando viu os mouros reduzidos á cidade de Granada, ultimo baluarte de Mafoma na Hespanha, o immortal genovez cobrou alentos, animou-se, podêmol-o dizer, e confiando na real promessa, esperou poder realisar com brevidade os seus sonhos de gloria.

Quando o viam atravessar as animadas ruas da real cidade de Santa Fé, os soldados castelhanos exclamavam em voz baixa, com tanta pena como respeito:

—Pobre louco!..

III

Ultimos dias do reinado de Boabdil, o Moço

E' incontestavel que os reis catholicos não teriam conseguido a capitulação de Granada tão depressa como lograram obtel-a, se a formosa cidade, unico emporio do florescente reino de Boabdil, *o Moço,* não se tivera achado, como se achava, dividida em bandos ou partidos.

As tribus dos zegries, dos gomeles, dos venegas, dos alavezes e dos abencerrajes, mais attenção prestavam aos seus odios particulares, do que á defeza da cidade.

Apesar do cêrco e da escassez que havia de viveres na povoação, esta entregava-se todos os dias a ruidosos divertimentos, e as *zambras* (bailes) repetiam-se na Alhambra e no Generalife.

No periodo d'aquellas festas, se não se olvidavam os rancores, ao menos adormeciam, disfarçavam-se, e momentaneamente parecia que todos eram os melhores amigos do mundo.

Todavia, por detraz d'aquella dissimulação, detraz d'aquella mascara hypocrita, a discordia agitava o seu fumegante facho, disposta continuamente a accender

antigos rancores, a atear a chamma de inveterados odios.

Mais de uma vez durante a epocha dos ultimos reis de Granada, a guerra civil ensanguentára as ruas da cidade.

O frouxo Boabdil entregue sempre ás mãos de favoritos que o guiavam á feição das paixões d'elles, não era o monarcha mais apropriado para dominar os turbulentos granadinos e repellir de vez o exercito christão que se estendia galhardamente ás proprias portas da cidade.

Tinha soado já a hora marcada pela Providencia para que os conquistadores da nossa patria voltassem á Africa, de onde haviam surgido tão impetuosos qual fortissima torrente.

Setecentos e oitenta annos se tinham deslisado desde essa éra fatal, e a obra gigantesca, sublime, santa, começada em Covadonga pelo invicto Pelayo, ia terminar com estrondosa victoria em frente das mauritanas muralhas da cidade do Darro e Genil.

Pouco importava que os muezzines chamassem os *crentes* á oração, dos altos minaretes das mesquitas; de nada valia que os filhos do Islam implorassem o auxilio do seu falso propheta para que os livrasse do triumpho colossal que o exercito christão alcançaria sobre elles.

Os santões ou fanaticos arabes maldiziam a cada instante os *nazarenos*, chamando sobre elles todos os males, todas as desgraças que ha no mundo.

Os tresloucados interpretes da lei de Mafoma asse-

guravam que o exercito christão, que depois de havtalado as messes se apossára das aldeias e castellos, chegando victorioso até ás portas de Granada, não tardaria que se visse dizimado por uma peste assoladora, por um flagello incomparavel!

E tal exercito sustentava-se em Santa Fé gosando perfeitissima saude, e apertando mais e mais o cêrco..

Os mouros tinham fé nas promessas dos *ulemas* (*) que juravam fallar-lhes em nome do Deus Altissimo e Unico; mas como similhantes promessas não chegavam a realisar-se, começava a dominal-os um triste desalento.

Procuravam dominar o seu terror com estrondosos festejos, com recreios fascinadores, aturdindo-se d'est'arte, e esquecendo por alguns momentos que um inimigo muito mais implacavel que os christãos—a fome—batia ás suas portas.

Por isso nunca como no reinado de Boabdil o *Moço,* houve em Granada tantas *zambras,* tantas festas de touros e jogos de canas.

Taes festejos assimilhavam-se ás ultimas centelhas, aos ultimos esplendores, aos moribundos clarões de uma luz que se apaga.

Tão extravagantes folias forjadas adrede para ensandecer o espirito sobresaltado, era por assim dizer a fe-

(*) Doutores ou sabios encarregados de explicar o Coran ou Alkorão.

re do exterminio que a mourisma de Granada via sobranceiro.

Murmurava surdamente o povo, vendo o seu rei e os seus magnates entregarem-se desvairadamente ao regosijo, entretanto que a tempestade se aproximava bramindo.

Mas as suas murmurações não chegavam aos ouvidos do monarcha mussulmano, e quanto aos magnates, Deus collocára-lhes uma espessa venda nos olhos para que não vissem o perigo em toda a extensão da sua terrivel realidade.

Tal era a situação do povo granadino no dia 6 de Outubro do anno de 1491; isto é, alguns mezes antes da capitulação da cidade.

N'aquelle dia, ou para melhor nos expressarmos, n'aquella noite, havia um grande festim nos maravilhosos salões da Alhambra, para solemnisar o anniversario natalicio da sultana Zoraya, mãe de Boabdil, o *Moço*.

IV

O joven abencerraje — Amor que accende um olhar

Rasgo de generosidade

Aben-Hámet era o joven mais galante que havia em Granada.

Quando os mouros sahiam em escaramuças com as avançadas do exercito sitiador, Aben-Hámet tambem sahia e era dos ultimos que se retiravam a Granada.

Valente, e mais que valente, temerario, era preciso que alguem contivesse o seu arrojo, porque senão, em mais de uma occasião teria penetrado impetuosamente no acampamento do inimigo sem considerar o risco a que se expunha.

Este joven musulmano pertencia á nobre e poderosa tribu dos abencerrajes.

Orphão e herdeiro de prodigiosas riquezas, vivêra por muito tempo entregue ao fausto e aos prazeres, porém de repente, sem que ninguem podesse explicar a causa d'isso, havia-se operado uma mudança radical no seu caracter.

A jovial expressão do seu semblante e o seu habitual desvario, tinham-se trocado em suave melancholia e

em séria reflexão, mais propria d'um ancião *alfaqui* (*) do que d'um joven ardente e impetuoso.

E não era só isto.

As lindas escravas do seu harem tinham obtido d'elle a liberdade.

A causa unica de transformação tão brusca era o amor; um amor impetuoso, volcanico.

Um dia tinha visto a formosissima Fatima nos frondosos jardins do Generalife, e o seu coração até alli adormecido, despertára amando com idolatria aquella encantadora virgem de olhos negros e fulgurantes, e de nivea tez.

Foi tão viva a impressão que experimentou, que o seu amigo Abu-Zamél, em cuja companhia se achava, lhe dirigiu algumas perguntas.

Aben-Hámet que até alli compartilhára as suas alegrias com o seu amigo, ficou pensativo e sem poder apartar a vista dos olhos de Fatima.

Ella por sua vez, e a furto, lançava-lhe tambem alguns d'esses olhares que fazem do homem mais indómito um escravo submisso.

O riso de Aben-Hámet expirára em seus labios, e ao cabo de longo espaço perguntou ao seu amigo com voz tremula:

—Quem é aquella joven?

—Fatima, a filha de Bulcami El-Meléc—respondeu o interrogado.—Essa preciosa menina não parece filha

(*) Nome dado aos mais sabios doutores da lei de Mafoma.

do perverso alcaide. Elle é astuto e traidor como a serpente; ella uma huri do setimo céu; elle mais feio e repugnante que um judeu avarento, e ella formosa como uma das virgens do Paraiso do Santo Propheta. Mas... que tens tu? Ficaste estatico, triste?

Triste se achava effectivamente Aben-Hámet.

Acabava de enamorar-se cégamente de Fatima, e esta era filha do zegri Bulcami, um dos inimigos mais irreconciliaveis da tribu do mancebo.

Era portanto impossivel pensar n'um enlace entre elle e a formosissima menina que lhe cativára o coração.

Oppunham-se áquelle enlace os sangrentos rancores dos zegries, dos quaes Bulcami El-Meléc era o chefe principal.

O amor sem esperanças que lhe brotára no peito ao calor dos olhares de Fatima, entristecia-lhe a alma, porque a encantadora menina jámais poderia ser sua.

Além d'isso, os arabes são fatalistas por natureza.

Eis-aqui explicada a causa da sua melancholia; eis aqui o motivo porque déra a liberdade a todas as suas escravas.

*
* *

Para que os nossos leitores acabem de conhecer o joven abencerraje, referiremos um de seus generosos rasgos, que provará a bondade de sua alma.

Certa manhã, quando o sol não havia ainda desvanecido completamente as sombras da madrugada, Aben-Hámet sahiu de Granada pela porta do Genil, acompanhado só d'um escudeiro e armado como para entrar em batalha.

Cavalgando a passo por baixo das frondosas folhagens das larangeiras e dos limoeiros que o exercito christão não havia talado, dirigiu-se para o real acampamento de Santa Fé.

Despertára n'aquelle dia com um vivissimo desejo de medir as armas com as d'um cavalleiro christão.

O escudeiro caminhava atraz d'elle de muito má vontade, e isto advinhava-se facilmente olhando-lhe para o rôsto carregado e sombrio.

A pouco mais d'uma legua da cidade, o cavallo em que montava Aben-Hámet, e que este deixava caminhar a passo, deteve-se a comer as verdes hastes d'um arbusto, e o joven mouro aspirou com delicia o ambiente purissimo e embalsamado que se respirava n'aquelles sitios encantadores.

A cavalgadura do escudeiro parou tambem.

Dirigiu Aben-Hámet um olhar á roda de si, e viu que se encontrava nos limites d'um pequeno bosque, d'onde se divisava ao longe o acampamento christão.

Já ia o joven adiantar caminho para o arvoredo, quando sentiu um pequeno ruido entre a ramagem.

Para o que désse e viesse, firmou-se bem sobre os estribos e empunhou a lança.

Feito isto, applicou os acicates ao cavallo e este partiu velozmente para o lugar onde se ouvira o ruido.

O escudeiro seguiu o seu senhor, fazendo um gesto de enfado.

O ginete que era montado por Aben-Hámet esteve a ponto de atropellar a um joven, ou antes a um menino que estava meio escondido entre a folhagem.

O adolescente era um christão e vestia o elegante trajo dos pagens da rainha catholica.

Seu rosto alvo e rosado como o d'uma mulher joven e bonita, não figurava ter mais de nove ou dez annos.

—Senhor mouro, não me mateis!—exclamou o pagemzinho, deixando-se cahir de joelhos, e juntando as mãos com terror.

Aben-Hámet, como quasi todos os mouros hespanhoes, sabia o idioma castelhano, e sorrindo-se com agrado, disse ao pagemzinho:

—Não temas, pobre menino, que não te farei mal algum. Mas dize-me, que fazias n'este bosque?

O pagem, mais tranquillo, escutando as palavras benevolas de Aben-Hámet, levantou-se, e com a voz um pouco alterada, respondeu d'este modo:

—Sahi do acampamento, onde está a côrte, mal começava a nascer a aurora á procura de ninhos de rouxinoes. Ninguem me viu sahir, senão ser-me-hia impossivel chegar até aqui. A sua alteza, minha prezada rainha e senhora, agradam-lhe muito os rouxinoes, e, já que não posso brandir uma lança em seu obsequio, quiz ao menos fazer-lhe uma surpresa agradavel, levando-lhe algumas das suas avesinhas predilectas. Sabia que a rainha me havia de ralhar por ter abandonado o acam-

pamento real; mas é tão boa, tão meiga, mesmo quando ralha, que esperava poder aplacar facilmente o seu enfado, só com a acção de ajoelhar-me ás suas plantas e beijar a fimbria do seu vestido. O que acabo de contar-vos, senhor mouro, é a pura verdade. Agora fazei-me vosso captivo; mas peço-vos outra vez que não me mateis, porque tenho pais e não queria morrer sem os tornar a vêr.

Aben-Hámet tornou a sorrir-se, e com voz repleta de doçura interrogou de novamente o pagemzinho, dizendo-lhe:

—E deparaste os rouxinoes?

—Oh! Sim!

Dizendo isto, o menino tirou de entre as folhas onde os tinha guardados, dois ninhos d'esses admiraveis cantores dos bosques, e os mostrou a Aben-Hámet.

Os passarinhos alongavam seus implumes collos, e piavam tristemente, como se advinhassem que iam separar-se de seus pais.

—Menino—disse o joven abencerraje—volta para o acampamento real, e não tornes a sahir d'elle, pois poderias ter um mau encontro.

—Não me fazeis captivo?

—Não; eu só captivo os homens a quem venço, e não as creaturas debeis. Além d'isso quero que conserves uma lembrança minha.

Assim fallando o mouro, puxou de uma riquissima cadeia de ouro, lavrada em Cordova, que trazia ao pescoço, e deu-a ao pagemzinho.

O menino pôz com o maior cuidado os ninhos no chão, e recebeu a joia com infantil alegria.

Da cadeia pendia um formoso medalhão, dentro do qual brilhava uma grossa esmeralda que despedia luz, produzindo clarões verdes e sombrios, e n'ella se via gravado o sêllo do annel de Salomão.

O marco da esmeralda era tambem de ouro purissimo e viam-se n'elle alguns caracteres arabes.

—Aben-Hámet—disse o pagemzinho lendo aquelles caracteres com infantil curiosidade, e tão facilmente como se tivera sido educado por um douto mussulmano—Aben-Hámet, repetiu, servo de Deus Altissimo e Unico.

—Aben-Hámet é o meu nome, disse o abencerraje.

—Juro que não o olvidarei jámais—exclamou o menino com terna gratidão, beijando a medalha.

Depois de pronunciar estas palavras lançou a cadeia ao pescoço, saudou com respeito ao generoso joven, tirando a gorra de velludo que trazia na cabeça, e tornando a tomar os ninhos de rouxinol, deitou a correr, desapparecendo bem depressa por entre as arvores.

Este rasgo de generosidade do cavalleiro mussulmano não tardou a tornar-se publico.

Na real cidade de Santa Fé espalhou-se o caso, e foi repetido com elogios; e até os proprios granadinos applaudiram o bizarro proceder do nobre joven.

V

A sultana de Granada—Uma serpente entre as flôres

O pensamento d'um malvado.

Havia festa em Granada.

As mais formosas damas de Granada e todos os cavalleiros a que assistia o direito de formar parte da côrte de Boabdil, figuravam alli, luzindo umas e outros trajos riquissimos.

Todo o luxo oriental a que eram tão affeiçoados os mouros, brilhava n'aquelles maravilhosos salões que ainda hoje, quasi em ruinas, produzem uma inveja artistica (e seja-nos permittido expressar-m'o-nos d'est'arte), nos illustrados filhos da nebulosa Albion.

Oh! quanto não dariam os inglezes por possuir as preciosas joias d'arte que embellezam Granada, joias que tão pouco apreciamos!

Mas isto é muito hespanhol, muito da patria do grão de bico... e da incuria, e a ninguem deve causar espanto.

*
* *

Uma deliciosa noite, uma d'essas noites aprasiveis que se disfructam com muita frequencia em Granada, estendia sobre a formosa cidade o seu estrellado manto.

N'uma das espessas alamedas do Generalife, á qual chegavam meio confusos os alegres rumores do festim, conversavam amigavelmente uma dama e um cavalleiro.

A alameda era bastante sombria, e uma viração fresca que se deslisava da Serra Elvira, que lhe ficava proxima, agitava brandamente as frondosas ramas das arvores, que ainda não eram despojadas da sua verdejante vestidura.

A dama chamava-se Alfáima, e era sultana e esposa do rei Boabdil.

O cavalleiro tinha por nome Aben-Hámet, e era o mesmo nobre mancebo de que nos temos occupado no capitulo antecedente.

Alfáima, joven de rara formusura, não era comtudo amada como desejava sêl-o pelo sultão de Granada.

Uma nuvem de dôce tristeza cobria incessantemente seu encantador semblante, e do peito e dos labios escapava-se-lhe muitas e muitas vezes, um suspiro d'amorosa lucta...

Ai! Aquella desditosa rainha via-se olvidada por seu esposo, a quem idolatrava!

Incapaz de occultar a sua dôr com a mascara do

orgulho, deixava advinhar facilmente o soffrimento que lhe lavrava no opprimido peito.

Boabdil, homem timido e irresoluto, homem que se deixava levar pela astucia de ambiciosos favoritos, não tinha para ella nem amor, nem sequer compaixão; e elle, que a todos tractava com singular doçura, só tinha para a esposa enamorada palavras de desdem: uma cruel frieza que quasi tocava as raias do desprezo.

De que nascia tão lamentavel desamor?..

Nem talvez elle proprio, o sultão, podesse responder a semelhante pergunta.

Por um d'esses mysterios tão frequentes, mas ao mesmo tempo tão inexplicaveis do coração humano, quanto mais desprezada se via a meiga Alfáima, mais adorava o sultão.

Por um olhar d'amor d'aquelle homem tão querido, por uma unica palavra de ternura, teria a desventurada dado, sem vacillar, a metade dos dias da sua triste vida.

Que lhe importava áquella pobre pomba, áquella rainha abatida, assentar a sua planta sobre um throno, se isso não lhe mitigava os pesares?

Que interesse tinha para ella, que os mais afamados poetas da sua patria lhe celebrassem a deslumbrante belleza, encanto com que a natureza prodigamente a dotára, se attributo tão peregrino era alvo do desprezo do unico homem a quem amava, do unico ente a quem desejava agradar?..

O amor apaixonado, ardente e suave, ao mesmo tempo que lhe devorava o coração, e o continuo desdem de Boabdil, faziam-n'a padecer tanto, que quasi cons-

tantemente se lhe viam nos olhos recentes vestigios de lagrimas e um ligeiro circulo azulado, originado por frequentes insomnias.

Ah! Quão facil teria sido ao cruel Boabdil reanimar aquelle abatido semblante, inundar de celestial alegria aquella alma esphacelada!

Porém, Boabdil não pensava em dar semelhante satisfação á infeliz joven, e entregue aos levianos amores das suas escravas, vivia encerrado no seu harem, entretanto que a guerra civil assolava os ultimos pedaços de territorio que lhe restavam do seu reino, e dos quaes um exercito inimigo estava prestes a apossar-se.

Em a noite a que alludimos no principio d'este capitulo, Alfáima ainda mais triste do que era costume, deixou os dourados salões animados por buliçosa musica e voluptuosa dansa, e foi procurar a solidão na parte mais retirada dos jardins.

O estado da sua alma, a sua melancholia, não se casava bem com aquella festa.

Um dos seus mais sinceros amigos, um dos que mais a lastimavam na côrte, Aben-Hámet, seguiu-a respeitosamente, condoido da profunda afflicção que ella revelava no rôsto.

Tambem um homem de idade avançada, e de rôsto astuto e parecer carregado, seguiu com precaução a joven, pouco depois d'ella ter descido aos jardins, diligenciando por que o calçado que trazia fizesse o menor ruido possivel na areia das ruas de arvores, e buscando a sombra d'ellas.

Este homem era o alcaide Bulcami El-Meléc, o mais authorisado, o chefe, por assim dizer, dos zegries.

*
* *

Sentou-se Alfáima com abatimento n'um banco de cortiça, por detraz do qual se desdobrava um espesso muro de verdura e de aromatica madre-silva.

Um tristissimo suspiro soltou á misera, que parecia que se lhe rasgava o peito e se lhe abrasavam os labios.

Aben-Hámet parou respeitosamente a pouca distancia da sultana, não ousando romper o silencio, e o alcaide dando uma grande volta, foi esconder-se detraz do muro de verdura, d'onde podia escutar tudo quanto dissessem a joven sultana e o abencerraje.

A serpente estava occulta entre as flôres.

—Pelo Santo Propheta, senhora!—exclamou Aben-Hámet, depois de prolongado silencio—Pelo que haja no mundo de mais apreço para ti, rogo-te encarecidamente que moderes a tua afflicção.

—Oh! Aben-Hámet!—replicou a sultana exhalando outro suspiro—Tu que és o meu bom amigo, tu que talvez n'esta côrte egoista e frivola és o unico que sinceramente tens pena do meu soffrer, sabes perfeitamente que a mágua que me punge tem creado profundas raizes na alma, e que não póde abrandar-se.

Se o Santo Propheta, em cujo nome me diriges a palavra, me arrancasse do coração este amor inextinguivel, ardente no mais alto gráu, então não teria difficuldade em seguir o teu conselho; mas amando como amo, a meu esposo, e vendo-me a toda a hora desprezada por elle, todos os que se interessam por mim, só verão lagrimas em meus olhos e nuvens de melancholia na minha fronte! Ai de mim! Nasci desgraçada, e desgraçada hei de ser até ao fim dos meus dias!...

Mais alguns momentos de silencio se seguiram a estes queixumes.

Pela segunda vez Aben-Hámet rompeu aquelle silencio.

—Amada sultana!—disse—O céu sabe que, mesmo a trôco do meu sangue, quizera vêr-te ditosa! Merecias sêl-o, sim; perdôe-me o sultão, meu senhor; se n'esta occasião digo que é cruel para comtigo, indigno da felicidade que o céu lhe concedeu, dando-lhe tal esposa! Que valem a teu lado as mulheres do seu harem? Que valem?..

—Não prosigas, Aben-Hámet—balbuciou Alfáima, interrompendo o abencerraje com uma tal ou qual severidade.

—Senhora, tens razão! O meu amigavel zêlo extravia-me!

—Soffrer é o meu destino!—accrescentou a sultana, —E viverei sempre soffrendo. Cumpra-se a vontade do céu!... Mas, não fallemos mais de mim, porque é ocioso; fallemos dos teus amores. Dize-me Aben-Hámet, conseguiste fallar a Fátima?

—Uma unica vez, senhora—respondeu o joven.—A filha do alcaide participa dos meus amorosos sentimentos, e ama-me. Oh! sim, ama-me! Porém teme seu pai. Este, como sabes, aborrece-me mortalmente; é inimigo figadal de todos os meus... Creio, pois, que estou destinado tambem a viver soffrendo.

—Prometto-te—affirmou a sultana—que interporei a minha influencia, que supplicarei se fôr necessario, afim de conseguir que Bulcami El-Meléc te conceda a mão de sua filha.

—Será trabalho baldado, senhora!

—Tão pouco sou já em Granada, tão pouco valho, que as minhas supplicas possam ser desattendidas por um vassallo? Julgas porventura, Aben-Hámet, que o al-alcaide desattenderá a sua rainha, se esta se humilha até ao extrêmo de rogar-lhe encarecidamente que una sua filha ao mais nobre cavalleiro da côrte?!

Aben-Hámet cruzou as mãos sobre o peito, e inclinou-se com tanta humildade, como reconhecimento, ante a sultana.

Depois, com expressão pesarosa exclamou:

—O odio de Bulcami está muito acima de toda a consideração, de todo o respeito humano! Preferirá sahir desterrado de Granada, perder o favor de que gosa junto do sultão, a alliar-se com os meus. Eu nunca senti por elle rancor algum, e dar-lhe-hia gostoso o nome de pai; mas o meu coração, este coração leal onde está gravada a imagem de sua filha, annuncia-me que jámais poderei alcançar a felicidade por que tanto anhelo!

—Quero experimentar, apesar de tudo—disse Alfáima—e hoje mesmo pedirei para ti a mão de Fátima.

*
* *

Bulcami El-Meléc não perdêra nem uma só das palavras da sultana e do abencerraje.

Tal homem, um dos mais turbulentos agitadores de Granada, revolvia na diabolica imaginação mil infernaes projectos, mil tenebrosos planos.

—Fazes bem, Aben-Hámet—pensou—fázes bem, em affirmar que nada será capaz de me extinguir no fundo do coração o odio que te professo! Mais facil seria entregar a mão de minha filha a *Eblis*, o anjo das trevas, do que dar-te a posse d'ella! Dar-te Fátima?.. Oh! não! Todos os poderes do céu e da terra reunidos não lograriam que désse o meu consentimento para semelhante união! Falle-me embora a esse respeito a sultana; peça-me com a maior humildade... que saberei o que hei-de responder ás suas instancias. Mas, que ideia!.. —continuou—A sultana só n'este êrmo, só com Aben-Hámet!... Corramos, oh! corramos, e a tribu odiada dos abencerrajes cahirá d'esta vez para sempre!...

. . . . . .

Nos olhos do zegri brilharam dois relampagos de satanico regosijo, e seus delgados labios entreabriram-se-lhe sorrindo, como deve sorrir-se o espirito do mal.

Pensando d'este modo affastou-se do seu esconderijo, perdendo-se nas sombrias ruas de arvores dos jardins.

Instantes depois tornou a apparecer n'elles acompanhado de dois velhos zegries e de cinco cavalleiros jovens, pertencentes á tribu dos venegas.

A lua nova, que começava n'aquella occasião a elevar-se no céu, allumiava debilmente os mouriscos edificios de Granada.

Era meia noite, e nos elevados minaretes soava a voz dos muezzines.

*
* *

Bulcami El-Meléc conduziu os individuos que o acompanhavam, até uma estreita rua de arvores ou bosquezinho onde o copado arvoredo formava uma especie de abobeda.

D'aquelle sitio, e occultos nas sombras, podiam vêr perfeitamente a sultana e Aben-Hámet.

Este ultimo ajoelhára-se aos pés da esposa de Boabdil, e beijava-lhe a mão.

N'aquelle momento agradecia á sultana, que lhe tornava a prometter havia de fazer todo o possivel para que Bulcami lhe concedesse a mão da filha.

Um raio da lua illuminava debilmente tão formoso grupo, filtrando-se, por assim dizer, por entre as folhas das arvores.

Quão longe estavam Alfáima e Aben-Hámet de pensar no terrivel perigo qne os ameaçava!

*
* *

O alcaide Bulcami, dirigindo-se aos que o precediam, fêl-os parar com um gesto imperioso, e depois apontando-lhes a sultana e o abencerraje, disse-lhes com voz surda:

—Eis ahi a prova do adulterio! Já vêdes que vos não enganava.

Um murmurio de indignação circulou entre os anciãos e venegas.

Um dos primeiros, o mais velho, cobriu os olhos com ambas as mãos e invocou o nome de Allah.

—Quando seja necessario—perguntou o alcaide—attestareis o que estaes vendo?

—Oh! sim!—responderam unanimemente e sem vacillar as testemunhas do supposto crime de Aben-Hámet e Alfáima

—Está bem—accrescentou Bulcami.—Agora voltemos para o lado do sultão, por cuja honra estão obrigados a velar todos os bons musulmanos.

—Vamos—disseram todos.

E com o mesmo silencio com que tinham vindo até áquelle sitio, tornaram a internar-se nos amenos e sombrios bosquesinhos do Generalife.

VI

A accusação

O festim continuava animado e brilhante.

O rei Boabdil, denominado em melhores chronicas o *Moço,* e por seus vassalos *o zagoibi* (*), achava-se entretido em deliciosa prática com a bella Selima, irmã do alfaqui-mór Jusef-Aben-Comija.

N'aquella epocha, os mouros granadinos estavam muito mais civilisados do que os seus descendentes, os actuaes habitantes de Barberia, e não punham duvida alguma em que suas mulheres embellezassem com a sua presença as *zambras,* as corridas de touros, e os jogos de péla e de canas.

Entretido se achava Boabdil, repetimos, quando Bulcami El-Meléc se lhe aproximou.

—Bem vindo, Bulcami—disse-lhe alegremente o monarcha.—Aonde tens estado até agora? Muito te fazes desejar, meu sisudo alcaide, e merecias que não te apreciasse tanto como te aprecio.

Um amargo e sinistro sorriso animou um tanto o severo rôsto do zegrie.

(*) *Desgraçadinho.*

Repetiu Boabdil a pergunta, e o traidor mouro respondeu n'estes termos:

—Todo o bom vassallo, senhor, deve empregar as suas horas em bem do monarcha a quem serve.

—Perfeitamente; e então?

—Então... não vim mais cedo beijar-vos as plantas, porque m'o impediu um dever muito mais importante: o dever sagrado de velar pela vossa honra.

—Que dizes, Bulcami?... Explica-te, viva Allah!

—Explicar-me-hei, poderoso sultão, pois esse mesmo dever me obriga a isso. Sei que as minhas palavras vão obscurecer-vos o semblante e encher a vossa alma d'amargura, de cólera e de dôr; mas não importa; se eu guardasse silencio seria tambem culpado.

Este pouco tranquillisador preambulo, fez agitar Boabdil na cadeira d'espaldar em que se assentava.

Bulcami fallára em voz alta e com accento lugubre.

Isto chamára a attenção de muitas pessoas, as quaes desejosas de saber alguma curiosa noticia, agruparam-se a curta distancia ao redor do grupo que formavam Selima, Boabdil e Bulcami El-Meléc.

—Sabei, senhor, que uma feliz casualidade (e digo feliz, porque se não fosse tal ensejo os culpados ainda continuariam occultando o seu crime, sabe Allah por quanto tempo), me fez descobrir um vergonhoso segredo, um segredo que fará gemer de afflicção Granada inteira!...

—Mas, pelo Santo Propheta!—exclamou Boabdil com a voz bastante alterada—Queres dizer por uma vez de que é que se trata?

—Tracta-se, senhor, da vossa honra!

—Céus!...

—Aqui mesmo, na presença de toda a vossa côrte, na vossa presença, e á fé de honrado cavalleiro, ergo a minha voz para accusar de adultera a sultana Alfaima! Perdoai-me, gran-senhor, se derramo em vossa alma parte da amargura de que está coberta a minha, pois as magoas do meu rei são minhas tambem!...

Profundo silencio succedeu a estas palavras.

Boabdil, pállido como um cadaver, com os olhos ferindo fogo e os labios trémulos, levantou-se com serenidade do lugar que occupava, e olhando em cheio Bulcami, sem pestanejar sequer, disse-lhe:

—Se mentiste, ha verdugos em Granada!

—Nunca minto!—replicou o zegri sem se desconcertar—O meu unico delicto, e por Allah, senhor, que não merece tal nome a minha revellação, é ter turbado o vosso animo! Se isto merece castigo, castigae-me n'esta mesma hora; estou prompto a dar a minha cabeça ao verdugo!

Dizendo isto, Bulcami, poz um joelho em terra diante de Boabdil.

Póde dizer-se que se teria sentido o vôo d'uma mosca no vasto salão onde tinha lugar esta scena.

Todos estavam consternados, mudos de assombro, e nem uma só exclamação turbou o silencio.

Finalmente, Boabdil rompeu-o, dizendo com voz de trovão e com uma firmeza de que ninguem o julgaria capaz:

—As provas da tua accusação, Bulcami El-Meléc;

e ai da tua cabeça se essas provas não são claras e terminantes!

—Fui testemunha do crime da sultana—disse o zegri—e sete cavalleiros sem mancha, nobres como os que mais o são, me acompanhavam.

—Quem são esses cavalleiros?—perguntou o sultão.

Os dois anciãos zegries e os cinco jovens da tribu dos venegas avançaram pausadamente.

O circulo dos curiosos e assombrados cortesãos abriu-se, para lhes dar passagem.

A scena cada vez se ia tornando mais interessante, mais terrivel.

—Fallae!—gritou Boabdil, dirigindo-se aos recem-chegados.

Um dos velhos disse com o cunho da verdade e da convicção:

—Nobre senhor! Doe-me a alma ao ter de confessar que são certas as palavras de Bulcami! Eu, porque assim m'o ordena a consciencia, tambem accuso a sultana!...

—E tu?—perguntou Boabdil ao outro ancião.

—Vi na parte mais retirada do jardin—respondeu este sem vacillar—Alfáima: um joven se ajoelhava ás plantas da rainha e beijava-lhe a mão apaixonadamente.

—Nós—disseram os cinco mancebos venegas, levando com movimento unanime a mão ao peito e inclinando tristemente a cabeça—fomos igualmente testemunhas da leviandade da sultana.

Boabdil passou uma das mãos pela fronte, e reflexionou por alguns minutos.

Sua mãe Zoraya, mulher já entrada em annos, mas ainda assim cheia de fogo e vivacidade, e inimiga occulta de Alfáima, não apartava os olhos d'elle.

Depois de prolongado silencio, o sultão disse com ar tranquillo, mas sob cuja apparencia bem se notava a tempestade que lhe rugia no coração:

—Levanta-te, Bulcami.

Bulcami obedeceu, largando a sua humilde postura.

—Accusas-te de adultera a sultana—continuou Boabdil—e dou credito á tua accusação, agradecendo ao mesmo tempo o bom zêlo que sempre tens empregado no meu serviço. Mas é necessario, indispensavel, seguindo alheios costumes, sujeitar a sultana ao juizo de Deus. Estás disposto a sustentar a tua accusação?

—Sustental-a-hei—respondeu o zegri—com lança, cimitarra e funda; a pé e a cavallo; desde que nasça o sol até que se occulte; e Allah me ha de fazer sahir vencedor de todos os que pretendam defender a causa de Alfáima.

—Está bem—disse Boabdil com a mesma tranquillidade.

Logo dirigiu um penetrante olhar aos cinco venegas.

Estes comprehenderam que aquelle olhar equivalia a uma pergunta, e accudiram:

—Nós tambem estamos promptos a sustentar a nossa affirmativa, e pelejaremos até morrrer á vista do povo granadino.

—Que procurem a sultana—gritou Boabdil apoz um

novo momento de silencio, dirigindo-se aos eunucos que guardavam a porta do salão.

—Aqui estou senhor—disse Alfáima, que entrava n'aquelle mesmo instante acompanhada de Aben-Hámet.

Os cortesãos que formavam circulo á roda do sultão e dos accusadores d'aquella desgraçada, separaram-se, collocando-se uns á direita e outros á esquerda do monarcha.

Alfáima adiantou-se só até chegar perto de seu esposo, e parando então, disse com ternura, cravando docemente os olhos no rosto de Boabdil:

—Que me ordenaes, meu esposo?

Em vez de responder a esta pergunta, o sultão dirigiu um olhar para o fundo do salão, e vendo agrupados á porta alguns soldados da guarda negra, disse-lhes imperiosamente, indicando Alfáima com desprezo:

—Prendei esta mulher, e levai-a n'uma cadeirinha á torre da Agua! Respondeis-me por ella com a vossa cabeça.

O espanto e a dôr mais aguda se reflectiram no formoso rosto da enamorada rainha.

Na occasião em que os guardas a agarravam por ambos os braços, perguntou banhada em lagrimas!

—Qual é o meu delicto?

Nenhuma voz respondeu á pergunta da innocente senhora, e a infeliz sahiu do salão impellida brutalmente pelos dois guardas negros.

Entre tantos homens que se presavam de cavalleiros, entre tantos cortesãos como alli se achavam reunidos, sahiu a defender a formusura opprimida!

Só houve um, que fazendo um movimento involuntario, filho d'um impulso generoso, deu alguns passos e estendeu os braços para Alfáima no momento em que esta desapparecia arrastada pelos guardas.

Mal disfarçado sorriso de goso infernal brilhou no semblante de Bulcami.

O malvado reprimiu instantaneamente aquelle sorriso, e dirigindo a palavra a Boabdil, ao mesmo tempo que apontava para o abencerraje, exclamou affectando uma grande indignação:

—Ahi tendes, senhor, o vil amante da sultana! Elle mesmo acaba de se descobrir! Reparae na sua perturbação e na condemnavel tristesa que se lhe desenha no rôsto...

Effectivamente o energico rosto de Aben-Hámet, estava coberto de tristeza.

Todavia, aquella tristeza não tardou a ser substituida pelo furor mais vivo, ao vêr-se accusado pelo seu inimigo mortal.

Reprimindo com extraordinario custo a ira, porque a presença do sultão o continha, deu alguns passos para Bulcami El-Meléc, e arrojando chammas pelos olhos, disse-lhe:

—Mentes, covarde! A sultana está pura como a acuçena, e a ti e a todos os villões que se atrevam a polluir com a torpe calumnia o limpido crystal da fama de tão preclara senhora, eu, o descendente dos antigos califas de Damasco, repto-vos a morrer em campo aberto ou cerrado! Dá graças, infame Bulcami, por estarm'os na presença do nosso nobre senhor, a quem Deus

proteja e exalte, senão aqui mesmo te arrancaria a alma envolta no teu sangue ruim e miseravel! Mas ver-nos-hemos n'outro sitio, e então o meu ferro saberá buscar o caminho do teu coração.

Tão forte ameaça fez empallidecer Bulcami El-Meléc, não de medo, mas de raiva.

Com o coração tresbordando de furiosa ancia, balbuciou estas palavras:

—Acceito o repto, e beber-te-hei o sangue odiado!

—Equivocas-te, alcaide—replicou Boabdil friamente—A vida d'esse homem pertence ao verdugo.

O animo do nobre abencerraje afrouxou escutando aquella sentença, que provava que o sultão acreditava cégamente na accusação do infame Bulcami.

Afrouxou, repetimos, não porque tivesse temor algum á morte, mas porque julgava impossivel provar a innocencia da sultana e a sua propria.

*
* *

A guarda negra conduziu tambem o abencerraje a um escuro calabouço.

Zoraya inclinou-se ao ouvido de seu filho, que estava mudo e sombrio, e, com admiravel expressão, disse-lhe baixinho:

—Dou graças ao céu, filho da minha alma, ao ver-

te demonstrar bravura e energia. Assim devem ser os reis: assim era teu pai...

. . . . . .

VII

A expressão da verdade

Com a rapidaz do raio circulou em Granada a noticia de que Alfáima e Aben-Hámet tinham sido accusados de adulteros diante do sultão e de toda a sua côrte

Noticia de tal transcendencia saltou tambem os muros da cidade e chegou ao acampamento christão, que cada vez tinha mais provabilidades de levantar o côrco, e entrar triumphante na opulenta cidade.

A fome pesava já sobre esta d'um modo horrivel, e o descontentamento era geral.

*
* *

Ninguem duvidava, e Boabdil era o primeiro, de que Alfáima era culpada.

Aquella infeliz, sepultada n'um calabouço, prisão indigna da sultana de Granada, ignorava comtudo o crime de que à accusavam.

Estava só com a sua dôr, e dos seus formosos olhos deslisava-se um oceano de lagrimas.

Seu esposo, o homem a quem adorava, tinha ordenado a sua prisão, sem ao menos lhe conceder um olhar, e tractando-a com o maior despreso.

—Que fiz eu, oh! Allah!—exclamava a pobre rainha —Que fiz eu para que assim me maltratem?.. Ai! cruel e meu amado Boabdil! Tu não ignoras quanto te amo; bem sabes que és o meu Deus, o idolo do meu coração, e não só me votas ao despreso, mas ainda me encerras n'este medonho calabouço! E' talvez um crime o amar-te com excesso?.. Se o amor que te consagro merece castigo, arranca-me este coração onde reinarás despoticamente, emquanto me restar um sôpro de vida! Ah, Boabdil, Boabdil! Amaste-me outr'ora; tempo venturoso que já passou para nunca mais voltar... e o teu carinho só teve a duração d'um relampago! Porque não haviam de durar ainda tão venturosos momentos?..

.....

A terna Alfáima queixava-se d'est'arte, quando se abriu a porta da prisão em que gemia, e entrou um ancião de venerando aspecto.

Comprida barba, branca como a neve das serras, cercava-lhe o rosto sulcado de rugas; seus olhos eram a um tempo meigos e de olhar perspicaz, e no semblante lia-se-lhe uma tal expressão de benevolencia que o tornava extremamente sympathico.

O nome do ancião era Muley-El-Mokatam.

Muley, o mais considerado ulema, o mais sabio doutor de Granada, interpretava a seu modo a lei de Ma-

foma, e longe de ser fanatico como os seus companheiros, era tolerante; o seu coração era cheio de misericordia para os que delinquiam, e acudia sempre aonde era preciso enchugar lagrimas de afflicção.

Qnando soube da desgraça de Alfáima, quiz vêl-a para lhe proporcionar alguma consolação, e Boabdil concedeu-lhe a permissão que sollicitava para entrar no carcere da rainha.

Já na presença da sultana, disse-lhe:

—Minha filha! Encontro-te triste e com os olhos arrasados de pranto; isso prova-me o teu arrependimento.

Muley-El-Mokatam, cria, como todo o mundo, na culpabilidade da sultana.

Esta, surprehendida, escutando a phrase *arrependimento,* cravou no ulema os olhos expressivos e cheios de candura, e com voz dolorosa exclamou:

—Não te comprehendo, veneravel Muley! Dizes que estou *arrependida,* e como tenho, e sempre tive, a consciencia tranquilla, não sei ao que alludes!

—Não sabes, dizes?

—Juro-o pelo Deus Altissimo e Unico! Hontem á noite, o sultão, meu senhor, arrojando fogo pelos olhos, ordenou diante de toda a côrte, que me condusissem a estes lugares! Perguntei de que culpa se me accusava e ninguem me respondeu! Queres dizer-me, meu pai, qual é o meu delicto?

*
* *

Muley-El-Mokatam poz-se a observar com delicadissima minuciosidade o rosto da sultana, mas esta resistiu sem pestanejar áquelle significativo exame.

Surprehendido o ancião por semelhante serenidade, que os culpados geralmente não têem, disse de si para si, mas em voz alta:

—Quem sabe! Talvez seja innocente!

—Mas, dize-me, senhor!—gritou Alfáima com dezespêro—Que crime commetti? Saiba eu por uma vez em que se funda tanto rigor! Falla, falla, eu t'o imploro!

—Accusam-te—respondeu o ancião,depois de alguns momentos de pausa—accusam-te...

—De quê, meu Deus?!

—De teres culpaveis amores com Aben-Hámet, o abencerraje!

Alfáima estava sentada n'um banco de madeira já bastante velho, e ao ouvir as palavras de Muley, ergueu-se cheia de indignação.

N'aquelle momento não era já a joven enamorada e timida, senão a rainha offendida, a rainha que se irrita e repelle a calumnia vil que pretende manchar-lhe a honra.

—Mentira! infame mentira!—exclamou com voz

trémula:—Quem foi o malvado que ousou mover a torpe lingua para arrojar sobre mim semelhante accusação?!

—Bulcami El-Meléc.

—Mente o villão! O mau cavalleiro!

—O zegri—proseguiu Muley—affirmou em presença da côrte, que te havia visto n'um lugar afastado, cercada pela mysteriosa sombra dos jardins de Generalife, e que Aben-Hámet estava ás tuas plantas beijando-te uma das mãos. E não é só Bulcami El-Meléc quem te accusa; sete individuos mais, juraram pela sua honra ter sido testemunhas de que Aben-Hámet estava ás tuas plantas!

—Então—replicou a sultana com violencia—acaso não póde um vassallo, por nobre que seja, ajoelhar-se aos pés da sua soberana sem commetter delicto algum?.. E' certo que Aben-Hámét se prostrou a meus pés e tambem é certo que me beijou uma das mãos; mas foi para me agradecer porque eu lhe tinha promettido interpôr a minha influencia a fim de que o infame Bulcami lhe concedesse a mão da filha, por quem o abencerraje está perdidamente apaixonado. Ha n'isto algum crime?

—Certamente que não, pobre sultana!—exclamou o ancião profundamente commovido, e sentindo desvanecer-se a convicção que tinha ácerca da culpabilidade da rainha moura. A expressão da verdade, essa expressão que nenhum criminoso, por mais astuto que seja, póde imitar perfeitamente, era a expressão de Alfáima.

Nos olhos da formosa joven brilhava a indignação,

e a fronte elevava-se-lhe altiva. porque não se achava toldada nem pela mais leve mancha da deshonra.

A accusada sultana continuou fallando assim:

—Apesar de que nunca me enredei nas intrigas da côrte, embora eu nada significasse n'ella, sabia que poderosos iuimigos desejavam a minha pêrda; mas o que nunca se me affigurou, o que nunca teria acreditado, é que meu esposo desconfiasse de mim até ao extremo de me mandar encerrar n'um calabouço, sem ouvir-me, sem permittir que eu defendesse a minha innocencia. Muito bem! Deus, para quem não ha nada occulto, Deus que lê nos corações das suas creaturas, velará por mim!..

VIII

Campeão que elegeu a sultana Alfáima para que sahisse a defendêl-a. O clarim e a voz do pregoeiro

—Disseste bem, minha filha!—exclamou Muley El-Molkatam, profundamente enternecido.—Deus vê tudo. Deus que é a infinita misericordia, faz brilhar sempre a innocencia perseguida, e castiga os malvados! Mas é necessario que não te deixes desanimar pela dôr, que...

—Desanimar eu?—gritou Alfáima, interrompendo o ancião.—¡Não o creias, sabio Muley. Se eu desanimasse n'esta occasião, seria o mesmo que confessar um crime que não commetti, nem mesmo no pensamento. Não desanimarei, não. Desde este instante já ninguem verá deslisar o pranto pelas minhas faces; já ninguem ha-de ouvir os meus suspiros de afflicção. Sou a sultana de Granada, sou pura; e já como mulher digna, já como rainha, tenho precisão de elevar com serenidade a minha fronte!

—Tambem é preciso—accrescentou o ulema—que nomeis defensores que combatam contra aquelles que te accusam: estás sujeita ao juizo de Deus.

—Já o presumia—disse Alfáima sem se transviar.

Nomearei pois os meus defensores, ou para melhor dizer, o meu defensor.

—Em boa hora—preseguiu Kuley.—Em Granada ha cavalleiros que terão como grande honra o sahir em tua defeza.

—Oh! não!—exclamou a esposa de Boabdil, com firmeza, interrompendo de novamente o ancião.—Não escolherei o meu campeão entre nenhum d'esses cavalleiros.

—Que dizes, minha filha?

—Todos os que de cavalleiros se prezam—proseguiu a sultana—estavam hontem á noite no Generalife, na occasião em que meu esposo mandou que me conduzissem a este carcere. Estendi a vista á roda de mim. Nem um olhar compassivo nos olhos d'aquelles homens, nem uma compassiva exclamação se lhes soltou dos labios!.. Julgavam-me culpada, e apartavam-se de mim com repugnancia. Como queres, pois, que enristem por mim uma lança, quando crêem que sou delinquente?.. Se lhe dirigisse uma supplica, não a attenderiam, ou antes iriam ao campo sem fé, sem o generoso arrojo que inspira uma nobre causa.

—E então, sultana, a quem recorrer?

—Aos cavalleiros christãos!—respondeu Alfáima, sem vacillar um só instantante.—Ha um, entre elles, que é modêlo de cortezia e de valor, e cujo nome vôa nas azas da mais justa fama.

—Como é o seu nome?

—Gonçalo de Cordova.. As leis da cavallaria tanto regem para mouros como para chistão, e Gonçalo

de Cordova ha-de escutar a lamentação d'uma dama opprimida e vilmente calumniada.

Muley El-Mokatam inclinou a cabeça sobre o peito, e esteve por alguns momentos pensativo, parecendo reflexianar. Depois ergueu a cabeça e com expressão pausada disse:

—Approvo a tua determinação, senhora. Esse christão gosa de grande fama, effectivamente, não só entre os seus, mas tambem entre os musulmanos, pois o seu valor corre parelhas com a sua fidalguia. Elle virá a Granada, e vencerá os mantenadores da infame calumnia.

*
* *

Muley ia proseguir, mas as notas agudas e vibrantes d'um clarim que soava nas ruas da cidade, impediram-lh'o.

—Que é isto?—perguntou Alfáima.—Não obstante os muros da masmorra serem muito fortes e espessos. tambem alli penetrou o ecco enfraquecido pela distancia, d'uma voz confusa e atroadora.

Muley prestou attenção, e ao cabo de breves instantes, respondeu:

—Esse clarim e essa voz são um pregão annunciando aos habitantes de Granada que a sua sultana está presa, e proximo o juizo de Deus.

—Cumpra-se a sua vontade!—murmurou a esposa de Boabdil, com santa resignação.

—Oh!—exclamou o ancião—O coração me annuncia que a cidade cahirá bem depressa em poder dos nossos inimigos! Emquanto elles, perfeitamente de accordo, todos fraternalmente unidos, se encaminham para um fim—a conquista de Granada—os nossos guerreiros não pensam n'outra cousa senão em combater uns contra os outros, satistazendo os odios que mesquinhas rivalidades lhes suscitam nos corações! Render-se-ha Granada! perderemos esta cara patria, ultima e inestimavel joia da corôa de Boabdil!..

IX

Carta da rainha moura

N'aquelle mesmo dia um mouro que não levava comsigo arma alguma, aproximou-se do acampamento christão, agitando um panno branco sobre a cabeça. Detiveram-n'o antes que passasse as trincheiras, e disse que desejava fallar a Gonçalo de Cordova. Manifestavam as sentinellas algum receio, mas o mouro lhes disse:

—Não temais, christãos. Venho completamente desarmado. Podeis revistar-me, se duvidaes das minhas palavras.

—Para que desejas vêr o nobre Gonçalo de Cordova?—perguntou o conde de Benavente, que n'aquelle dia commandava as avançadas.

—Sou mensageiro da sultana Alfáima—respondeu o granadino—e trago para elle lettras de minha senhora.

—E' verdade que a sultana está prisioneira e accusada de adultera?

—Certo é!—affirmou o mouro, suspirando e movendo tristemente a cabeça para todos os lados.—Allah permittiu que a lingua d'um perverso a accusasse, mas não permittirá que o iniquo triumphe!..

*
* *

Avisaram Gonçalo de Cordova, que acudiu apressado ás trincheiras.

—O Poderoso Deus Grande e Unico—disse-lhe o mouro, inclinando-se diante d'elle profundamente—te proteja e exalte.

—E a ti tambem—accrescentou o valente caudilho.

O mensageiro metteu a mão direita debaixo do seu branco alquicel (jaleco), e de sobre o peito tirou um pergaminho enrolado e seguro com um cordãosinho de seda verde. Depois de beijar o pergaminho, entregou-o a Gonçalo de Cordova, dizendo-lhe:

—A sultana de Granada envia-me a ti com este pergaminho. Digna-te inteirar-te do seu contheúdo, e dá-me a sua resposta, que é esperada com anciedade.

Gonçalo de Cordova leu a missiva, que era concebida n'estes termos:

«*Nobre christão!*

«Uma dama captiva, innocente apesar de estar accusada de haver commettido um crime que infama, acode a ti no seu tormento.

«Ao teu denodado valor, ao teu cavalheirismo nunca desmentido, confia a justiça da sua causa, rogando a Allah que prolongue teus dias.

«De preferencia aos nobres da minha patria, aos meus irmão na religião, encommendo-te a minha defeza.

«Sê meu amparo, quebra por mim uma lança, e faze que brilhe a innocencia d'esta pobre rainha, hoje triste e abatida: o céo estará da tua parte.

«As manchas que cobrem este pergaminho, são lagrimas que brotam de meus olhos! A minha alma está pesarosa, e os meus labios suspiram, pois para esta infeliz já não ha ventura possivel!

«Perdôa, nobre Gonçalo, as minhas palavras d'amargura!..

«A'manhã ao nascer do sol, sahirei da minha prisão para ser exposta sobre um cadafalso á indifferente curiosidade do povo granadino. O verdugo atiçará a fogueira ou afiará o cutello que ha-de pôr termo os meus dias, se os meus inimigos triumpham. Os

que de adultera me accusam, combaterão em quanto houver um só defensor d'esta desventurada, e até que se occulte o astro do dia.

«Então, se a torpe calumnia tiver vencido, Alfáima morrerá!

«Mas confio em Deus e na força do teu braço, que farás morder a terra aos que desejam a minha morte.

«Acceita, generoso christão, acceita a missão de defender a captiva sultana.

«Se a minha malaventurada sorte faz que repulses a minha supplica, então não sei para quem voltarei os olhos; então posso já dar-me por morta.

«Morreria satisfeita n'esta occasião, se o meu nome não ficasse coberto com o labéo da deshonra.

«Adeus, meu defensor, (e chamo-te meu defensor, porque não duvido que acolherás o meu pedido). Guarde-te o céu, ao qual não cessa de rogar pelo teu bem

Alfáima,

Sultana de Granada.

—Sim, que irei!—exclamou com bravura Gonçalo de Cordova, depois de ter lido a carta da rainha moura.

—De que se trata, se posso sabêl-o?—perguntou o conde de Benavenle.

—Lêde, meu amigo!—respondeu Gonçalo, entregando-lhe o pergaminho.

O conde leu-o, e depois devolvendo-o ao *Gran-*

Capitão, disse-lhe, não sem uma tal ou qual inveja que em vão tractava de reprimir:

—Tendes sorte, valoroso Gonçalo! Eu daria a metade da minha vida para que a sultana se tivesse dirigido a mim! Porém, vós valeis mais, infinitamente mais do que eu (accrescentou suffocando o ruim sentimento que involuntariamente principiava á dominar-lhe o coração, e cedendo sómente aos generosos impulsos do nobre sangue que lhe circulava nas veias). Acceitae o meu parabem, cavalheiro.

Gonçalo de Cordova apertou a mão que lhe estendia o conde, e correu a sollicitar licença dos reis catholicos para declarar-se campeão da sultana.

Concederam-lhe a permissão que pedia, Fernando e Isabel.

O primeiro deu-lhe igualmente o parabem, e a segunda disse-lhe com o enthusiasmo e amabilidade que a distinguiam, e que lhe valeu tantos e tantos admiradores:

—Sinto-me orgulhosa, bom Gonçalo, vendo ao redor do throno de Hespanha cavalleiros de tanta valia. Vae a Granada, proseguiu — ligeiramente commovida—e ampara essa pobre rainha!

*
* *

Gonçalo de Cordova beijou a dextra dos seus monarchas, pela mercê que lhe faziam, e voltando ás trincheiras, disse ao mensajeiro de Alfáima:

—Dize á tua senhora, que quando seja o momento opportúno, vêr-me-ha no palanque armado de ponto em branco, disposto a derramar por ella até á ultima gôta de sangue. Dize-lhe tambem, excellente servidor, que agradeço com toda a minha alma a honra que me faz, e que procurarei não deixar desmentidas as esperanças que em mim depositou. Com o favor de Deus vencerei os seus inimigos.

Pronunciando estas cavalleirosas palavras, offereceu ao mouro um punhado de moedas; mas o mensageiro de Alfáima repelliu-as sem orgulho, mas com dignidade.

Gonçalo de Cordova tirou então do dedo indice da sua mão esquerda um grosso annel de ouro, em que se viam toscamente gravadas as armas da sua casa, e apresentando-lh'o, perguntou-lhe:

—Supponho que não regeitareis o meu annel de cavalleiro?

—Não—respondeu o mouro com gravidade, recebendo o presente e mettendo-o n'um dos dedos—Com este annel hei-de ser enterrado, e me recordará a toda

a hora que tive a alta honra de fallar com um dos mais nobres e valorosos capitães do nosso seculo.

Dito isto fez uma profunda zalema de cortezia, e montando n'um arrogante corcel de batalha, em que viera até ao acampamento christão, dirigiu-se a Granada a todo o galope.

*
* *

Gonçalo da cordova começou a fazer os seus preparativos.

A alegria animava-lhe as nobres e regulares feições, e o coração valoroso e esforçado palpitava-lhe de enthusiasmo.

Todos lhe davam os parabens, todos á profia se apressavam a felicital-o, pois todos sabiam já que era o cavalleiro eleito pela sultana de Granada para que combatesse por ella no dia seguinte, na cidade mourisca.

A ninguem occorreu o pensamento de que o Gran-Capitão podia correr o perigo de cahir prisioneiro.

N'aquelle seculo cavalleiroso, a traição não era tão vulgar como nos tempos que vão correndo.

X

O juizo de Deus

Amanheceu.

Muito antes de nascer o sol, uma das praças mais vastas da poetica Granada via-se cheia de immenso povo, que esperava silencioso um notavel acontecimento.

A praça fôra preparada convenientemente, da mesma fórma como se se tractasse de uma justa ou torneio.

Alta paliçada; lugares reservados para o sultão e sua côrte, um balcão em que deveriam tomar assento os juizes do campo, e commodas e extensas bancadas para o povo.

Na paliçada, e uma em frente da outra, abriam-se duas portas bastante largas, que podiam dar passagem a um homem armado e a cavallo.

A uma d'aquellas entradas denominaram—Porta de Granada,—e a outra chamava-se—Porta da Veiga.

Em frente do sitio que devia occupar o sultão via-se um tablado para o qual se subia por cinco degraus estreitos.

Tablado e degraus estavam cobertos de panno preto, fazendo estranho contraste com o resto da praça, enfeitada com ricos tapetes e coberturas de seda de damasco.

Ao pé do tablado havia um cêpo.

Um homem estava assentado n'elle, apoiando as mãos no cabo de um machado de afiado córte.

Perto da porta de Granada havia tendas de campanha, e outras duas proximas á porta da Veiga.

As tendas eram de téla branca, e estavam adornadas com flamulas e galhardetes.

*
* *

O povo não se atrevia a demonstrar a sua impaciencia com gritos e alegres demonstrações, como costumava nos dias em que se lidavam touros, ou tinha lugar um torneio.

Todos conversavam em voz baixa, e todos os semblantes estavam cobertos de uma sombria nuvem de tristeza.

A sultana Alfáima era muito querida em Granada, e aquelle idolo do povo ia vêr-se sujeito a um juizo tremendo—*o juizo de Deus*.

Podia sahir livre d'elle, mas tambem podia acontecer que ficassem vencidos os seus defensores, e... então alli estava o verdugo para segar o formoso collo da gentil e virtuosa rainha.

O povo acreditava que a sua soberana era adultera, mas adultera e de toda a maneira estimavam-n'a sempre.

Por isso estava triste, desanimado; por isso d'aquella numerosa multidão só se elevava um confuso murmurio, resultado das conversações travadadas como em segredo.

*
* *

Ouviu-se o som estridente d'um clarim, e pela porta de Granada entrou Alfáima, coberta dos pés á cabeça com um espesso véu de côr cinzenta.

Caminhava sem arrogancia, mas tambem sem abatimento, como toda a pessoa a quem não intimida o peso da culpa nem o dos remorsos.

Muley El-Mokatam ia a seu lado, e na retaguarda, e armados como para entrar em batalha, seguiam-n'a seis cavalleiros abencerrajes.

O ancião ulema estava triste; os abencerrajes estavam sombrios, e anciosos por medir as suas armas com os accusadores da sultana.

Alfáima subiu ao tablado, e assentou-se n'uns coxins, que um pagem collocára poucos momentos antes.

Logo que ella se assentou, subiram ao balcão os juizes do campo, que eram tres cavalleiros anciãos, pertencente um á tribu dos venegas, outro á dos alavezes, e o terceiro á dos abencerrajes.

Por ultimo, Boabdil o Moço, sua mãe Zoraya, e os mais altos dignatarios e as damas da côrte, occuparam

os seus competentes lugares na respectiva tribuna, ao som dos anafis, tambores, trombetas e charamellas, que tocavam junto da tribuna, ou estrado real.

O povo, em massa, levantou-se, saudando o sultão, não com ruidosas acclamações, mas apenas inclinando-se.

Alfáima tambem o saudou, levantando-se ligeiramente, e crusando as mãos sobre o peito.

Correspondeu Boabdil á saudação popular, mas não fez caso algum, ou fingiu não vêr, a reverencia que lhe fizera a sultana.

*
* *

A um signal do monarcha mouro soaram de novo as trombetas e anafis, e das tendas dos mantenedores sahiram Bulcami El-Meléc e os cinco cavalleiros venegas, e montaram os cavallos que lhes tinham preparados os seus escudeiros.

Os seus adversarios, os abencerrajes, que tinham acompanhado Alfáima, não se fizeram esperar, e montaram tambem, collocando-se uns em frente dos outros, dispostos a submetter-se logo que os juizes do campo fizessem o signal.

Bulcami El-Meléc cobria o corpo com uma brilhante armadura de damasco, sobre a qual levava uma véstia de seda encarnada, bordada a ouro e prata. Encar-

nada era tambem a côr do seu turbante e o cordão da sua lança,

O rôsto do malvado estava tranquillo.

A sua perversa alma não experimentava a menor inquietação, e parecia estar seguro da victoria...

Ricos, fortes e brilhantes, eram tambem as armaduras dos abencerrajes e venegas.

Cada um d'aquelles bandos ostentava as côres da tribu a que pertencia, tanto nas véstias como nos cordões das lanças e xairéis de seus cavallos.

Dado o signal, uns e outros cravaram os acicates em seus respectivos cavallos, e se investiram lança em riste e a todo o galope.

Do primeiro recontro ficaram estendidos no solo dois abencerrajes e outros tantos venegas.

Bulcami El-Meléc não derribára o seu contrario; este, porém, poucos momentos depois, não podendo resistir ao tremendo bote de lança que o zegri lhe assestára no meio do peito, deixou-se cahir do cavallo, arrojando torrentes de sangue pela bocca.

Sobre a arena viam-se alguns pedaços de armadura, borlas das véstias e cordões de seda.

Como as forças já não eram iguaes, um dos mantenedores retirou-se á sua tenda, e os outros dois e Bulcami tomaram outra vez campo e prepararam-se para uma segunda investida.

Esta tambem foi terrivel.

Um abencerraje e um venega perderam os estribos e cahiram com todo o peso do corpo no chão.

O abencerraje estava ferido n'um braço, do qual a

lança do seu inimigo tinha desmantelado a armadura, e o venega, moribundo e prestes a exalar o ultimo alento.

Os dois feridos foram retirados.

Bulcami apeou-se rapidamente e o seu contrario fez o mesmo.

Os outros dois combatentes imitaram-n'os, e todos quatro, depois de desembainhar as cimitarras, accommetteram-se com o mais violento furor.

O animo dos espectadores estava suspenso.

Os golpes redobrados que soavam sobre os escudos e armaduras, faziam gemer dolorosamente o coração de Alfáima, que vira cahir um por um quasi todos os partidarios da sua causa, que até então se haviam apresentado na liça.

D'aquelles partidarios bem depressa não lhe restou senão um—o que combatia com Bulcami El-Melèc.

Tanto este como o seu adversario eram bravos e de forças herculeas, e ninguem podia prever da parte de quem ficaria a victoria.

Ambos os luctadores com o olhar scintillante, o rôsto animado, cançada a respiração e sem pestanejarem, multiplicavam seus golpes procurando ferir-se de morte.

Era o zegri um terrivel adversario, e tanto nas guerras civis que haviam enluctado Granada, como nos combatès contra christãos, ganhára reputação de homem invencivel.

O abencerraje conheceu bem depressa a robustez do braço do alcaide, recebendo um formidavel golpe sobre o capacete que sobrepujava o turbante, ferimen-

to que depois de partir o capacete ao meio como se fosse um objecto de leve resistencia, fez penetrar o ferro no craneo.

O abencerraje deixou cahir a espada e o escudo, e cambaleou como se estivesse embriagado.

Corria-lhe o sangue em abundancia polo rôsto, depois de ensopar o tecido do seu turbante.

Não podendo suster-se de pé por mais tempo, soltou um gemido profundo e doloroso que achou echo no peito de Alfáima, e cahiu em terra com o mesmo peso com que cahe o tronco ferido pelo machado do rachador.

Surdo murmurio circulou entre a multidão.

Isto podia tomar-se por uma acclamação, por uma especie de applauso dado a Bulcami El-Meléc, e este depois de saudar o sultão com sua afiada cimitarra, saudou tambem o povo.

O abencerraje agonisante foi retirado para a sua tenda, na qual expirou em poucos instantes.

Bulcami tambem se retirou para tomar alento, a fim de continuar pelejando com os contrarios que successivamente se fossem apresentando.

XI

Victoria de uma causa santa

Passou-se muito tempo sem que se apresentassem na praça novos campeões da sultana.

Por fim, pouco depois do meio dia, tres cavalleiros abencerrajes entraram a cavallo pela Porta da Veiga, e foram mutilar com o couto das lanças os escudos dos mantenedores, que estavam collocados á entrada das tendas.

Um dos juizes do campo baixou á praça e *partiu o sol*, a fim de que os raios do astro do dia que inundavam Granada com sua luz brilhante, não molestassem os combatentes, a uns mais do que aos outros.

Em compensação... os seus companheiros roláram pela terra, e dos tres abencerrajes, um ficou morto no acto e os outros dois tiveram que confessar-se vencidos depois de romper lanças com o zegri, que, como Achilles, parecia invulneravel.

Alfáima achava-se cada vez mais apurada, não por temor á morte, já o dissemos, mas porque o seu nome ia ficar deshonrado.

Mas porque não acudia a Granada Gonçalo de Cordova, o valente entre os valentes, o cavalleiro sem mancha?..

Tinha dado a sua palavra de que iria combater com os montenedores, e só um acontecimento imprevisto podia impedir que faltasse á sua promessa.

Boabdil déra ordem para que se lhe facilitasse a entrada na cidade, e bem assim a todas as pessoas que o acompanhassem.

O povo sabia já que a sultana nomeára para seu defensor ao cavalleiro christão; e por isso desajava ardentemente que este se apresentasse na arena, em primeiro lugar, pela novidade do caso, e em segundo, porque esperava que vencesse a Bulcami, a quem tantos cavalleiros e tão esforçados não tinham conseguido fazer morder a terra.

Quanto ao zegri, não sentia pesar algum, observando que Gonçalo de Cordova não acudia ao convite.

Com satisfação interior, mas dissimulando perfeitamente os seus sentimentos, via que a tarde se ia deslisando, e que o sol começava a caminhar lentamente para o seu occaso.

A grande reputação que o *Gran-Capitão* gozava entre os mouros, e as suas recentes façanhas, faziam com que o calumniador se alegrasse de todo o coração por não ter que combater com elle.

—Oh! não virá!—murmurava a cada momento sorrindo-se sardonicamente—Sei perfeitamente que não virá!..

Mas a alegria do malvado alcaide foi de curta duração.

Os clarins da Porta da Veiga annunciaram a chegada de um cavalleiro, e Gonçalo de Cordova, armado

de todas as armas, e montando um arrogante corcel, entrou na praça.

O Gran-capitão obrigou o seu cavallo a ajoelhar-se diante da sultana, e esta correspondeu áquella exquisita galanteria agitando o seu alvo lenço, que ensopava de lagrimas ao vêr a derrota dos que até alli haviam sahido em sua defeza.

Gonçalo de Cordova deu a volta ao circulo que formava a paliçada, e ao passar em frente do estrado do rei, saudou a este, inclinando até ao sólo a ponta da sua lança.

Depois atravessou a praça á redea solta, e aproximando-se da tenda occupada por Bulcami El-Melêc, deu no escudo que n'ella figurava tão rija pancada com o couto da lança, que o escudo veio a terra com estrondo.

Feroz como o tigre, a quem o temerario caçador vae provocar á propria entrada do covil, quasi rugindo como um leão furioso, sahiu o zegri da sua tenda, e sem dar tempo a que o escudeiro lhe segurasse o estribo, montou a cavallo de um pulo.

Depois empunhou a lança, embraçou o escudo, e rangendo os dentes com desmedido furor, exclamou:

—Acautella-te, christão! Vou-te arrancar a vida!

Gonçalo de Cordova encolheu os hombros levemente, e sem pronunciar uma unica palavra, foi situar-se em frente do inimigo com quem ia combater.

Ambos tinham tomado o necessario campo para se lançar um contra o outro a todo o galope dos seus

ginetes, e ao ouvir o signal do clarim arrancaram com a maior bravura.

O entre-choque foi espantoso e fatal para Bulcami.

Ferido no meio do peito o infame mouro, e não se podendo sustentar nos estribos, largou a lança e o escudo, e cahiu de costas.

Gonçalo de Cordova tambem arrojou a lança, e apeando-se, desembainhou a espada.

Logo apoiou a ponta do ferro na garganta do vencido, mas este disse-lhe:

—Desejo fallar; espera.

—Deseja fallar!—gritou Gonçalo com voz estrondosa, que se ouviu perfeitamente em toda a praça, dirigindo-se aos juizes do campo.

Estes desappareceram do balcão, e encaminharam-se immediatamente para o ponto onde jazia o ferido.

Assim que os viu ao pé de si, o malogrado alcaide exclamou com voz que começava gradualmente a extinguir-se:

—A sultana é innocente do crime de adulterio!.. Conheço que vou morrer, e não quero comparecer perante o tribunal de Allah com a alma manchada! Rogae em meu nome á sultana que me perdôe!.. Perdoar-me-ha, sim, porque o rancor não póde ter cabida em sua alma, e porque a voz de um moribundo lh'o supplica! N'este momento extingue-se o odio em minh'alma! Dizei tambem aos abencerrajes que se guardem da traição! Existe um trama!.. Oh! não posso proseguir!.. Morro!..

.....

Foram estas as suas ultimas palavras.

Fez ainda alguns esforços para fallar, mas a garganta só lhe deu sahida a sons inarticulados, a phrases roucas e inintelligiveis.

Em seguida expirou, arrojando pela bocca copiosas golfadas de sangue.

*
* *

Os juizes do campo dirigiram-se á tribuna que occupava o sultão, e na sua presença repetiram com expressão alegre e commovida as palavras de Bulcami El-Meléc.

Ao mesmo tempo Gonçalo de Cordova ajoelhando-se diante de Alfáima, dizia:

—Senhora! O infame a quem com o auxilio de Deus acabo de vencer, declarou que sois innocente. Approveito esta occasião para vos agradecer a mercê que me haveis concedido, nomeando-me vosso defensor. Tardei em acudir ao palanque, porque a traição me esperava no caminho que medeia entre o acampamento real de Santa Fé, e a cidade de Granada. Havia grande interesse em que eu não chegasse a esta praça; e ao atravessar um espesso arvoredo o meu escudeiro e eu vimo-nos cercados por um consideravel numero de mouros, que nos ordenaram que im-

mediatamente voltasse-mos para o acampamento. Não quizemos obedecer; então accometteram-nos cégos de furor, e todos ao mesmo tempo. O meu pobre escudeiro ficou estendido no campo e sem vida. Eu sahi illeso da pugna, e graças ao céu, pude chegar até aqui para enristar por vós a minha lança.

*
* *

A sultana chorava de gôsto, e não lhe permittindo a commoção pronunciar palavra alguma, demonstrou o seu agradecimente a Gonçalo de Cordova, estendendo-lhe uma de suas niveas e delicadas mãos.

O Gran-capitão applicou os labios áquella mão de fada, e depois desceu á praça.

Dois escudeiros mouros cuidavam-lhe do cavallo.

Montou n'elle, e o povo que já se havia inteirado da declaração de Bulcami, rompeu então em ruidosos applausos e em bravos atroadores.

—Viva a sultana Alfáima.

—Viva o valente christão!

Gritavam infinitas vozes ao mesmo tempo.

Immediatamente viu-se Gonçalo de Cordova rodeado por um sem numero de cavalleiros, entre os quaes figuravam os mais nobres abencerrajes e alavezes.

Ao annunciar que ia partir de Granada, quizeram dar-lhe uma especie de escolta de honra, acompanhando-o até ao proprio acampamento.

Gonçalo de Cordova resistia tenazmente a isto, porque a sua natural modestia não lhe permittia acceitar tão subida distincção.

Mas os mouros mantiveram-se firmes no seu brioso proposito, e o valoroso capitão sahiu de Granada acompanhado de uma escolta de cavalleiros, da mesma fórma que se fosse um rei.

Rei podia chamar-se comtudo:—rei do valor e da fidalguia.

*
* *

A noite desenrollava já o seu estrellado manto, em que fulgiam milhares de estrellas.

O firmamento, recamado de tão fulgurantes lumes, accendia o enthusiasmo até mesmo nos peitos mais endurecidos: encantava o coração na extensão da palavra.

As meigas auras, suspirando com inexplicavel ternura, moviam brandamente os leques das palmeiras e a folhagem dos limoeiros e laranjeiras, e outras lindas arvores que cresciam louçãs nos encantadores hôrtos e uma infinidade de arroios e ribeiros que iam unir-se com o cauduloso Darro e o Genil, cruzavam com som argentino a deliciosa veiga; verdadeiro paraizo, mansão de delicias, por que ainda hoje suspiram os des-

cendentes d'aquelles cavalleiros granadinos, tão versados em sciencias, quanto valorosos no campo da batalha.

Gonçalo de Cordova cavalgava abysmado em seus occultos pensamentos, e os mouros, respeitando-lhe o silencio, guardavam silencio tambem.

Era o acatamento prestado e devido aos grandes homens, dos quaes Gonçalo de Cordova era já um rival!..

Pouco antes de chegar a Santa Fé, o conde de Benavente, o duque de Alba, o do Infantado, o condestavel de Castella e D. Affonso de Aguilar, sahiram ao encontro do Gran-capitão.

Mouros e christãos saudaram-se, senão com carinho, ao menos sem reserva, e como inimigos que se apreciam reciprocamente.

Os mouros, depois de trocar algumas ceremoniosas phrases com os cavalleiros dos reis catholicos, despediram-se d'elles, e applicando os acicates aos cavallos voltaram para Granada.

*
* *

Gonçalo de Cordova entrou em Santa Fé com a alma inundada d'essa dôce alegria, d'esse legitimo e nobre orgulho que experimentam os heroes, e foi beijar a mão dos seus reis, que o cobriram de merecidos louvores.

XII

Resolução da sultana Alfáima

Não quiz Alfáima, apesar dos rogos de Boabdil, permanecer em Granada, e acolheu-se ao amparo da piedosa rainha Izabel, que lhe offerecia franca e cordeal hospitalidade.

Seu esposo duvidára da sua virtude a ponto de a sujeitar ao mal chamado—Juizo de Deus—e sem Gonçalo de Cordova teria perecido irremissivelmente ás mãos do verdugo.

O coração de Alfáima estava ferido de morte.

Amava com excesso o homem com quem partilhara nas grandezas do throno de Granada, o homem de quem as leis a separavam desde o momento em que a havia entregado ao formidavel *juizo*; e não queria, sabendo quanto Boabdil era frouxo e credulo, que uma nova calumnia a expozesse outra vez a tão temivel transe.

Tudo teria perdoado ao monarcha de Granada, se este tivesse alguma vez sentido por ella uma paixão egual á que a joven experimentava; mas Boabdil nunca a tinha amado; nunca lhe déra o coração.

Apesar do seu amor sem limites, a venda já de ha muito cahira dos olhos da formosa rainha.

Além d'isso a sultana mãe approvava a sua resolução, e quando soube que queria ir para junto da rainha Isabel, dissera com viva satisfação:

—E' o melhor passo que póde dar.

No momento em que Alfáima se desterrava voluntariamente de Granada, dizem as chronicas que exclamou com os olhos arrasados de lagrimas:

—Já ninguem se lembrará de mim n'esta ingrata cidade, aonde tanto amei e tanto soffri!..

.....

Aquella pobre rainha, instruida nos mysterios da nossa santa religião pelo cardeal Francisco Jimenez de Cisneros, foi baptisada com o nome de Maria, sendo seus padrinhos os reis catholicos.

Nunca pôde inteiramente esquecer-se de Boabdil, e afinal foi occultar a afflicção da sua alma nas soledades de um claustro.

XIII

O pateo dos Leões—Traição infame!

A advertencia que nas ancias da morte fizera Bulcami El-Meléc, ácerca de um trama urdido na côrte contra os abencerrajes, não era de pouca importancia; era até um aviso de muito peso.

A prova d'esta nossa asserção encontral-a-ha o leitor no decurso d'este capitulo.

Os encarniçados inimigos d'aquelles valorosos mahometanos, trabalhavam sem descanço para perdêl-os.

Fizeram acreditar a Boabdil que os abencerrajes conspiravam para derribal-o do throno, entregando aos christãos a cidade, e aquelle débil e credulo monarcha assignalou os ultimos tempos do seu reinado com um acto de injustificavel barbaridade.

Aben-Hámet fôra posto em liberdade, e uma manhã, assim como todos os abencerrajes, recebeu um recado da parte do rei para que se apresentasse immediatamente na Alhambra.

O joven apressou-se a obedecer á real ordem.

Chegando ao paço viu que os pateos estavam cheios de força armada, e que os gomeles e zegries corriam de um para outro lado com estranha agitação.

Quiz passar aos aposentos do sultão, mas Meruan

Ben-Zumel, chefe da guarda negra, rogou-lhe que tivesse a bondade de esperar alguns momentos.

Aben-Hámet aproximou-se de um cavalleiro ancião pertencente á sua tribu,que, como elle, esperava tambem, e manifestou a sua estranhesa por aquella especie de detenção.

—Não posso atinar com a causa d'isto—disse o ancião.—Eu tambem fui detido no momento em que ia pôr-me ás ordens do sultão. Os nossos vão entrando um a um e não tornam a sahir. Oxalá que tanto mysterio não encerre alguma traição!

—Traição da parte do sultão, a quem Deus exalte?

—O sultão é bom—proseguiu o ancião baixando a voz—mas padece de um grande defeito; é frouxo, deixa-se dominar por gente que lhe adula as paixões, e ha-de ser sempre o joguete de validos ambiciosos. Não deveria réger os destinos do povo granadino.

O chefe da guarda negra que se aproximou de ambos os abencerrajes, poz termo a este dialogo.

Vinha dizer ao ancião que o sultão o estava esperando.

Suspirou o velho involuntaria e tristemente, como se adevinhasse o desventurado fim que lhe estava destinado, e despediu-se de Aben-Hámet com um penetrante e longo olhar.

Momentos depois o joven tambem obteve permissão para entrar.

Atravessou compridos corredores, salões magnificamente decorados conforme o gôsto oriental, e n'uns e

outros viu numerosos guardas do sultão que, armados e silenciosos, passeavam gravemente.

Para chegar até aos aposentos de Boabdil, tinha que atravessar o pateo chamado dos Leões, e com pé firme e a céga confiança propria da mocidade, penetrou n'esse magnifico pateo, que é uma das maravilhas da Alhambra.

De repente, dos labios se lhe escapou um grito de horror.

O espectaculo que acabava de se lhe offerecer á vista era sanguinolento no mais alto gráu.

Enorme multidão de cabeças amontoadas, e uma infinidade de corpos sem vida, viam-se perto da fonte sustentada por leões de marmore, que dá nome ao celebrado pateo.

Delgados fios de sangue, ainda em pequena quantidade, corriam pelas lousas, indo parte d'aquelle sangue misturar-se com as aguas do tanque que ha á roda da fonte.

As lividas cabeças eram todas de abencerrajes.

Entre ellas reconheceu Aben-Hámet a do ancião de quem acabava de separar-se.

Antes de ter tempo de sahir do seu espanto, rudes mãos o agarraram fortemente por ambos os braços.

Fez uma desesperada resistencia, mas aquellas mãos que pareciam tenazes, em lugar de ceder, levaram-n'o arrastado até junto de um cêpo ensanguentado que se via perto das cabeças empilhadas.

—Traição infame!—gritou o joven cavalleiro.

—Por traidor vais morrer!—exclamou tenebrosamente uma voz.

Obrigaram-n'o a inclinar o pescoço sobre o cêpo. Fez ainda alguma resistencia, mas a final viu-se obrigado a ceder á força brutal de seis homens que o seguravam com mãos herculeas.

Um golpe de machado separou-lhe a cabeça do tronco.

Este cahiu ao lado do cêpo; fez ainda alguns convulsivos estremecimentos, e finalmente ficou sem movimento e sem vida, entretanto que a cabeça ia augmentar o numero das que formavam a horrivel pilha.

*
* *

Não obstante o mysterio de que se rodeou aquelle acto de feroz barbaridade, e as infinitas precauções que se tomaram para que não transluzisse fóra da Alhambra a noticia de tão sanguinolentas execuções, um abencerraje que se dirigia áquelle lugar de morte, foi informado por um pagemzinho, ainda seu parente, do que se passava no Pateo dos Leões.

Cheio de horror e altamento indignado, collocou-se em observação nas cercanias da Alhambra, e a todos os cavalleiros da sua tribu que iam chegando, participou o sanguinolento successo.

E' ocioso dizer que depois d'isto nenhum dos abencerrajes entrou no palacio do sultão.

Os abencerrajes eram geralmente apreciados em Granada, pelas nobres prendas que adornavam quasi todos os individuos da sua raça; e ás surdas murmurações contra Boabdil o *Zagoibi*, succedeu o tumulto, que foi tomando corpo até parar n'uma insurreição formidavel.

Os poucos abencerrajes que haviam escapado da funebre emboscada do Pateo dos Leões, não quizeram tomar parte na revolta, para que jámais se podesse dizer que tinham tomado as armas contra o seu legitimo soberano.

N'esse mesmo dia sahiram de Granada, uns para se dirigirem á Africa, e outros a Santa Fé, buscando o amparo e protecção dos reis catholicos.

*
* *

Não estão conformes os authores quanto ao numero de abencerrajes sacrificados na espantosa mortandade; mas o que todos affirmam é que pereceram grande numero d'elles no funebre quanto formosissimo Pateo dos Leões.

N'aquelle pateo, sobre as lages de marmore que compõe o seu pavimento, vêem-se grandes manchas de côr escura.

Todos concordam em assegurar que taes manchas são de sangue—o sangue dos abencerrajes.

XIV

Adeus! adeus para sempre!..

A horrivel matança dos abencerrajes, que não só não teve o cunho de justiça, mas unicamente o da mais cruel e iniqua traição, alienou a Boabdil o pouco amor que lhe professavam os seus vassallos.

De desacerto em desacerto, de desventura em desventura, o ultimo monarcha africano de Granada corria para a sua inevitavel ruina.

Suffocada quasi ao nascer a nascente rebellião, ficou a cidade entregue aos zegries, que perseguiram encarniçadamente a todos os que haviam feito alarde de sentir sympathias pelos abencerrajes.

Deslisou-se mais algum tempo, e os granadinos, acossados pela fome, viram-se na dura necessidade de se render.

Mafóma, a quem invocavam não só nas mesquitas, mas tambem com desesperados gritos nas ruas e praças, não se dava pressa em os livrar dos horrores da morte.

As condições sob as quaes se renderam, confiados na boa fé dos reis catholicos, eram—que estes se obrigariam a respeitar as vidas, fazendas, culto, leis, ritos

e escholas dos mouros; a não alterar os seus costumes; a não lhes impôr tributo algum no prazo de tres annos, terminados os quaes tambem não os gravaria senão com os prescriptos pela lei musulmana, e a respeitar outras condições de menos importancia.

*
* *

No dia 2 de Janeiro de 1492, notava-se grande animação no acampamento christão.

Todos esperavam com a maior impaciencia ouvir tres tiros de artilheria, que, disparados das torres da Alhambra, eram o signal convencionado para que se pozessem em marcha as bravas hostes hespanholas.

Alfim o anhelado signal soou, e as legiões de guerreiros marcharam a coroar a gloriosa obra começada em Cavadonga pelo immortal Pelayo, tomondo posse da rendida Granada.

Quatro dias depois, Fernando e Izabel fizeram a sua entrada solemne no meio do pavoroso silencio dos mouros, e dos vivas enthusiasticos das hostes christãs.

Assim terminou o imperio musulmano na Hespanha.

O Deus das batalhas recompensára finalmente os seus filhos, pelos homericos esforços, fadigas e que-

brantos que durante setecentos e oitenta annos tinham pesado sobre elles.

Acompanhados os reis por toda a sua côrte, de senhoras e cavalleiros, entraram em Granada pela porta chamada do Genil.

O sultão, seguido de cincoenta dos seus principaes cavalleiros, sahiu a receber os vencedores.

No momento de se aproximar d'elles, apeou-se da alimaria que montava, e quiz beijar as mão dos monarchas de Castella, mas estes não o consentiram.

Todavia, como insistisse, o rei Fernando viu-se obrigado a permittir que lhe beijasse os vestidos.

Apoz d'esta demonstração de preito, entregou-lhe Boabdil as chaves da cidade, as quaes o rei de Castella e de Leão poz nas mãos do conde de Tendilla.

D. Gutierres de Cárdenas e o cardeal Mendoza, subiram á Alhambra, e o segundo arvorou na torre de Comares o estandarte da Cruz, no meio das salvas de artilheria e dos delirantes gritos de enthusiasmo dos soldados christãos.

Todo o exercito, incluso os monarchas e a côrte, ajoelharam-se, entretanto que as musicas guerreiras celebravam com alegres sons tão fausto acontecimento.

As ruas de Granada estavam desertas.

N'ellas não se via nem um unico mouro.

Os vencidos achavam-se encerrados nas suas habitações, chorando amargamente a pêrda da sua querida cidade.

Estavam inconsolaveis, e não podiam habituar-se

áquella cruel perda, embora depositassem grande fé na humanidade dos conquistadores.

Entretanto Boabdil o Moço, Boabdil o Zagaibi, afastava-se de Granada, com os olhos pregados no chão e repletos de lagrimas.

Sua mãe, ao sultana Zoraya, mulher de maus figados, caminhava a lado d'elle, olhando-o de soslaio, e sorrindo-se com desprezo.

A cólera e a desesperação devoravam o peito da sultana; e ao chegar ao cimo do monte Padul, d'onde se disfructa a vista diliciosa de Granada, aquella immensa afflicção rebentou.

As mal contidas lagrimas de Boabdil deslisavam-se então copiosamente.

Zoraya, como se em vez de ser uma terna mãe, fosse uma inimiga declarada do filho, exclamou com pavorosa expressão:

—*Chora, chora como mulher, já que não soubeste defendêl-a como homem!..*

Palavras crueis que nos conservou a historia; e que revelaram o empedernido coração d'aquella mulher, que martyrisava o peito do filho, em lugar de se apressar, como era natural, a enxugar o pranto que banhava o rôsto do desditoso principe.

Boabdil não replicou ás palavras de ferro e fogo que sua mãe pronunciou.

Ao perder de vista Granada, depois de a haver contemplado por largo espaço atravez das lagrimas que

lhe cahiram mais e mais ardentes, exclamou com a voz entrecortada pelos soluços:

—Adeus, adeus para sempre!..

. . . . . .

XV

Triste fim do sultão Boabdil

Diremos qual foi o fim de Boabdil.

O desditoso monarcha ao abandonar a colina (*) d'onde pela ultima vez contemplou Granada atravez das lagrimas, encaminhou-se para os seus dominios das Alpujarras.

Alli, á sombra, digamol-o assim, dos seus antigos palacios, a mais negra melancholia despedaçava-lhe a alma.

A tristeza chegou a ser-lhe tão insupportavel, que quando fazia um anno que residia nas Alpujarras, trocou o seu pequeno reino por uma avultada quantia que lhe deu o rei Fernando, e partiu para Fêz com toda a sua familia.

Já em terras de Africa, entrou ao serviço de um principe ainda seu parente. e perdeu a vida n'uma renhida batalha travada entre infieis.

(*) Tal eminencia é designada, na actualidade, com o poetico nome de—*O ultimo suspiro do mouro*.

Um chronista arabe, occupando-se de Boabdil, exclama lastimosa e duramente:

«Desgraçado! Perdeu a sua vida para defender a causa alheia, e não soube morrer na defeza da propria! Tal era o immutavel decreto do destino! Bemdito seja Allah! que exalta e humilha, conforme a sua divina vontade, em cujo cumprimento consiste aquella eterna justiça que regula todas as cousas humanas!»

A porta por onde Boabdil sahiu pela ultima vez de Granada, foi tapada por seu pedido, a fim de que ninguem tornasse a passar por ella, e ainda hoje permanece no mesmo estado.

Conforme affirma um celebre author estrangeiro (*), Boabdil era de rosto affavel e formoso, côr branca e os cabellos louros.

Na Armaria Real, em Madrid, vêem-se duas armaduras, que, segundo é fama, lhe pertenceram.

Uma d'ellas é toda de aço, com pouquissimos ornamentos.

Por estas armaduras collige-se que o *Zagoibi* foi de elevada estatura e boa complexão.

(*) Irring.

*
* *

A'cerca da entrada dos reis catholicos em Granada existe um antigo romance mourisco, de cuja traducção copiamos as seguintes estrophes:

«En la ciudad de Granada
Grandes alaridos dan:
Unos llaman á Mahoma,
Otros á la Trinidad.
Por un cabo entran las cruces
Por otro sale el Alcoran;
Donde antes oian cuernos,
Campanas oyen sonar.

El *Te Deum laudamus* se oye
En lugar de Alá! Alá!
No se ven por altas torres
Ya las lunas levantar.

Mas las armas de Castilla
Y Aragon ven campear
Entra un rey *ledo* em Granada,
Y otro llorando se vá.
Mesando la luenga barba,
Grandes alaridos dá:
Oh! mi ciudad de Granada,
Solá en el mundo, sin par!»

XVI

A guerra e tomada de Granada. Santa Fé

Da maneira gloriosa que já referimos, terminou a guerra de Granada, que os chronistas castelhanos comparam á de Troya, e que sem dúvida alguma a igualou, quanto a romanticos episodios.

Em toda a christandade causou grande alegria a tomada de Granada.

A catholica Roma solemnisou o auspicioso successo com grandes festividades religiosas, e bem assim a Inglaterra, aonde por esse tempo reinava Henrique VII.

Diz um historiador, referindo-se á entrada dos reis catholicos em Granada, que o rei D. Fernando não quiz de modo algum entrar na cidade em quanto não viu collocada a cruz sobre a torre mais alta.

Que igualmente antes de fazer a sua entrada, prestou homenagem ao Rei dos Reis, mandando que um arauto proclamasse do alto d'aquella torre, que confessava ter recobrado aquelle reino com a ajuda de Deus Todo Poderoso, da gloriosa Virgem Maria, do glorioso padroeiro de Hespanha, e do Santo Padre Innocencio VIII, assim como tambem com os auxilios e serviços dos seus prelados, nobres e subditos.

Que não se movera do seu acampamento de Santa Fé senão depois de ter visto um pequeno exercito de martyres, em numero de setecentos ou mais christãos, que haviam vivido no captiveiro como escravos dos mouros, desfilar na sua frente, entoando canticos pela sua redempção; e que tinha pago tributo a Deus, soccorrendo caritativamente a todas aquellas almas, porque lhe permittia entrar na cidade.

*
* *

Expulsos os mouros, a *Real Cidade de Santa Fé*, foi olhada com singular carinho pelos reis catholicos.

As habitações *de lona* (*) já tinham sido substituidas, como dissemos n'outro capitulo, por solidas casas de pedra.

A cidade foi edificada em fórma quadrangular, atravessando-a duas espaçosas ruas, que se cortavam formando angulos rectos no centro, em fórma de cruz, ostentando soberbas portas em cada uma de suas quatro extremidades.

Nos diversos bairros ou quarteirões collocaram-se

(*) Cercada está Santa Fé con mucho lienzo encerado; abrededer muchas tiendas de seda, oro y brocado, donde están duques y condes señores de gran estado.

Romance Espanol.

lápides de marmore com inscripções, em que se descrevia a parte que cada cidade tivera respectivamente na construcção da obra; e logo que esta se concluiu completamente, o exercito inteiro quiz que a nova cidade tomasse o nome da sua illustre rainha.

Isabel comtudo recusou modestamente similhante tributo, e deu á povoação o titulo de *Santa Fé*, em commemoração da constante confiança que o seu povo manifestára, durante a guerra, na Divina Providencia.

Com este nome subsiste ainda, conforme foi erigida, como monumento da constancia e paciente soffrimento dos hespanhoes.

Essa historica povoação, valendo-nos das palavras de um escriptor castelhano— *é a unica cidade de Hespanha que nunca foi manchada com a herezia musulmana.*

A edificação de Santa Fé produziu grandes terrores entre os mouros granadinos.

Estes viam que os seus valorosos inimigos estavam decididos a terminar gloriosamente a lucta, e que nada seria capaz de lhes abalar a constancia.

Effectivamente, o exercito christão estava resolvido a não deixar o sólo de Granada, até que um glorioso triumpho completasse a conquista do ultimo reino mouro em a nossa cara patria.

E'pocha gloriosa foi aquella para Hespanha.

Então, embora seja verdade que havia n'ella homens ambiciosos e turbulentos, a ambição tinha, geralmente fallando, muito mais nobres fins que nos nossos dias.

A Real de Santa Fé, essa cidade querida, é um dos mouumentos mais apreciados de Hespanha: padrão das nossas santas crenças de mais felizes tempos, o testemunho eloquente das nossas passadas grandezas.

Ao percorrer as suas ruas não póde a gente, com certeza, deixar de se recordar enthusiasticamente da animosa e nobilissima Isabel a Catholica, e do galhardo e avisado rei D. Fernando, monarchas preclaros d'esta poetica terra de heroes.

PARTE II

O NAVEGANTE FAMOSO

O NAVEGANTE FAMOSO

I

A constancia triumphante

Christovão Colombo, conforme já dissemos, seguia por toda a parte a côrte de Castella, haveria seis annos; seis annos mortaes que não tinham extinguido a fé que lhe ardia na alma, e que inspirada por Deus, lhe segredava a cada instante—oh! e com que magia! —que chegaria emfim a triumphar de todos os obstaculos.

Colombo tambem combatera nos campos granadinos.

Durante a batalha viram-n'o sempre figurar nos lugares mais arriscados, nos postos de maior perigo, nas situações mais criticas.

Então era o guerreiro de animoso coração, de nobilissimo arrojo, de inexplicavel bravura, que não poupa o seu sangue, que não teme perder a vida.

Nos triumphos permanecia mudo e silencioso, vol-

vendo a abysmar-se nas suas meditações, nos seus profundos pensamentos.

Christovão Colombo era filho de um cardador de lã, e entrára no mundo como costumam entrar os pobres—sem ostentação, sem pompa.

De humilde berço, se bem que de ascendencia nobre, nascera em Cogoreto, villa de pouca importancia na republica de Genova.

D'alli, sendo ainda adolescente, passára a Pavia, aonde com a maior applicação se dedicou ao estudo das boas letras.

Todavia, seguindo as suas irresistiveis inclinações, os mysteriosos destinos que haviam de fazer d'elle um dos maiores homens do mundo, não tardou que abandonasse esses estudos para dedicar-se á astronomia, á cosmographia e ás mathematicas.

Mais tarde, e por espaço de vinte annos, dedicou-se á navegação.

Portugal, a cidade de Lisboa, era então o centro aonde se reuniam os navegantes mais illustres; e Colombo passou a Lisboa, onde o chamava a sua amisade com o célebre maritimo Toscanelli.

A ideia da existencia de uma terra immensa, de uma vastissima região, ao lado dos mares do occidente, e a possibilidade de ir por um caminho mais seguro e mais direito ás costas orientaes da Asia, principiou a germinar-lhe na mente.

Como consequencia dos seus profundos estudos, das suas investigações scientificas, da fórma espherica da terra, e da opinião de Plinio, Ptolomeu e outros

sabios da antiguidade, acreditava na existencia de dilatatados paizes, que collocados em oppostas direcções ao continente conhecido, fizessem regular o movimento de rotação do nosso planeta.

O astrolabio e a bussola affirmavam-lhe o rumo.

Era Colombo um homem tão superior ao seu seculo, que poucos, muito poucos, davam credito ás suas brilhantes theorias, e quasi todos julgavam que estas eram originadas n'um principio de demencia; que eram filhas de uma imaginação exaltada, de um sonho vago... e não de profundos e conscienciosos estudos.

Para levar a cabo a sua ideia dominante, necessitava do apoio de algum estado, de algum monarcha.

Offereceu primeiramente a Genova os seus serviços, e a sua patria foi a primeira a repellil-os com desprezo.

Portugal tambem o tomou por visionario, por um pobre louco, e então, levando em sua companhia um menino de curta idade, seu filho primogenito, dirigiu-se á Hespanha.

Pobre, enfermo, quasi desanimado, chegou ao convento da Arrabida, convento de gloriosa memoria, pois deu benevolo acolhimento ao illustre navegante.

O guardião d'aquelle convento—inscreveremos aqui gostosamente o seu nome,—chamava-se João Peres de Marchena.

Sabio e enthusiasta, animou a Christovão Colombo, aconselhando-lhe que se apresentasse aos reis catholicos; mas então, como já manifestamos, os monarchas de Castella não podiam distrahir a attenção da conquista do reino granadino.

Não obstante, receberam o *Genovez* com bastante complacencia, se bem que o rei Fernando não via no projecto do sabio marinheiro, um plano de seguros resultados.

Mas ao lado do monarcha havia uma mulher admiravel, um anjo, cujo mais ardente desejo era estender o christianismo pelos povos mais remotos.

Esse anjo, como é facil adevinhar, chamava-se Izabel I.

A rainha catholica, alma nobre e poetica, coração de fogo, comprehendeu perfeitamente o pobre navegante, cujos cabellos começavam a encanecer, e cuja fronte estava já sulcada de rugas, devidas menos á idade que ás contínuas vigilias.

Pouco tempo depois nomeou-se um conselho que devia reunir-se em Salamanca; porém foi tanta a apathia d'aquella junta, que se passaram alguns annos antes que se resolvesse, se o projecto de Colombo era attendivel ou despropositado.

Durante aquelles interminaveis dias, o *Genovez* foi alvo de elevadas distincções da parte do cardeal Mendoza, depois arcebispo de Granada.

Tambem o obsequiaram muito os duques de Medinaceli e Medina-Sidonia.

Esgotada a paciencia de Colombo, pediu repetidas vezes que o conselho de Salamanca informasse definitivamente, e alfim apresentou-se n'aquelle congresso de sabios, e perante elles refutou os textos de Epicuro, de Lactancio, de Ptolomeu, e varios santos padres da Igreja.

Ha quem affirme, que o conselho de Salamanca reprovou unanimemente o projecto submettido ao seu accordão; mas segundo attestam graves escriptores, foi de opinião affirmativa aquelle tribunal sem appellação, em cujo seio havia alguns homens versados na arte nautica e nas mathematicas.

N'uma palavra, conforme parece, certo numero de juizes, vencidos pelas poderosas razões de Colombo, deram honra ás sciencias do seu tempo, declarando no seu accordão que o pensamento do egregio marinheiro era realisavel.

Porém, ainda depois d'aquelle accordão, a viagem não se levava a cabo.

As dilações renderam emfim ao desgraçado *sonhador*, ao *louco*, como geralmente lhe chamavam, e despedindo-se com as lagrimas nos olhos do seu filhinho, que se educava por caridade no convento da Arrabida, dispoz-se a marchar para França, de cujo monarcha esperava alcançar os meios necessarios para a sua premeditada viagem.

O padre Marchena, cuja memoria é digna do mais profundo respeito, deteve-o, e usando do valimento que tanto elle como o padre Talavera, confessor da rainha, tinham com aquella soberana, conseguiu que esta se decidisse a final a cumprir a palavra que déra a Colombo.

Oppoz-se a isso o rei Fernando, que não acreditava podessem realisar-se os dourados sonhos do *Navegante Famoso*, e então a rainha disse que empenharia as suas joias para que a expedição se levasse a cabo.

O thesouro de Castella estava em grande penuria por causa da conquista, ainda recente, do reino de Granada, e a rainha empenhou effectivamente as suas joias mais preciosas.

Portanto, o mundo é devedor áquella magnanima soberana, tão justamente exaltada, de um mundo maior, mais rico e mais formoso do que o até então conhecido.

Sem ella, apesar do genio de Colombo, que carecia dos recursos materiaes para fazer o descobrimento, ainda talvez as nevoas do Oceano velassem essas dilatadas terras, cujas riquezas incalculaveis tinham de deixar muito atraz as phantasticas e sonhadas opulencias da chimerica *Catay*.

*
* *

No dia 19 de abril de 1492, isto é, pouco mais de dois mezes depois da capitulação de Granada, firmava-se um contracto entre a rainha e Christovão Colombo.

Alguma cousa exageradas pareceram a Izabel I as pretenções do inclito marinheiro; mas reflexionando que se o projecto chegava a ser uma realidade, valiam pouco, e não careciam de valor, firmou as condições seguintes:

«Colombo seria almirante e vice-rei de todo o mar e terra que se descobrisse; teria direito de propôr ao

monarcha tres pessoas para os cargos de governadores das novas provincias, elegendo um a corôa; reservaria para si o dizimo do ouro e pedras preciosas que se achassem; seria o unico juiz dos letigios, e contribuiria com a oitava parte para as despezas que se fizessem com o descobrimento; mas em compensação perceberia o oitavo do beneficio.»

A expedição attrahiu todos os alhares, despertou toda a sorte de ambições, e de toda a parte affluiram a *Palos de Moguer*, que era o porto destinado para a partida, innumeros aventureiros.

Apparelhadas as tres caravellas que formavam a frota expedicionaria, cujos nomes eram *Menina, Pinta e Santa Maria* (n'esta ultima arvorou o *Genovez* o afamado pendão de Castella), a fróta fez-se á véla a 3 de agosto do mesmo anno.

A constancia do immortal Colombo havia emfim triumphado de todas as contrariedades.

São sempre assim os grandes homens!..

Martin Alonso Pinzon, rico navegante, capitaneava a *Pinta*, e a *Menina* era commandada por seu irmão Francisco.

Aquelle punhado de aventureiros que se lançavam ás ondas de mares desconhecidos, nunca sulcados por embarcação alguma, deviam descobrir os profundos mysterios que o Oceano guardava.

II

Os monstros imaginarios—Avaria da caravella Pinta—Signaes das proximidades da terra — Terrores dos tripulantes—Um effeito de optica

Atrevida era a empreza que commetteu Colombo.

Apesar dos seus profundos estudos, por mais que uma voz secreta lhe dizia que a sua viagem não seria inutil, havia momentos em que trepidava... em que receava ter-se equivocado!

N'esses momentos de terrivel angustia. inundava-lhe a fronte frio suor, e o coração comprimia-se-lhe.

Pensava então que se o seu projecto se malograva, os reis catholicos, o povo castelhano, a Europa inteira, todos caçoariam d'elle, e que ninguem já poria em dúvidaa sua pretendida *demencia*.

Não o assustavam, como a muitos de seus companheiros de viagem, os perigos desconhecidos, os profundissimos mysterios d'aquelles inexplorados mares, que se lhe estendiam diante da vista com grandiosa immensidade, como magestoso murmurio.

Aquellas ondas, por emquanto gemedoras, mansas e serenas, podiam n'um ápice alçar-se soberbas, violentas, furiosas, punindo de morte os atrevidos nave-

gantes que pretendiam rasgar o mysterioso véu que occultava aos habitantes do mundo antigo, as apertadas terras, as regiões longinquas, o novo mundo... cuja existencia só elle havia suspeitado.

Os mais audazes marinheiros, apenas se tinham atrevido a chegar a certos limites, e depois haviam voltado ao lugar da sua partida, narrando mil pavorosas peripecias, qual d'ellas mais estupenda!

Na opinião... d'esses *fortes* navegadores, d'esses *bravos* homens do mar, o Oceano estava povoado de monstros horriveis de tão estranha natureza, como nem sequer ainda a imaginação mais phantastica e creadora pôde sonhal-os!

Aquelles monstros, perpetuos guardadores dos mysterios do Oceano, devorariam sem compaixão a todos os que se atrevessem *a ir mais além* dos limites conhecidos, do ponto marcado...

A poucas milhas de distancia das ilhas Canarias, e conforme a nescia credulidade do vulgo, abundavam os monstros.

Muitos marinheiros diziam que tinham ouvido os pavorosos gritos dos taes aquaticos *bicharocos*, mais formidaveis ainda do que o mugir das ondas encapeladas, do que a voz da procella mais furiosa. Alguns até chegavam a crêr vislumbrar as fórmas espantosas dos imaginarios monstros, atravez dos nevoeiros do Oceano.

Na alma superior do grande Colombo, não tinham cabida similhantes absurdos, os vagos terrores que occupavam o pensamento de não poucos dos tripulantes

da pequena fróta, os quaes poucas horas depois de se fazerem ao mar já estavam arrependidos do que julgavam ser um temerario arrojo.

Ao terceiro dia depois de ter largado do porto de Palos, a *Pinta* soffreu rija avaria, e a fróta teve que deter-se nas ilhas Canarias.

Isto era mau presagio, e os tripulantes começaram a manifestar o seu temor e desgôsto com surdas murmurações.

Christovão Colombo affectava não se aperceber d'aquelles primeiros signaes da insubordinação, que dias depois devia rebentar a bordo, e sereno e tranquillo na apparencia, dava as disposições convenientes para a continuação da interrompida viagem.

Tranquillo o mar e favoravel o vento, as caravellas de novamente levantaram ferro.

Os de animo covarde, os que estavam mais persuadidos que não tornariam a pisar a amada terra de que se affastavam á força de vélas, choravam tristemente, outros encommendavam-se a Deus e a todos os Santos da côrte do céu, e outros, finalmente, com o semblante adusto e o sobrolho carregado, estavam a ponto de amaldiçoar *o louco*, o ambicioso que os arrastava a lugares desconhecidos, nos quaes suppunham que os aguardava morte espantosa.

Colombo, que observava tudo, soffria em silencio, mas nem por isso perdia o animo.

Homem de esphera superior, encarava as difficuldades a sangue frio: tinha fé! Aquelle martyr da sciencia elevava ao Senhor o seu coração, e esperava.

Assim obram os grandes genios.

O desgôsto dos tripulantes augmentou-se ao observarem o desvio da bussola, phenomeno inexplicavel, que arrebatava aos marinheiros até o ultimo resto de esperança...

Já não poderiam voltar á patria, estavam para sempre perdidos na immensa extensão dos mares...

Christovão Colombo, occultando a todos a distancia a que se achavam, deu uma explicação engenhosa do phenomeno; mas talvez tivesse passado mal... se a Providencia não viesse, como veio com brevidade, em seu auxilio.

Aves desconhecidas, algumas de curto vôo e brilhante plumagem, vieram pousar nos mastros das caravellas.

Aquellas aves que com gorgeios harmoniosos pareciam saudar os navegantes, não podiam ter-se afastado muito da terra.

Além d'isso, havia outros indicios da proximidade d'aquelle *Novo Mundo:* sobre as ondas do mar fluctuavam ervas, ramas de arvores, parte, emfim, de uma vegetação desconhecida.

Tambem recolheram os navegantes alguns pedaços de madeira exquisitamente lavrados.

Esta prova de um civilisação primitiva, digam'ol-o assim, fez pensar aos aventureiros que acompanhavam Colombo, que iam encontrar-se com povos selvagens, com povos barbaros, e não com os maravilhosos paizes descriptos pelo inexacto e célebre marinheiro Marco Polo.

Fluctuando entre a esperança e o desalento, dando vida umas vezes ás mais brilhantes illusões, e maldizendo outras o almirante, que com fascinadoras promessas os tinha resolvido a emprehender a viagem, continuavam os tripulantes das caravellas navegando atravez d'aquelles mares, não sulcados até áquella data por navio algum.

Ventos favoraveis, ventos que pareciam não variar jámais, impelliam as embarcações dos aventureiros para o *Novo Mundo*.

Esta circunstancia, que devia alental-os, fazer-lhes conceber as mais risonhas esperanças, foi causa do seu novo temor.

Acreditaram que taes ventos, soprando constantemente, viriam a ser a causa de não poderem voltar á patria.

As murmurações romperam então com mais força.

Não eram só murmurações, eram gritos sediciosos, terriveis ameaças contra *o louco genovez*.

Os signaes de estar proxima a terra repetiram-se a cada passo.

Nas azas do vento chegavam até ás caravellas deliciosos perfumes, suaves emanações, arrebatadas aos viçosos vergeis de *Guanahani*.

Mas nada acalmava os exaltados animos, os espiritos medrosos, fórtemente excitados pelo temor de perder a vida.

Diziam os mais assanhados contra Colombo:

—Navegamos a toda a pressa para um abysmo sem fundo! Traiçoeiras correntes, ventos traidores, arras-

tam-nos para elle, e já não é possivel tornar atraz! Quando mal nos precatarmos... chegarão aos nossos ouvidos sinistros rumores, e as naus, arrastadas com vertiginosa velocidade, correrão sobreas aguas! Uma immensa catarata, como nunca viram olhos humanos, nos espera! Todas as aguas d'estes mares,tão tranquilios agora, vão precipitar-se n'um pélago horrivel, cuja profundidade nem sequer o pensamento póde medir! As correntes levam-nos brandamente agora, logo augmentarão pouco a pouco a velocidade da nossa marcha, e não tardará que voêmos, qual penna arrebatada pela força do vento, sobre a lisa superficie d'estas aguas! Justo castigo da nossa temeridade! Estamos perdidos!..

.....

*
* *

Colombo sem trepidar na sua empreza, sem desconfiar do futuro... com o pensamento sempre pôsto em Deus, observava que a insurreição ia crescendo.

A sua serenidade, nunca desmentida, impunha respeito até aos mais murmuradores; mas receava e com razão, o momente em que o descontentamento fosse geral; o momento em que, aquelles que já não tinham fé alguma n'elle, arrastassem os poucos que

porventura ainda confiavam nas promessas que lhes fizera.

Receava tambem haver-se equivocado no rumo que seguia.

Conforme os seus calculos, já devia ter chegado a terra, e esta não assombreava ainda a vasta linha projectada pelo mar, lá ao longe.

Quando se entregava a similhantes reflexões, na *Pinta*, que ia adiante das duas caravellas, rebentou um alegre clamor.

N'um de seus costados brilhou um relampago seguido de uma alva nuvemzinha de fumo, e um instante depois um tiro de peça retumbou nas solidões do Oceano.

—Terra! Terra!—bradavam os tripulantes do barco commandado por Alonso Pinzon.

Com effeito, a grande distancia vislumbravam-se confusamente duas colinas.

Mas aquillo não era mais que um effeito de optica, uma illusão enganadora que se dissipou quasi ao mesmo temqo que nascêra.

As colinas não tardaram a desaparecer, e então o desalento, a desesperação dos que murmuravam contra o almirante foi maior do que até alli.

A noute succedeu ao dia, e a sua mysteriosa escuridão velou as lagrimas silenciosas que corriam pelo rosto de Colombo.

—Ter-me-hei equivocado, meu Deus?—perguntava a si mesmo aquelle homem admiravel.

Depois orou com fervor.

Ao terminar a sua oração, a esperança renasceu-lhe com mais força dentro do peito, e o seu olhar brilhante e sereno, cravou-se na abobada celeste, em que scintillavam milhares de astros brilhantes.

—Oh! não me equivoquei! —proseguiu—*Deus dá o triumpho e a victoria aos que seguem os seus caminhos*! A Providencia mesmo é que fez nascer em mim o ardente desejo de levar a cabo esta viagem, e é quem me sustenta e ampara com a sua poderosa mão. Deus está da minha parte; Deus é grande e misericordioso.

III

O mar das algas—A promessa de Colombo

Se bem se considera, eram desculpaveis as murmurações e sustos dos navegantes que iam na companhia de Colombo á procura de paizes desconhecidos.

Todos conheciam as descripções de Mandeville e Marco Polo, celebres navegantes, que pintavam com brilhantes côres as provincias de Cipango e Cathay.

N'ellas abundam os metaes de muito valor, as pedras preciosas, mil e mil riquezas...

E os companheiros do almirante aninhavam ainda no fundo do coração uma tenue esperança de poder chegar a lugares tão ricos e floridos.

Mas acima da esperança, surgia o mêdo... o receio natural de perder a vida, ou de não poder voltar á Hespanha jámais.

Os ventos favoraveis continuavam enfunando as vélas dos tres navios, fazendo-os adiantar n'aquelles mares que parecia não terem praias...

Colombo era o unico que sabia com exactidão a distancia que tinham percorrido; porém, apesar dos seus tripulantes crêrem que era muito menor, nenhum ignorava que se achavam muito afastados de terra.

—Perdidos, irremessivelmente perdidos nas vastas solidões do Oceano!—clamavam alguns com furor.

Outros lembravam-se, com os olhos marejados de lagrimas, das doçuras da mãe patria, e dos entes queridos a quem julgavam não poder reunir-se jámais.

A insurreição, a bordo da pequena esquadra, já se havia desmascarado.

Ninguem tractava de occultar o seu desgôsto, e Colombo via com terror que a rebellião, disfarçada sob as mais tranquillas apparencias, viria desmoronar-lhe o fim da sua empreza.

A voz do almirante até então authorisada, as suas sabias explicações, eram suffocadas por tumultuosos gritos, por ameaças de morte.

—Perder-nos-hemos—gritavam os mais inquietos—mas o causador da nossa desgraçada sorte, ha-de-nos preceder no fundo d'estes mares insondaveis!

Outra circumstancia veio augmentar o desgôsto dos navegantes.

Durante uma noute em que o céu appareceu toldado, as embarcações apenas podiam caminhar.

Alguns chegaram a crêr que navegavam sobre bancos fluctuantes de areia, mas a luz do dia desvaneceu tal opinião, dando a conhecer o verdadeiro obstaculo.

Os navios cruzavam por entre juncos e algas marinhas.

Até onde a vista se podia estender, aquella vegetação aquatica agitava brandamente sobre as aguas as suas folhas de côr verde-escura.

—O mar das algas—gritaram muitas vozes ao mesmo tempo.—Estamos perdidos!..

Colombo tentou dar as suas explicações, mas não foi escutado: os gritos sediciosos suffocaram-lhe a voz.

Se não fosse a serenidade que lhe brilhava na fronte, é incontestavel que n'aquelle supremo instante teria perecido ás mãos dos amotinadores.

Mas os homens superiores quasi sempre logram impôr-se ás turbas.

Além d'isso, a Providencia protegia aquelle ente tão extraordinario, em cujo olhar limpido e sereno scintillava o genio que havia de immortalisal-o.

Ainda mesmo n'aquelle instante, que teria feito transviar o espirito mais sereno, conseguiu emfim poder ser ouvido.

—Se dentro de tres dias—disseram-lhe—não descobrirmos terra, a fróta porá a prôa para as costas de Hespanha.

—Antes de tres dias—exclamou Colombo com voz prophetica—teremos pisado a costa oriental da Asia!

O *Navegante Famoso* deteve-se, e um surdo murmurio acolheu as suas palavras.

Nem por isso se intimidou, e proseguiu:

—Antes de tres dias, com a ajuda do Senhor, terei alcançado a satisfação dos meus desejos, e vós cahireis a meus pés pedindo-me perdão pela vossa covarde impaciencia, por haverdes quabrantado os sagrados juramentos que fizestes antes de sahir de Hespanha.

Assim devia succeder.

Os mesmos que então consideravam Colombo como

um aventureiro desprezivel, como um louco ambicioso, haviam de beijar-lhe as plantas tres dias depois, ébrios de enthusiasmo, loucos de alegria, ao attingir o feliz resultado da sua atrevida navegação.

O almirante continuou fallando por muito tempo, sem que ninguem o interrompesse.

A irresistivel magia da sua palavra, as suas brilhantes theorias, conseguiram despertar de novamente a a ambição dos marinheiros, cuja sêde de ouro os obrigára a lançarem-se ás desconhecidas aguas do Oceano.

Quando deixou de fallar, um d'aqueiles homens, metade marinheiros, metade guerreiros, perguntou bruscamente:

—E se dentro de tres dias não descobrimos terra?

—Então—respondeu Colombo solemnemente—voltaremos á Hespanha: promotto-o!.. Mas descobril-a-he-mos, não o duvideis. Quando chegueesse momento, quando toqueis o benefico resultado de uma empreza que agora vos parece tão despropositada, o rubor vos cobrirá os rostos, e sentireis remorsos por haverdes olvidado a minha autdoridade; a authoridade que me concederam os monarchas de Castella, vossos naturaes senhores. Mas nada temais. De antemão vos perdôo a vossa impaciencia, e as injuriosas palavras que me tendes dirigido. Repito a minha promessa: *Se dentro de tres dias não tivermos descoberto terra, voltaremos á Hespanha...*

. . . . . .

IV

Gôso atraz da afflição—Terra! terra!..

Os navegantes conseguiram atravessar o extenso mar das algas, que parecia não ter fim.

Quando deixaram para traz aquelle obstaculo, tornaram a vêr indicios de terra.

Comtudo, a sonda não achava fundo.

Passaram dois dias e chegou o terceiro.

A inquietação de Christovão Colombo era immensa, mas como de costume, não revelava no rosto a agitação que lhe ia na alma.

O dia deslisou-se para elle com uma rapidez assombrosa.

Quando se poz o sol, e começavam a fulgir as estrellas no firmamento, dirigiu uma supplica fervorosa ao Senhor.

A fé que lhe enchia a alma não se extinguia com os contratempos.

Nem se lhe extinguia a fé que o obrigára a seguir os reis catholicos por espaço de seis annos, e continuava crendo na existencia de terras desconhecidas.

Mas, tornemos a repetil-o: julgava ter-se equivocado nos seus calculos; julgava ter trocado o rumo, pas-

sando sem a vêr proximo d'aquella terra que alfim ia descobrir.

Com as mãos appoiadas na amurada da nau em qne navegava, não apartava o olhar d'aquelle mar que assim havia malogrado as suas esperanças até então, mas que por fim ia proporcionar-lhe uma brilhante aureola de gloria.

Deus que lê no coração humano; Deus para quem não são desconhecidos os mais reconditos pensamentos, deveu apiedar-se n'aquelle momento das amarguras que enchiam a alma do homem de genio, d'aquelle pensador sublime.

*
* *

Colombo já ia retirar-se para o seu camarote. quando uma voz infantil exclamou alegremente a curta distancia do audaz navegador:

—Terra! terra!..

Quem pronunciára tão grata exclamação, era um pagemzinho da rainha, que tinha obtido permissão da sua senhora para acompanhar o navegante famoso na sua viagem.

Colombo esfregou os olhos, e crávou o penetrante olhar na sombria extensão dos mares.

Lá ao longe, muito longe, distinguiu uns listrões escuros que até então tinha tomado por nuvens.

O coração palpitava-lhe com agitação indescriptivel, a ponto que teve de conter com ambas as mãos as suas fortes palpitações, entretanto que o pagemzinho enthusiasticamente dizia:

—Senhor: dareis testimunho perante sua alteza, a minha amada rainha, para que ella me outhorgue o premio offerecido. Eu fui o primeiro que vi terra!

Isabel a Catholica, promettêra effectivamente um premio ao afortunado que désse o primeiro grito de —*terra*.

Colombo ia responder ao adolescente, quando um tiro de artilheria turbou por segunda vez o socego do Oceano, repetindo os echos o seu surdo e magestoso estampido.

Ao mesmo tempo, mil vozes alegres e repletas de enthusiasmo, repetiram em torno do almirante:

—Terra! terra!..

A voz de—*terra*—ouviu-se tambem na embarcação que seguia na alheta da nau do sabio Genovez,e, como se fôra um echo longiquo, escutou-se ainda a voz de *terra*, que desde a *Pinta*, que navegava adiante, chegou até á *Santa Maria*, onde, conforme dissemos, ondeava o glorioso pendão de Castella.

Christovão Colombo deixou-se cahir de joelhos sobre a coberta, e orou de novo com os braços cruzados sobre o peito, a cabeça inclinada até ao chão e derramando lagrimas de agradecimento.

Os tripulantes seguiram o exemplo do seu illustre chefe, e nunca orações mais fervorosas subiram até ao

throno do Senhor, nas azas das auras mysteriosas da noite.

Quando o almirante terminou a sua oração, levantou-se, e com voz tremula e o peito palpitante, bradou, estendendo os braços para aquella terra desejada:

—Gloria a Deus nas alturas!

Muitos marinheiros começaram a cantar o *Te Deum Laudamus*.

Uma luz, que apparecia e tornava a desapparecer, brilhava um tanto distante, como se fosse um pharol destinado a guiar os navegantes.

*
* *

O segredo do mysterioso Oceano estava descoberto.

As profundas trevas em que até alli permanecêra envolto, acabavam de se desvanecer, e a luz do Evangelho ia espalhar-se por aquelles paizes, dos quaes só o grande navegante havia tido uma ideia feliz, inspirada pelo céo.

Todas as chimeras, todos os temores filhos de uma céga ignorancia, acabavam de se dissipar, como se tinha dissipado o alvacento fumo do tiro de peça que déra o alegre signal de—*terra*.

Nos mares que os intrepidos navegadores acabavam de percorrer, não havia monstros, nem abysmos traiçoeiros, nem correntes impetuosas.

A navegação não podia ter sido mais ditosa.

Se bem que no principio d'ella tivesse rebentado uma forte tempestade, depois ventos bonançosos tinham enfunado sem cessar as vélas dos expedicionarios.

—Gloria a Deus nas alturas!—repetia Colombo a cada instante, ao compasso das palpitações do seu nobre coração, no qual sentia o mais legitimo de todos os orgulhos.

Já ninguem o teria na conta de idiota, já ninguem duvidaria das palavras d'elle nem veria em nenhum semblante sorrisos de incredulidade; ou sorrisos offensivos que tantas vezes surprehendera nos labios de muitos d'aquelles, que fingiam acreditar na existencia de um Novo Mundo, mas que tinham a Colombo por um sonhador allucinado.

O poderoso Oceano, aquella immensa quantidade de agua, não podéra deter o genio, apesar do mysterioso e surdo mugir das ondas, que levantava encapelladas, e os profundos terrores de que espiritos pusilanimes sempre o tinham revestido.

O mysterio havia deixado de o ser.

O sabio que o descobrira, até então tido por mentecapto, reivindicava, com o seu maravilhoso descobrimento, a cathegoria de *homem não vulgar*, que em consciencia nunca desmerecêra.

A terra ambicionada estava alli, a pouquissima distancia, tanto assim que o almirante mandou caçar as vélas, temeroso de que as naus entre-chocassem contra algum cachopo.

Deus permittira ao homem eleito por Elle, que se immortalisasse.

O Divino Architecto acabava de conceder á Hespanha um dilatado imperio, em comparação do qual, os dominios que então possuia, eram comparativamente o que é para o mar uma sô gota de agua.

A magnanima Izabel I ia tambem recolher o fructo da sua abnegação.

Confiára nas promesas de Christovão Colombo, tivera fé na palavra honrada do sabio, e o illustre cultor da sciencia, o *Navegante Famoso*, acabava de accrescentar o mais bello florão á sua corôa de rainha.

—A republica de Genova—pensava o almirante—a minha céga patria, não quiz acceitar os meus serviços! Portugal repelliu-me com desprezo, julgando-me um visionario! Que desesperação não vão ter essas duas nações, quando souberem que o infeliz marinheiro que não tinha pão para o filho da sua alma, que o homem obscuro, o louco, deu a Castella novos dominios!

. . . . . .

V

S. Salvador

Grande foi a impaciencia com que o almirante esperou o romper da aurora.

Aquella terra desconhecida, que estava ali, a pouquissimadistancia d'elle, enviava-lhe deliciosos perfumes de flores e plantas, fazendo-lhe conceber as esperanças mais risonhas ácerca da sua fertilidade.

E' inutil dizer, que tanto elle como todos os mais tripulantes da fróta, não fecharam os olhos em toda a noite.

Os ambiciosos sonhavam com minas de ouro e diamantes, e com ricos viveiros de pérolas.

Os affeiçoados ao sexo amavel, julgavam que aquella terra desconhecida estaria povoada de bellas mulheres, da mesma fórma que o paraizo promettido por Mafoma aos bons crentes.

Colombo só ambicionava a gloria, justo premio das suas constantes fadigas.

.....

Alfim, uns tenues clarões, precursores da aurora, começaram a debuxar-se no horisonte.

As sombras da noite desvaneciam-se pouco a pouco, e o astro rei, elevando-se magestosamente, fez saltar

com os seus raios de fogo milhares de faiscas nas aguas do mar.

Um brado de enthusiasmo e de delirante alegria soltou-se de todos os peitos.

A luz deslumbrante do sol alumiava a desconhecida terra, florido vergel cujas colinas estavam cobertas de riquissima vegetação.

*
* *

O almirante puzera uma capa curta de velludo preto, debruada de setim côr de fogo, e depois de cingir a espada, pegou no estandarte de Castella, e mandou botar as lanchas ao mar.

Metteu-se n'uma d'ellas, acompanhado de alguns religiosos, d'um tabellião e dos cavalleiros que o haviam acompanhado na viagem.

Os remos enterraram-se nas aguas, vogando para o solo americano.

A lancha de Colombo foi seguida por outras duas mais pequenas, dentro das quaes iam Martim Alonso Pinzon, seu irmão Francisco, e todos os marinheiros e soldados que não eram necessarios para guardar as caravellas.

Estas balouçavam-se brandamente sobre as aguas.

*
* *

Christovão Colombo foi o primeiro que saltou em terra.

Depois de cravar na areia a gloriosa bandeira de Castella, gritou com voz robusta:

—Em nome de D. Fernando e D. Izabel I, monarchas de Castella e de Leão, tomo posse de *S. Salvador*.

S. Salvador era o nome com que baptisára de ante-mão aquella terra, que os seus pés pisavam; terra *salvadora* effectivamente, pois havia coroado os seus nobres esforços nos momentos mais criticos.

Um viva prolongado, unanime, enthusiasta, seguiu as palavras de Colombo.

Este ajoelhou-se, e depois de beijar a terra, ergueu as mãos ao céu, dando graças ao Altissimo pela sua protecção.

Quadro commevedor era este!

Ajoelhados tambem todos quanto acompanhavam o almirante, elevam ao céu as mais fervorosas orações, entretanto que a voz de artilheria troava, saudando aquelle acto solemne e delicioso, saudando a tomada e posse da ilha de S. Salvador. (*)

(*) Ilha de Cuba, de que é capital a lindissima cidade de Havana.

Sobre o pittoresco grupo que formavam os guerreiros e navegantes castelhanos, desfraldava-se magestosamente o pavilhão de Castella.

Lá ao longe, assomando por entre as arvores, os naturaes do paiz contemplavam com innocente curiosidade aquelles estrangeiros, enfeitados com brilhantes plumagens, e cobertos de vistosas armaduras, sobre as quaes o sol espalhava os seus limpidos fulgores.

Os indigenas, conforme mais tarde se veio a saber, julgavam que os hespanhoes eram entes sobrenaturaes, baixados do céu, e com interessante candura chamavam-lhe—*filhos do sol.*

Ai! infelizmente bem depressa tinham de mudar de opinião!

Homens ambiciosos e perversos, tratando-os duramente, e com immerecido rigor, não tardaram em os fazer amaldiçoar o dia em que as nossas naus aportaram ás suas tranquillas e hospitaleiras praias!

Alguns dos aventureiros que acompanhavam a Colombo, *o peior de cada casa*, como se costuma dizer, escravisaram aquelles infelizes indios, sem ter em conta os proprios interesses, e a brandura e bondoso caracter dos indigenas.

VI

Regresso á Hespanha—Uum descobrimento precioso—Arribada a Portugal Chegada

A' solemne tomada e posse de *S. Salvador*, seguiu-se a mais viva alegria.

Os que na vespera apodavam Colombo de louco e visionario, prostravam-se então ante elle, beijando-lhe humildemente os vestidos.

O Deus exito havia coroado a empreza.

Não são sufficientes as limitadas paginas d'este livro, para referir minuciosamente os acontecimentos da primeira viagem de Colombo.

Depois de descobrir mais algumas terras, adjacentes a *S. Salvador*, todas ferteis e formosas, o grande descobridor fez construir no sitio em que desembarcára uma pequena fortalesa, ou forte, e deixando n'ella alguns soldados, voltou para Hespanha.

Durante a viagem de regresso, a fróta soffreu uma violenta tempestade.

Colombo crendo que iam naufragar, não quiz que a Hespanha perdesse o fructo do seu importante descobrimento, e metteu d'entro d'uma garrafa um pergaminho, em que dava conta de que existiam terras

de admiravel fertilidade no logar que havia indicado sempre, e que tinha tomado posse d'ellas em nome dos reis catholicos.

«As caravellas soçobram (dizia no pergaminho). Uma furiosa tempestade que se desencadeou repentinamente n'esta singradura, ameaça sepultar-nos nos abysmos do mar, e não é justo que a Hespanha perca o que legitimamente lhe pertence.»

A garrafa que guardava tão precioso avizo, foi ainda encerrada dentro d'um côco, e este, arrojado ao mar pela propria mão de Colombo, afastou-se das combatidas naus, balouçando-se furiosamente sobre as espumosas cristas das ondas.

O aviso de Colombo ficou perdido; mas ha poucos annos que um navio hespanhol arribou a um areal das costas de Africa, afim de fazer lastro.

Entre a areia que os marinheiros apanharam, chamou-lhes a attenção um objecto de pouco peso, que alguns julgaram ser um bocado de pedra *pómes*.

Examinado aquelle objecto pelo capitão do navio, reconheceu ser um côco carcomido pela acção das aguas.

Partido em dois por um golpe de machado encontrou-se-lhe dentro uma garrafa, e n'esta um pergaminho enrolado.

Aquelle pergaminho, como é facil de comprehender, era o mesmo que o almirante tinha escripto; era, por assim dizer, a escriptura de propriedade do *Novo Mundo*, á qual só a Hespanha tinha direito.

Tão precioso documento existe hoje depositado n'uma das bibliothecas da America, encerrado em uma riquissima caixa.

*
* *

Apasiguada a tempestade, Colombo prosegniu a sua viagem com rumo á Hespanha.

Depois de haver arribado ás costas da Peninsula, os reis catholicos, que estavam em Barcelona, receberam cartas d'elle, nas quaes lhes participava o feliz exito da sua titanica empreza.

A admiração que tão felizes novas produziram, foram proporcionadas á incredulidade com que n'um sentido se havia acolhido o projecto do navegante famoso.

O parvo, o visionario, o sonhador, já era um homem de grande importancia, um personagem celebre, cujo nome corria de bocca em bocca.

Os genovezes desesperavam-se, e Portugal desesperava-se tambem, por não haver tido fé nas semi-propheticas palavras do sabio navegador.

*
* *

Natural era a impaciencia que tinham os soberanos por saber minuciosamente todas as particularidades do notavel descobrimento, que exaltava o seu poder, tornando-os os monarchas mais poderosos do universo.

Sem perda de tempo, enviaram um mensageiro ao almirante, a fim de que este se apresentasse o mais depressa possivel em Barcelona.

Colombo, depois de uma viagem em estremo penosa, vira-se obrigado a arribar a Lisboa.

A' sua entrada no Tejo, foi saudado da parte do soberano portuguez!..

O rei de Portugal, fazendo justiça ás prendas d'esse homem extraordinario, dispensou-lhe o mais honroso acolhimento.

Tardio era o arrependimento de D. João II!..

*
* *

Pouco tempo se demorou Colombo em Portugal.

Reparadas as avartas que as suas naus tinham sof-

frido ao regressar da America, durante cuja travessia quasi sempre reinaram ventos tempestuosos, continuou a sua viagem, e cruzando a barra de Saltes, entrou triumphante no porto de Palos, ao meio dia de 15 de março de 1493.

Sete mezes e onze dias antes, sahira d'aquelle mesmo porto, para cruzar o grande Oceano.

Desconhecido navegante então, voltava cheio de gloria e cingida a fronte por louros immarceciveis, pela aureola dos heroes, que é o legitimo premio dos grandes homens, que de seculos a seculos apparecem sobre a terra.

VII

Colombo triumpha

Grande, immensa, foi a agitação no pequeno porto de Palos, quando os seus habitantes viram entrar a caravella do Almirante.

Havia muito tempo que todos julgavam sepultados nas aguas, ou devorados pelos imaginarios *monstros do Oceano,* os atrevidos navegantes.

O inverno fôra muito tempestuoso, e ninguem pensava tornar a ver os *aventureiros,* que com denodo sem igual se tinham atrevido a affrontar a furia das ondas, os *horrores sobrenaturaes* de que estava revestida a temeraria viagem.

Os habitantes de Palos tinham a bordo da fróta parentes ou amigos, e sahiram em tropel ao seu encontro.

Quando os viram, quando admiraram as numerosas provas do bom exito da expedição, proromperam em gritos de alegria.

A Hespanha é e tem sido sempre o paiz das almas enthusiastas, dos espiritos exaltados, dos corações de fogo!...

*
* *

Saltou o almirante em terra, e acompanhado por toda a sua tripulação e pelos habitantes de Palos, dirigiu-se á Igreja Matriz, onde se cantou um solemne *Te-Deum*.

Os sinos da villa repicavam ao mesmo tempo alegremente, e as salvas de artilheria saudavam com magestosos estampidos, tão ditoso acontecimento.

Aquelle successo glorioso, que augmentava o poderio hespanhol, enchia de enthusiasmo ainda mesmo os mais apathicos.

Colombo demorou-se em Palos pouquissimo tempo, e poz-se immediatamente a caminho para a cidade onde o esperavam os reis.

Seguido de extraordinaria multidão de pessoas de todas as classes, acompanhavam-n'o tambem alguns *indios* (ou americanos), ataviados ao uso selvagem do seu paiz, com tôscos colares de ouro, e com vistosas plumagens, ricas em côres e no brilhantismo.

Passando pelas cidades e villas, fazia ostentação de grandes quantidades do precioso ouro que tinha recolhido tanto em barras como em pó.

Tudo pasmava em vista de tanto ouro!..

Tambem levava comsigo inestimaveis vegetaes de grandes virtudes medicinaes e aromaticas; uma multi-

dão de quadrupedes e aves desconhecidas na Europa, e infinidade de objectos que attestavam a existencia de umas terras veladas até então, guardadas, como guarda o avarento as suas riquezas, pelas ondas mysteriosas do Oceano.

A mão poderosa do grande Colombo tinha rasgado aquelles véos, e os mysterios já não existiam.

Muito póde a sciencia casada com a fé!

Tão immenso como merecido era o triumpho do Almirante.

Os ilhéos de *S. Salvador*, com os seus phantasiosos e singularissimos atavios, e com os seus rostos bronzeados; os quadrupedes nunca vistos na Europa, e as aves de flamantes plumagens, augmentavam o effeito do novo espectaculo, de que até alli não havia nem sequer uma remota ideia.

A multidão sahia á passagem de Colombo, obstruindo as estradas, e victoriando ao pindarico descobridor de paizes, em cuja existencia ninguem acreditára até aquella épocha.

Quando passou por Sevilha, todas as janellas e balcões se cobriam de ricas e vistosas côlchas, e os habitantes da populosa cidade demonstraram o seu enthusiasmo, dando mil louvores ao immortal Colombo.

Todavia, quando o enthusiasmo raiou em verdadeiro delirio, foi na solemne occasião em que o Almirante chegou a Barcellona.

Todas as authoridades da cidade e os cavalleiros e dignatarios da côrte, sahiram a recebel-o acompanhando-o depois á presença real.

D. Fernaudo e D. Izabel, com seu filho o principe D. João, estavam assentados sob um magnifico docel, esperando com a mais viva anciedade a apresentação do almirante.

Quando o viram, levantaram-se das poltronas que occupavam, e estenderam as mãos para elle.

Izabel I tinha os olhos humidos de lagrimas, e até o impassivel Fernando estava bastante commovido.

Colombo quiz ajoelhar-se, mas os monarchas não lh'o permittiram, e a instancias d'elles occupou o lugar que lhe tinham mandado preparar.

Na altiva e ceremoniosa côrte de Castella não havia exemplo de semelhantes distincções.

Todos os sinos da cidade repicavam, e as ruidosas salvas de artilheria continuavam saudando a chegada do grande homem.

Conforme affirma o erudito escriptor (*) que referiu a historia dos reis catholicos, tão festival occasião foi o momento da suprema gloria na existencia de Colombo.

Provára completamente a verdade das suas theorias, por tanto tempo combatidas, a despeito dos argumentos, dos sophismas, dos desdens e do despreso; realisára, não por casualidade, mas por calculo, pela sciencia, todos os seus sonhos de gloria.

Pediram-lhe os reis que relatasse os seus successos, e elle então com expressão cammovida e digna, mas

(*) William H. Prescott.

um pouco animado com o calor do enthusiasmo, enumerou as differentes ilhas que percorrêra, alongando-se ácerca da benignidade do seu clima e da belleza do sólo, proprio para toda a especie de producções agricolas; apresentando depois as amostras que trouxera comsigo, como uma das melhores provas da sua fertilidade. Mostrou igualmente os preciosos metaes, ouro e prata, affirmando que acreditava na existencia de minas riquissimas nos paizes que acabava de descobrir.

Apresentou em seguida os indios, que contemplavam com assombro um espectaculo tão novo para elles, e entrou por ultimo em extensas considerações ácerca do vasto campo que se offerecia ao zêlo christão, para espargir a luz do Evangelho sobre uma raça de gente cuja alma longe de estar subjugada por nenhuma especie de idolatria, demonstrava a mais innocente simplicidade.

O coração da religiosa Izabel palpitava de jubilo, e os ouvintes todos se achavam em extremo commovidos.

Assim que o navegante famoso terminou a relação da sua feliz viagem e auspicioso descobrimento, o rei e a rainha e todos os que o haviam escutado, ajoelharam-se tributando as mais humildes graças ao Senhor, ao mesmo tempo que o côro da capella real resoava, enchendo o espaço com mystico regosijo, o sublime *Te-Deum*, da mesma fórma que se a Hespanha acabasse de alcançar a mais assignalada e gloriosa de todas as victorias.

Victoria, considerando bem, ganhára o genio de Colombo sobre a vulgar ignorancia do seu seculo.

Esta victoria, que não tinha custado sangue nem lagrimas, e que abria ante a sciencia um campo vastissimo, era o mais apreciavel triumpho e engrandecia a nossa patria até ao mais alto grau.

Os olhos humedecem-se com o pranto do enthusiasmo, e a penna não póde descrever successos tão grandiosos, tão extraordinario quadro, como o que contemplou a attonita e jubilosa Barcellona, n'esse dia de indelevel memoria!..

Colombo, tendo-se alojado no palacio dos reis, era então uma especie de semi-Deus, um heroe, que o povo acclamava com enthusiasmo, e os grandes festejavam á porfia.

A embriaguez do triumpho, alcançado pela sciencia, durava ainda, e não havia de desvanecer-se tão depressa.

A ruim inveja ainda não tinha tempo de patentear o seu livido rôsto!..

Agora, tudo eram felicitações, alegria e enthusiasmo.

VIII

Distinções prodigalisadas ao descobridor do Novo Mundo

Vivissimo enthusiasmo, curiosidade ardente, excitou o descobrimento de Christovão Colombo.

Tão fausto acontecimento constituia uma prueza mil e mil vezes mais importante, á luz da philosophia, que os mais decantados feitos de armas.

Toda a Europa se occupou d'elle, invejando á Hespanha a gloria, a dita incomparavel de ter ao seu serviço um homem de tanto merito.

Não havia ninguem que não se congratulasse, por ter chegado a uma epocha em que havia tido logar tão grandioso acontecimento.

Effectivamente o descobrimento da America é um dos factos mais positivamente uteis nos fastos da humanidade, do christianismo e da sciencia.

Das terras mais remotas affluiam á cidade de Barcellona os sabios da Europa, com o fim exclusivo de conhecer Christovão Colombo.

Era uma honra inestimavel apertar-lhe a mão, ouvir da propria bocca do *Navegante Famoso* a narração das suas curiosas aventuras, e ao menos poder dizer que o tinham visto.

Verdade, verdade; era desculpavel tão ruidoso enthusiasmo.

Os conquistadores antigos, Napoleão, o Grande, todos os homens que tem logrado alcançar para as suas frontes corôas de louro, não foram tão merecedores d'ellas como o nobre, o valoroso, o sabio *Genovez*, a quem Hespanha, ou para melhor dizer, á nunca esquecida Izabel I, amparou sob o seu manto protector.

Gloria tambem á excelsa rainha.

Sem ella, como já temos dito, e carecendo Colombo dos recursos precisos, indispensaveis para levar a effeito a sua colossal empreza, talvez ainda permanecesse o Novo Mundo rodeado de profundas trevas; ainda a velha Europa não teria disfructado as innumeraveis vantagens que lhe proporcionou aquelle immenso descobrimento.

*
* *

Conforme se vê na obra de Prescott, que já citamos, a mór parte dos sabios contemporaneos de Colombo, adoptaram a erronea hypothese d'este, que julgava que as terras por elle descobertas estavam situadas nas costas Orientaes da Asia, e limitando com as vastas e opulentas regiões descriptas por Mandeville e os *Polos*; e tal conjectura, que tão conforme se achava com as opiniões do almirante, antes de empre-

hender a sua viagem, corroborou-se mais e mais pela semelhança que apparecia entre varios productos naturaes d'aquellas ilhas (as Antilhas) e os do Oriente.

Por isso os novos dominios receberam o nome de *Indias Occidentaes*.

*
* *

Durante a residencia de Colombo em Barcellona, aquelle ente, então o mais mimoso da fortuna, continuou a ser objecto das mais honrosas distincções.

Quando o rei se apresentava em publico, levava-o sempre a seu lado, e com muita frequencia o assentava á sua meza, sem cançar-se de ouvir até os minimos pormenores da viagem do justamente apreciado nauta.

Os grandes da côrte, á imitação do seu senhor, obsequiavam-n'o tambem com opiparos banquetes, honrando-se com a sua amisade.

Como os tempos tinham mudado!

O obscuro navegante era então um alto personagem, cuja privança com os monarchas de Castella lhe porporcionava uma invejavel posição.

Comtudo, não vão por isto imaginar os nossos leitores, que o sabio descobridor da America chegou a desvanecer-se com tantas distincções.

Sempre modesto, sempre comedido, não ignorava que a côrte e o favor dos grandes são em extremo mudaveis.

O appellido de Colombo, não obstante este descender de esclarecida stirpe, foi tambem exaltado pelos reis catholicos, que lhe deram carta de nobreza e um escudo de armas, em que se lia este móto:

A Castilla y á Léon
Nuevo mundo dió Colon.

Estas e outras mercês fizeram nascer a inveja, esse ruim sentimento que frequentemente envenena o coração humano.

Alguns d'esses entes, propensos a invejar o bem alheio, começaram a dizer que o descobrimento não era de tanta importancia, como geralmente se acreditava, e que a casualidade favorecêra o almirante.

Este não ignorava que se propalavam semelhantes vozes, com as quaes se pretendia toldar a sua gloria; mas a sua alma elevada, estava muito acima de semelhante ruindade, e não deu importancia alguma á calumnia vil que zumbia ao redor d'elle.

A vida de cortesão, para que não havia nascido, principiava a fatigal-o, e rogou aos soberanos que dessem as ordens necessarias para que podesse emprehender a sua segunda viagem.

Entretanto o povo portuguez olhava com desgôsto os crescentes augmentos maritimos de Hespanha, porque emquanto os expedicionarios lusitanos recorriam as estereis costas da Africa, nós tinhamos atravessado o immenso pélago, tirando do seu seio, até então ignorado, reinos desconhecidos, reinos cuja extensão se julgava vastissima.

D. João II, rei de Portugal e homem politico e ambicioso, procurou pretextos para oppôr-se á continuação dos descobrimentos, ou para ter parte ao menos nos beneficios que d'elles resultassem.

Todavia, a Santa Sé terciou no assumpto, que já começava a produzir graves complicações, publicando bulas em que concedia á Hespanha o dominio sobre as terras *descobertas e que se descobrissem, no Oceano Occidental.*

D. João II, então viu-se obrigado a desistir de suas injustas pretenções, e baixou a cabeça ante a determinação do pontifice.

***

O almirante apressava, quanto lhe era possivel, a segunda expedição.

Como então já se tinham desvanecido os phantasmas, os medrosos terrores, os sustos só é só filhos da crassa ignorancia, todos queriam alistar-se para buscar fortuna nas *Indias.*

As exaggeradas e maravilhosas relações dos primeiros aventureiros tinham inflammada a cobiça na multidão, que mais e mais se escandecêra com a vista dos ricos productos trazidos á Hespanha por Colombo.

Era geral a crença de que as terras novamente descobertas formavam parte d'aquellas magicas regiões do Oriente, de cujas entranhas brotavam aos milhares as pedras preciosas e o ouro tão cobiçado sempre pelos individuos da especie humana.

Entre os que desejavam acompanhar o almirante, havia pessoas de distincção, fidalgos de casas ricas, cujo espirito emprehendedor e cavalheiresco, ou antes a sêde da gloria, os obrigava a correr após de aventuras maravilhosas.

Aquelle seculo era o seculo de conquistas, de batalhas encarniçadas, e o Novo Mundo offerecia um vasto campo para que os homens de coração animoso e braços fortes podessem ganhar alta nomeada.

Ninguem duvidava que nas *Indias*, e detraz dos recentes descobrimentos, seria necessario combater para firmar o nosso dominio em terras tão remotas.

Por consequencia, se muitos sentiam *febres de riquezas*, outros ambicionavam unicamente a gloria.

Fixára-se o numero dos expedicionarios em mil e duzentos; porém, em vista da importunidade dos pretendentes augmentou-se o numero a mil e quinhentos.

A esquadra que ia fazer-se á véla para *S. Salvador*, compunha-se de dezesete navios, sendo tres de cem toneladas, lotação espantosa para aquella epocha.

Com armada tão brilhante, desceu Colombo pelo Guadalquivir, fazendo-se ao mar da bahia de Cadiz, no dia 25 de setembro do anno de 1493.

Raro contraste offerecia agora a sua partida com a do anno anterior.

Antes havia-se lançado ás aguas do desconhecido mar, em guiza de cavalleiro andante, e na occasião presente ia cruzar esses mesmos mares revestido d'um verdadeiro e grande poderio, que ninguem ao tempo pensava disputar-lhe.

IX

Horrivel vingança dos indios

A segunda viagem de Colombo foi tão feliz como a primeira, se bem que não reinaram sempre ventos favoraveis.

Triste espectaculo esperava na America aos expedicionarios!

O forte que Colombo alli deixára estava convertido em ruinas, entre as quaes se viam espalhados, a êsmo, os ossos dos hespanhoes que n'elle tinham ficado de guarnição,

Que acontecêra? Porque razão tivera logar tão horrivel catastrophe?..

Se bem que o almirante fazia tenção de vingar os seus desventurados companheiros, com a sua habitual prudencia quiz inteirar-se primeiramente dos successos que tinham occorrido durante a sua ausencia.

Entre os *indios* que trouxera á Hespanha havia um que fallava já soffrivelmente o nosso idioma, e foi este o interprete de quem o almirante se valeu para averiguar a verdade dos factos.

Os poucos indigenas que lográra aprisionar, pois os outros tinham fugido para o interior dos bosques, disseram tremendo de medo, que os *filhos do sol* que

haviam ficado na ilha eram os unicos causadores da sua propria desgraça; desgraça que elles eram os primeiros a lamentar.

E' tão poderosa, tão persuasiva a expressão da verdade, que Colombo não vacillou em acreditar os indios, de cuja bondade e excellente condição tinha recebido sempre infinitas provas.

*
* *

Eis-aqui o que déra logar á destruição do forte, e á carnificina dos hespanhoes que n'elle havia de guarnição:

Esses homens imprudentes, anciosos de ouro e de prazeres, começaram a internar-se no paiz, apenas as caravellas partiram para a Hespanha.

Não havia entre elles um homem energico, um braço forte que contivesse a desordenada turba, e esta deixando-se levar dos seus instinctos, começou a fazer sentir aos indios o peso da mais odiosa tyrannia.

Para obter ouro, martyrisavam-os barbaramente, queimando-lhes com inaudita crueldade as solas dos pés e cortando-lhes o corpo com chibatadas.

Ai! Aquelles *filhos do sol* aquelles homens considerados até alli pelos indigenas como seres sobrenaturaes, não tardaram a ser encarados com profunda aversão!

A avareza não tinha adormecido os lascivos pensa-

mentos d'aquelles torpes europeus, e converteram em escravas suas as filhas e mulheres dos infelizes indios.

Os chefes eram os primeiros a dar exemplos de descaramento e ausencia total de brios, e os mais obscuros soldados chegaram a reunir um avultado numero de mulheres—uma especie de serralho.

Brutaes sempre, empregavam para com desditosas beldades os peiores tratamentos.

A proverbial fidalguia hespanhola, tão justamente celebrada em todas as epochas, não existia n'aquelles miseraveis, escravos das suas vis paixões.

Os sentimentos de humanidade tambem se achavam embotados n'aquelles peitos de ferro e lôdo.

A paciencia dos indios começava a esgotar-se, mas ainda continuavam lambendo, como o humilde cão, a mão que os opprimia.

Um dia, um velho cacique chamado Jaxamalco, apresentou-se no forte.

Ia quasi só, quando poderia apresentar-se acompanhado d'um numeroso exercito, e reclamou com as lagrimas nos olhos uma filha sua que poucos dias antes lhe fôra roubada por um soldado.

Este, em logar de se compadecer da dôr do cacique, escarneceu d'elle, e não só se negou a restituir-lhe a prenda de sua alma, mas cançado das lamentações do ancião, feriu-o no rosto com mão brutal.

O soffrimento humano tem limites, e tão infame acção fez arrebentar o furor dos indios.

*
* *

Jaxamalco afastou-se do forte, derramando não já lagrimas de dôr, senão de desesperação e cholera.

O soldado não foi castigado como deveria sêl-o pelos seus chefes, e aquelles aventureiros que tão longe se achavam da sua patria, e que viviam n'um paiz que por culpa d'elles era quasi todo seu inimigo, continuaram adormecidos na mais culpavel confiança.

Durante uma noite medonha e triste, em que o vento sibilava agitando a ramagem das arvores, foram despertados bruscamente por milhares de gritos de vingança.

Os que lançavam aquelles gritos eram um consideravel numero de indios guiados por um filho de Jaxamalco, que chegava ancioso de vingar a honra de sua irmã e a injuria feita a seu pai.

Nada mais natural.

Os hespanhoes quizeram lançar mão das armas, mas já era tarde.

A surpreza fôra completa, porque os indios não encontraram nem uma só vigilante sentinella na paliçaça que rodeava o forte, e cahiram como uma tromba sobre os seus adormecidos inimigos.

Nenhum d'estes ficou com vida, apesar de se defenderem desesperadamente.

Todos pereceram dos golpes titanicos das hachas ou maças dos indios, e ao fio dos cutellos de pedra de que elles fazem uzo.

Terminada a cruel matança, o filho de Jaxamalco mandou deitar fogo ao forte,depois de ter tirado d'alli sua irmã e as outras indianas que lá jaziam á laia de prisioneiras, causa innocente de tão sanguinolenta catastrophe.

Levaram tambem as armaduras e vestidos dos seus inimigos, como trophéus da victoria.

Ateado o fogo pelo vento da tempestade, a fortaleza ficou em pouco tempo reduzida a cinzas e a um fomegante montão de ruinas semeadas de cadaveres.

*
* *

D'esta feita não achou o almirante em quem vingar a morte dos viciosos e malavisados hespanhoes.

Os destruidores do forte, pertenciam a uma das tribus guerreiras que habitavam no interior das florestas da ilha, e não julgou prudente ir até alli.

Além d'isso, em sua consciencia, os culpados d'aquelle desastre foram de todo o ponto os hespanhoes.

Não tinham vexado de mil modos os indios?

Todavia reuniu os seus capitães e todos os homens de bom conselho que formavam parte da expedição, e pediu-lhes o seu parecer.

Uns opinavam que era necessario penetrar a ferro e fogo no interior da ilha, emquanto outros diziam que os indios tinham uzado do seu direito tomando represalias, o que convinha por esta vez esquecer tão desgraçado assumpto.

Colombo resolveu-se pelo ultimo parecer, e mandou dar sepultura aos restos dos seus desgraçados companheiros, victimas das más paixões que os tinham escravisado.

Tambem mandou edificar uma nova fortaleza sobre as ruinas da que os indios tinham tomado de assalto.

* * *

X

Aggravo e reparação

A calumnia e a inveja conseguiram torcer o animo dos reis catholicos, especialmente de D. Fernando, que enviou com amplos poderes á America um cavalleiro da ordem de Calatrava, chamado D. Francisco de Bobadilla.

Revestido de suprema jurisdição, tanto no civil como no criminal, a sua missão era processar a quantos tivessem conspirado contra a authoridade de Colombo. Respeito a este, tambem estava encarregado de averiguar secretamente seus actos.

D. Francisco de Bobadilla, era, conforme se crê, pessoa pouco idoneo, tratando-se de um posto tão elevado e de tanta responsabilidade como o que tinha a seu cargo.

Dotado de alma mesquinha e arrogante, encheu-se de desmedido orgulho, e desde o primeiro momento considerou a Colombo como réo convicto do delicto de abuso da authoridade, e determinou fazer cahir sobre o excelso nauta a espada da lei.

Assim que chegou á ilha, em seguida a uma ostentosa ceremonia em que fez publicas as suas credenciaes, mandou chamar o almirante.

Este acudiu ao chamamento, e Bobadilla sem apparentar sequer as formulas de um exame judicial (devassa), mandou-o carregar de ferros e metter em uma prisão. (*)

Oh! miseria! O illustre marinheiro, o nobre ancião a quem conforme a eloquente phrase de um escriptor da sua epocha—*se tivesse vivido nos antigos tempos da Grecia e Roma se lhe teriam levantado templos e erigido estatuas como se fosse um Deus*—viu-se tratado do mesmo modo que os criminosos!

Se bem que depois se tractou reparar aquelle acto injusto e deshonrado para Hespanha, não se póde negar que o iniquio abuso de Bobadilla deixou uma pequena mancha em a nossa historia, que escurece um pouco as suas gloriosas paginas.

Colombo, alma grande e heroica, não oppoz a minima resistencia, e sem replicar permittiu que lhe pozessem *algemas* e que o encerrassem n'uma escura prisão.

Outro que não fosse Bobadilla ter-se-hia commovido; mas o representante dos monarchas catholicos não deu mostras de semelhante sensibilidade, e depois de accumular no processo que formou ao immortal descobridor da America todos os frivolos pretextos e calumnias que circulavam contra Colombo, enviou este para a Hespanha.

Durante a viagem, o almirante permaneceu carre-

(*) Isto aconteceu a 29 de agosto do anno de 1500.

gado de cadeias e com sentinellas á vista, temerosos sem duvida, diz uma obra notavel (*), «de que por algum accidente podesse voltar nadando á ilha.»

Tão immerecido e repugante insulto não offendeu o immortal Colombo; offendeu, sim, os proprios individuos que tinham pertendido fazer-lhe perder o seu valimento.

A Hespanha inteira indignou-se, considerando que quaesquer que fossem os desacertos commettidos pelo grande homem, era uma indignidade, um padrão de ignominia para a nossa patria, têl-o tractado d'aquelle infame modo.

Affirma a historia, que em ninguem se manifestou esta indignação geral com mais força do que nos reis de Castella.

Comprehenderam que o mundo faria pesar sobre elles um cargo terrivel, se não se apressassem a emendar a injustiça de Bobadilla, e enviaram a Cadiz, onde desembarcára Colombo, ordens terminantes para que immediatamente fosse posto em liberdade.

Ao mesmo tempo dirigiram-lhe uma carta affectuosa e terna, rogando-lhe que logo que lhe fosse possivel se pozesse a caminho para Granada, cidade em que residia a côrte n'aquelle tempo.

Tambem lhe mandaram mil ducados para as despezas da viagem, enviando-lhe ainda mais uma luzida comitiva para que o acompanhasse.

(*) «Historia do almirante».

Reanimado um pouco seu abatido espirito, Colombo partiu para Granada.

Refere tambem a historia que, asssim que chegou á presença real, a sensivel Izabel I não pôde reprimir as lagrimas.

O rôsto do almirante estava macerado e cadaverico, e os olhos encovados.

E' o rôsto espelho da alma, e a alma d'aquelle ente privilegiado que tanto tinha feito em prol da Hespanha e da humanidade inteira, soffrêra muito nos ultimos tempos.

Colombo confiára sempre na rectidão e bondade da rainha Izabel, e as lagrimas que lhe viu correr pelas faces, demonstraram-lhe que não se enganára.

*
* *

Procurando os reis que a reparação da injustiça de Bobadilla fosse publica, como publico fôra o aggravo, cobriram o almirante de attenções em presença de toda a côrte, promettendo-lhe solemnemente que seria reposto em todos os seus cargos e honras.

Tinham vontade de cumprir esta promessa, mas quizeram antes d'isso tornal-o a installar com vantagem e toda a segurança, destruindo os bandos, ou partidas de guerrilheiros, que havia na ilha.

O novo commissario que enviaram á America, chamava-se D. Nicolau de Ovando, commendador de Lares e da ordem militar de Alcantara.

Ia provido das mais amplas instrucções, e levava ordem para fazer vir á Hespanha o feroz Bobadiilla, a fim de se lhe marcar residencia.

D'est'arte, e isto honra muito a sua memoria, procuraram os reis de Castella satisfazer o aggravado Colombo.

XI

Amarga melancholia

Apesar da reparação, a alma do immortal *Genovez* estava triste e desanimada.

Da sua melancholia, dos seus mais secretos pensamentos, fazia depositario o seu leal e sincero amigo frei João Peres de Marchena, encontrando algum allivio para as suas amarguras nos sabios e prudentes conselhos que recebia do bom religioso.

Enfermo o corpo, enfermo tambem o espirito, já não encerrava dentro da alma aquelle ardente enthusiasmo, aquelle invencivel affan por alcançar a gloria que lhe haviam feito vencer tantissimos obstaculos.

Gloria!..

Se era já immortal e indelevel a que cobria o seu nome!

Os que disseram que Colombo era um ente escravo de mesquinhas ambições, foram injustos para com elle, ou padeceram um lamentavel erro, emittindo juizo tão temerario.

Nunca esse homem, que jámais será esquecido, teve sêde de grandes riquezas.

De todos os que pisavam a fertil terra do Novo

Mundo, elle era o mais humanitario, o que mais advogava em favor dos pobres indios, que havia chegado a considerar como seus filhos.

*
* *

Estava triste e desanimado, repetimos.

Proximo a emprehender a sua quarta viagem ao mundo que descobrira, sentia-se debil, e convencido de que ia perdendo pouco e pouco o prestigio popular, porque a humanidade foi sempre ingrata e egoista, dizia frequentemente que desejava renunciar em seu irmão Bartholomeu a empreza de ulteriores descobrimentos.

Por um lado a velhice que já lhe tinha encanecido os cabellos, e por outra parte os dissabores que amarguram incessantemente as doçuras da gloria, tinham conseguido desanimal-o e entibiar-lhe a sua antiga audacia.

A sua vida tinha sido sempre uma lucta titanica, uma lucta sem treguas contra a ignorancia e a inveja, e as forças humanas são desgraçadamente muito limitadas.

Quasi todos os genios, esses grandes homens que têem apparecido na terra, esses espiritos predestinados, foram uns verdadeiros martyres.

*
* *

O illustrado e bondoso Peres de Marchena, conseguiu reanimar alguma coisa o abatido espirito do almirante, aconselhando-lhe que não se deixasse vencer pelos seus obstinados inimigos.

A voz do bom religioso soava docemente na alma do bravo marinheiro, e era, por assim dizer, o melhor balsamo para o seu lastimoso coração.

Antes de emprehender a viagem, rogou ao seu amigo que o acompanhasse á cidade de Santa Fé, sem lhe dizer o motivo porque desejava visitar os logares aonde pela vez primeira lhe déra audiencia a rainha Izabel.

Peres de Marchena accedeu aos seus rogos, e juntos encaminharam-se para a gloriosa e nascente cidade.

Ao chegarem a ella, disse Colombo com tristeza:

—Prevejo o meu proximo fim, e antes de abandonar o mundo quiz despedir-me d'estes sitios amados! Aqui—accrescentou, suspirando—renasceram as minhas quasi extinctas esperanças, no momento em que a rainha de Castella, essa nobre senhora, me deu a sua real palavra de proteger a minha empreza, logo que terminasse a conquista de Granada! N'este mesmo sitio, deixando de ser marinheiro, para me transformar em soldado, cingí a dura couraça e colloquei na

cabeça o ferreo capacete, tomando parte em todas as batalhas e escaramuças que precederam a capitulação da cidade mourisca! Não poupei o meu sangue em prol da nova patria que adoptei; não dei apenas descanço ao meu corpo, e mais de uma vez ouvi dizer em torno de mim, aos soldados castelhanos:

Mais lhe valêra *ao Genovez, ao louco,* abandonar para sempre a sua profissão de navegante e continuar sendo soldado. Tem serenidade e tem tambem braço forte».

—Braço forte tinha effectivamente, e então ainda podia empunhar uma lança e manejar com velocidade um pesado montante. Hoje... não sou mais do que um fraco ancião! O meu antigo vigor começou já a esvair-se, as minhas mãos e o meu rôsto estão cheios de profundas rugas, e o meu corpo curva-se para a terra, buscando n'ella o lugar de minha sepultura.

—Desterrae tão funebres pensamentos—disse o padre Marchena.

—Oh! não!—proseguiu o almirante, abanando a cabeça e sorrindo-se com amargura.—Estes pensamentos são para mim uma consolação, uma esperança dulcissima! Bem sabeis, meu amigo, que as crenças religiosas não se apagaram afortunadamente na minha alma, como já estão apagadas as que tinha na justiça e imparcialidade dos homens. Hoje só creio em Deus, que é a sabedoria e a bondade sem limites. Não esperando já nada do mundo, e vendo unicamente no sepulchro um lugar de eterno descanço, não é estranho que aninhe taes pensamentos. Morto já, os homens do

porvir farão justiça á minha memoria. «Porque eu «provei (1) tudo o que propuz: a existencia da terra «no Occidente; e abri um caminho que outros podem «seguir á sua vontade, como effectivamente o seguem, «arrogando-se o titulo de descobridores, ao qual ne«nhum direito podem ter, posto que não fazem mais «do que seguir as minhas pisadas.» Mas isto, já nada me importa. Sanccione o mundo as pretensões d'esses aventureiros, a ponto de conferir o nome de um d'elles (2) a esse mundo presentido por mim. Farei a nova expedição que me aconselhaes, padre Marchena, não por ambição de gloria e bens terrestres, mas por vos comprazer a vós e á minha senhora rainha, alma sensivel e grande, e uma das poucas que téem sabido comprehender-me. Tenho em meu poder a carta que me dirigiu ultimamente, affirmando-me em seu nome e no de seu real esposo, que se cumprirá tudo quanto me prometteram, e que se perpetuarão nos meus descendentes todas as honras e prerogativas que creio haver bem ganho. E comtudo só Deus sabe o que póde acontecer.

—A rainha Izabel—affirmou o padre Marchena—é incapaz de faltar á sua promessa e de lançar no esquecimento que augmentaste a gloria do seu reino.

—A rainha Izabel, sim—proseguiu Christovão Colombo.—Essa augusta senhora, magnanima entre as magnanimas, grande entre todos os grandes da terra,

(1) Estas palavras são historicas.
(2) Americo Vespucio.

ha-de advogar a minha causa; mas tenho muitos e poderosos inimigos, que tornarão a influir poderosamente no animo do monarcha catholico, e talvez tenha que tornar outra vez prisioneiro á Hespanha. Não fui já carregado de ferros, da mesma fórma como se fosse um criminoso, um vil usurpador?..

—Isso teria sido uma eterna vergonha para a Hespanha—exclamou o religioso—se os reis não se tivessem apressado a dar-vos as devidas reparações! Na patria do Cid e de D. Pelayo, em quanto existir no mundo o costume de gravar nos marmores e nos bronzes os nomes dos homens esclarecidos, o vosso apparecerá cercado de gloria.

Colombo tornou a sorrir-se tristemente, e accrescentou:

—Póde ser que as gerações futuras dêem algum esplendor ao meu sepulchro, mas desejára tambem que os homens do presente não me tivessem martyrisado na vida, dando-me tão acerbos dissabores!..

XII

A terra abençoada

O famoso navegante, depois de uma breve pausa, continuou:

—Cumpram-se os decretos do Altissimo! Soffra embora até o martyrio que soffriam os antigos christãos, e estenda-se pelas dilatadas regiões que logrei descobrir, a consoladora e santa religião de Jesus Christo! Aqui, na cidade de Santa Fé, experimenta a minha alma um gratissimo bem estar. Navegando pelos vastos mares, combatendo as furiosas tempestades que ameaçavam submergir as minhas embarcações, e nos pittorescos jardins do Novo Mundo, nunca votei ao esquecimento estes sitios. N'elles uni meus votos ao de tantos outros christãos, para que Deus concedesse a victoria aos monarchas de Castella e Leão. Aqui esperei, aqui continuei *sonhando*, e aqui, finalmente, mais de uma noite serena e encantadora, vislumbrou a minha phantasia os floridos bosques e os viçosos valles do novo imperio, que, dado por mim, possue a Hespanha no Occidente. Amo Santa Fé, muito mais que a patria onde abri os olhos á luz do dia. Em Santa Fé houve muitos que se riram e escarneceram dos meus projectos; mas tambem existiam algumas almas elevadas que escuta-

vam as minhas theorias sem um sorriso de desdem ou de incredulidade que lhes assomasse aos labios. Não era só sua alteza, a minha augusta rainha, a que se dignava escutar-me; D. Affonso de Cárdenas, mestre de Santiago; D. Henrique de Gusmão, D. João Pacheco, marquez de Vilhena, D. Rodrigo Ponce de Leão, D. Fadrique Henriques e outra infinidade de nobres senhores, escutavam-me tambem e chegavam a convencer-se de que era possivel a existencia de terras no Occidente. Tenho boa memoria, e lembra-me que uma vez D. João Pacheco disse-me amigavelmente: «Colombo, creio que foi uma fortuna para a Hespanha que Genova e Portugal não tivessem acceitado os vossos serviços. Vós alargareis, o coração m'o annuncia, os limites da monarchia castelhana». E escutei-os, sim, escutei-os de tal fórma, que a minha patria adoptiva chegou a ser a nação mais poderosa do mundo. Só Deus sabe, e eu jámais chegarei a vêl-o, até aonde se estendem essas terras que guardava avaro o Oceano. O mundo conhecido talvez seja um insignificante átomo comparado ao que ainda resta por descobrir no Occidente. Oh! meu Deus! Quanto é grande a tua misericordia para commigo! Tu fizeste nascer no meu cerebro o pensamento que me obrigou a atravessar os extensos mares nunca d'antes navegados; tu déste-me alento e perseverança; tu, Senhor, havendo determinado levantar o tenebroso véu que occultava esse arremêdo do paraizo terreal que existe além dos mares, elegeste-me a mim para tamanha empreza! Graças te sejam dadas, meu Deus!..

Ao pronunciar estas palavras, os olhos do almirante cravaram-se no céu, com mostras do mais vivo reconhecimento para com as bondades divinas.

—Tendes uma bella alma!—exclamou frei Peres de Marchena, enternecido—Gloria ha-de alcançar o vosso nome na terra, e gloria tambem, a gloria eterna, ha-de obter o vosso espirito no céu!

—Ainda quando porventura seja indigno d'ella—proseguiu o almirante—tenho feito sempre todo o possivel para a merecer. Tenho supportado com resignação todas as vicissitudes, todos os contratempos que ao Senhor aprouve envear-me, e a cada nova ferida que hei recebido no meu amor proprio, nunca deixei de dar graças ao céu. E por Deus, que não téem sido poucas essas feridas!.. Porém, deixemos isso, e vamos ao que importa. Vim aqui porque o fim de meus dias aproxima-se a passos agigantados. Mas mais do que os annos, os desgostos minaram-me a saude, outr'ora tão robusta, e hoje não sou mais que uma decrepito ancião. Vim aqui porque me quero despedir da real cidade de Santa Fé, lugar amado, lugar para mim digno de veneração. Além d'isso, de todas as povoações de Hespanha que tenho percorrido, esta é a que tem para mim mais agradaveis lembranças. Não querendo ser enterrado em Genova, na obsecada Genova, que foi a primeira a considerar-me por demente, desejaria que os meus restos mortaes descançassem em Santa Fé; mas isso talvez não seja possivel. Os mares que de novamente vou sulcar, talvez me dêem tumulo no seu insondavel seio, e quando isto não aconteça, provavel-

mente serão depositados os meus ossos em o Novo Mundo. Em qualquer dos dous casos, desejo levar sobre mim um punhado de terra d'este sólo abençoado; pois terei então o prazer de se me affigurar, embora seja illusão, que as minhas cinzas repousarão na cidade que vi nascer n'uma epocha de saudosa e indelevel gloria para Hespanha.

Dizendo isto, Colombo inclinou-se a custo, apanhou succeesivamente tres punhados de terra, e deitou-os n'uma bolsa de veludilho carmezim que trazia á cinta.

Em seguida apresentou aquella bolsa ao seu amigo, e este adivinhando-lhe o pensamento, abençoou-a, entretanto que o descobridor da America inclinava a cabeça sobre o peito para receber ao mesmo tempo a benção. Aquelle acto tão simples e ao mesmo tempo tão solemne, não tinha por testemunha senão Deus.

*
* *

A real cidade de Santa Fé, desde que os reis catholicos se tinham apossado de Granada, ficára quasi solitaria, e em poder de uma pequena guarnição.

Faltava-lhe a sua antiga alegria, a sua vida de outros tempos.

Annos depois, Santa Fé começou a tomar incremento.

Os reis catholicos concederam terrenos a alguns de seus bons vassallos, e estes edificaram casas e restauraram os antigos edificios que já começavam a arruinar-se.

Só assim se pôde evitar que o célebre *acampamento*, a cidade dos monarchas conquistadores, ficasse reduzida a um deserto.

XIII

Colombo apodado de magico

Parecia que a má estrella que fazia sentir a Colombo sua malefica influencia, se tinha extinguido; mas não era assim brilhava ainda para martyrio d'aquelle extraordinario ente, e a inveja não cessava de cravar o seu envenenado farpão na honra do grande homem.

Quasi ao mesmo tempo que partia para a America revestido já de todas as suas antigas prerogativas, uma esquadra conduzia á Hespanha a enorme quantia de *duzentos mil castelhanos de ouro.*

O precioso metal correspondente á côroa de Castella, era uma parte insignificante do que haviam produzido as famosas minas de *Hayua.*

O tamanho de algumas das *amostras* n'ellas exploradas, era portentoso.

Só um pedaço pezára tres mil e duzentos castelhanos, e sobre elle tinham servido um leitão assado ao governador, dizendo-lhe—que nenhum outro magnate europeu podia comer em *prato de tão alto preço.*

A fróta que trazia o mencionado ouro, naufragou muito antes de chegar á Hespanha, e só pôde salvar-se do naufragio uma embarcação velha, em que estava

encerrada a parte do rico metal que correspondia ao almirante.

Isto foi bastante para que o vulgo dissesse—que Colombo era magico e que dispondo a seu bel-prazer dos ventos e das ondas do mar, quizera vingar-se da Hespanha.

Incriminação tão nescia achou facilmente ecco até em alguns grandes da côrte; mas nem por sombras na rainha Izabel, mulher tão superior á sua epocha.

Ella era a mais constante defensora do *Navegante Famoso,* sua amiga, a unica que procurava repellir todos os tiros que a maledicencia assestava contra o ancião venerando e sabio, a quem muitos desejavam vêr por segunda vez humilhado.

Aquella grande rainha não olvidava igualmente que os indios eram seus subditos, tão crédores da clemencia e benignidade d'ella como os entes nascidos na Peninsula, e prevendo os maus tratamentos que lhes faziam soffrer homens sem coração, não deixou de advogar por elles até aos ultimos instantes.

Consultando unicamente o seu bom coração, Izabel I aboliu a escravidão, e declarou os indios *tão livres como seus proprios subditos.*

Infelizmente estava muito distante da America, para que podesse fazer cumprir os seus beneficos decretos, e não appareceu então nenhum zeloso defensor da humanidade que denunciasse com robusta voz e valentia, as desgraças que pesavam sobre os pobres ilhéus.

XIV

Os reis catholicos

Izabel I era uma das mulheres de mais talento e animosas do seu seculo, como o demonstra o ter seguido a seu esposo e ao exercito em todas as suas conquistas.

Uma occasião a cidade de Segovia insurreccionou-se contra o seu alcaide, o marquez de Moya, a quem uma severa rigidez privára do affecto popular.

A rainha achava-se em Tordesillas, e ao saber o que se passava, montou a cavallo, e fazendo-se acompanhar do cardeal Mendoza, do conde de Benavente e de mais alguns personagens da côrte, dirigiu-se a toda a pressa a Segovia.

A pouca distancia d'esta povoação sahiram-lhe ao encontro varios dos seus principaes habitantes, rogando-lhe que expulsasse da comitiva que a acompanhava a marqueza de Moya e o conde de Benavente, esposa a primeira do alcaide, e amigo intimo o segundo d'aquella authoridade, que chegára a ser tão impopular.

—Do contrario—accrescentaram os commissarios—não poderemos responder pelas consequencias.

Izabel disse-lhes, com altiva dignidade «que era «rainha de Castella; que além d'isso Segovia era sua,

«por direito hereditario, e que não estava acostuma-
«da a receber condições de subditos rebeldes.»

E sem se deter mais caminhou para diante, sem que se lhe notasse no rôsto nem o mais leve signal de temor.

O palacio estava ainda em poder dos servidores do marquez de Moya, e por uma das suas fortissimas portas fez a sua entrada n'elle.

Mas o povo continuava a juntar-se em maior numero do que antes, e as suas imponentes massas não cessavam de gritar:

—Ao assalto! Morra o alcaide!

Os que acompanhavam a rainha estavam aterrados; mas ella não: a sua serenidade não chegou a desmentir-se n'aquella occasião, nem com palavras nem com acto algum d'esse susto que é tão natural no seu sexo.

Rogaram-lhe que mandasse guarnecer todas as portas do palacio, que então podiam resistir a um cêrco em fórma; mas não quiz dar ouvidos ao conselho.

Os amotinados, qual furiosa tempestade, trovejavam entretanto junto aos muros do formidavel edificio.

*
* *

Baixou a rainha a um dos pateos, acompanhada unicamente por um dos seus pagens, e dando ordem

para que se abrissem todas as portas a fim de dar ao povo entrada franca, esperou com rôsto sereno a chegada dos do motim.

A furiosa multidão não tardou a encher quasi todo o pateo.

Mas ao vêr a sua rainha, aquella mulher sublime, revestida de toda a magia da belleza e da magestade, inclinaram até ao chão as pontas das espadas, e um respeitoso silencio succedeu ao tumulto.

Então Izabel disse-lhes com benevolencia:

—Contae-me os vossos aggravos que farei todo o possivel para os remediar, porque estou segura de que o vosso interesse é o meu e o de toda a cidade.

Os revoltosos acobardados ao verem o tranquillo da soberana de Castella, levaram algum tempo a formular as suas queixas; mas a final um dos mais resolutos tomou a palavra e disse: «que o que unicamente pediam era que o marquez de Moya fosse deposto n'aquelle mesmo dia.»

—Sêl-o-ha—accrescentou Izabel—se houver motivo para isso; mas do contrario, não. Entretanto entregará o palacio a um dos meus servidores, o qual desempenhará o cargo do marquez. Embainhae, pois, essas espadas, e voltae para as vossas casas, a fim de cuidar de vossas familias e fazendas.

—Viva a rainha!—gritou a multidão que inundava o pateo do palacio municipal.

Ouvindo aquelle viva atroador, os amotinados que não tinham conseguido penetrar no edificio, preromperam em alegres acclamações.

Depois de acalmar tão facilmente a furia popular, dirigiu-se a animosa senhora ao paço que tinha na cidade.

A multidão seguia-a ; voltando-se porém a rainha para ella, tornou-lhe a dizer que se retirasse, pois faria justiça.

Obedeceu o povo e a rainha mandou tirar uma informação ou devassa, do que resultou que o marquez de Moya estava innocente dos abusos que se lhe imputavam, e que o bispo de Segovia era o promotor da rebellião.

Por consequencia, o alcaide foi reintegrado no seu cargo, e graças á presença de espirito da soberana, evitou-se um derramamento de sangue que ameaçava cobrir de luto a cidade de Segovia.

*
* *

A esposa do monarcha de Castella era incansavel, e nas guerras contra os mouros animava com a sua presença os soldados.

Na armaria real de Madrid conserva-se uma espada não muito comprida, que dizem costumava usar quando foi nas conquistas de Malaga e Granada.

*
* *

Era a rainha Izabel de formosa presença e de figura esbelta e ao mesmo tempo magestosa.

O seu olhar sereno e dôce parecia que tinha a faculdade de lêr nos corações, e inspirava tanto respeito como carinho, sentimentos bem difficeis de reunir.

Por mais de uma vez, com a sua habitual doçura, temperou a severidade e o rigor de seu esposo, e se este chegou a merecer o cognome de monarcha prudente e justiçeiro, a ella foi devedor em grande parte de tão honrosos appellidos.

Quando deixou de existir, conforme a sua ultima vontade, os seus restos mortaes foram trasladados para Granada.

Alli, e no mosteiro chamado da Alhambra, enterraram tambem o cadaver do rei Fernando; mas um anno depois, quando se terminou a real capella da igreja tropolitana, as cinzas de ambos os monarchas foram trasladadas para ella.

Adornam o sepulchro muitas figuras de marmore, representando santos e anjos, e baixo relevos primorosamente esculpidos.

Já que fizemos,se bem que succintamente, o retrato da rainha Izabel, dedicaremos tambem algumas linhas a seu esposo.

«Este, diz um seu historiador contemporaneo (1), tinha boa côr, e os olhos brilhantes e animados, o seu nariz era correcto, os dentes summamente brancos, e abundantes os cabellos e de côr castanho claro.

«De maneiras cortezes e descançado no fallar, nunca se lhe poderam notar no rôsto signaes de melancholia ou tristeza. Era, emfim, todo o seu continente o de um grande rei.

«Tendo sempre uma vida muito activa, e incançavel nos negocios publicos, a unica classe de leitura a que tinha muita affeição era a da historia.

«Não se sentindo com inclinação para os prazeres culinarios, era muito frugal nas suas comidas, sendo tambem parco nas despezas da sua pessoa e casa, o que deve attribuir-se, em parte, ao desejo de corrigir as ostentosas despezas dos nobres.

(1) Sempere, *Historia do luxo.*

XV

A má nova

Com a morte do Izabel I, perdeu Colombo o seu mais firme apoio.

Já sem amigos nem protecção, e quasi á mercê dos implacaveis inimigos que a sua gloria lhe promovêra, conheceu que cada vez era maior o desalento e melancholia, que por via de regra são companheiros inseparaveis da velhice.

A sua quarta viagem fôra uma série não interrompida de desenganos e desastres.

Depois de ter atravessado o golpho de Honduras, costeou as margens d'aquellas douradas regiões, que por tanto tempo haviam afagado a sua imaginação.

Os naturaes do paiz convidavam-n'o a que penetrasse nos seios interiores d'aquelle mundo Occidental; mas foram vãs taes instancias, e seguiu o seu rumo para o Sul.

Ultimamente, depois de ter avançado com grande difficuldade um pouco mais para o cabo de *Nome de Deus*, viu-se obrigado pelo furor das tempestades e as queixas da sua gente, a retroceder.

A ferocidade dos naturaes de Terra Firme, tam-

bem o impediu de deixar alli estabelecida uma colonia.

A desgraça que o perseguia foi causa igualmente de não poder sahir da ilha de Jamaica, onde o teve retido mais de um anno a cobiça de Ovando, então governador de S. Domingos.

Finalmente, tendo tornado a embarcar-se com a sua quebrantada tripulação em um navio fretado á sua custa, depois de soffrer na travessia violentas e frequentes tempestades, logrou dar fundo no porto de San Lucar no dia 7 de novembro do anno de 1504.

N'aquelle pequeno porto esperava encontrar o repouso de que tanto carecia.

*
* *

Assim que saltou em terra, soube a noticia mais desconsoladora, mais triste que podia receber: soube da morte da rainha—a sua amiga constante, o seu melhor amparo.

Foi este um golpe terrivel para as suas esperanças —«porque sempre encontrára n'ella favor e amparo, —diz seu filho Fernando na sua historia—ao passo que o rei, não só se manifestava indifferente mas contrario aos interesses do almirante.»

Com a alma trespassada pela dôr, escreveu uma carta dirigida a seu filho Diogo, na qual, fallando da

rainha, lhe diz entre outras cousas, estas sentidas phrases:

«O nosso principal dever é o de rogar a Deus com a mais fervente devoção pela alma da nossa finada senhora rainha.

«A sua vida foi sempre catholica e virtuosa, e prompta para quanto podesse redundar em proveito da religião; devemos portanto, confiar em que já está na gloria, longe de todas as penas d'este mundo miseravel.

«Tenho lagrimas nos olhos, meu querido filho, ao escrever-te esta carta.

«Respeito a vontade do Senhor, e comtudo a morte da grande rainha que a Hespanha acaba de perder, me tem inconsolavel!..»

*
* *

Havia tempos que a gôta, esse horrivel mal tão abundante em dôres vivas, molestava Colombo, e agora tinha-se exacerbado de tal maneira que apenas lhe permittia algum descanço.

Chegou a incommodal-o tanto, que durante aquelle inverno não pôde pôr-se a caminho para Segovia, aonde residia a côrte.

Achava-se o rei muito occupado em seus negocios

pessoaes, para attender como devêra aos do almirante, e este viu-se reduzido a uma grande falta de meios.

As suas repetidas supplicas e queixas acharam emfim acolhimento, e nos principios da primavera recebeu-se ordem para trasladar-se á côrte.

Existia então uma pragmatica prohibindo em Hespanha o uzo das muares, mas derogou-se em favor de Colombo, permittindo-se-lhe que fizesse a viagem em mula e a jornadas curtas, porque estava muito debil e achacado.

O venerando ancião, o sabio navegante, a quem faltava tudo, excepto a gloria, apenas podia caminhar.

Mettia dó vêl-o, com a cabeça inclinada para o peito, pallido, com o rôsto sulcado de rugas e trémulas as mãos.

Os povos sahiam-lhe ao encontro, e fazendo justiça aos seus merecimentos, repetiam baixinho e com respeitosa expressão o lêma do seu escudo: «A Castilla y a Lion, Nuevo Mundo dió Colon».

Alguns se lhe approximavam e beijavam-lhe as mãos pedindo-lhes as suas bençãos, da mesma fórma como se fosse um dos muitos reverendos religiosos que frequentemente encontravam então no seu caminho os que viajavam pela Hespanha.

Estas demonstrações de apreço, eram um balsamo benefico para o pobre e illustre ancião, cujo bondoso coração tinha soffrido e soffria tanto.

A má nova que recebêra quando chegou a S. Lucar, acabára de desanimar o seu espirito.

XVI

Morte de Christovão Colombo

O rei D. Fernando recebeu Colombo com as maiores demonstrações de cortezia, assegurando-lhe além d'isso, que apreciava no seu justo valor os importantes serviços que d'elle recebêra, e que, longe de limitar as suas recompensas aos termos precisos do contracto, tinha pensado em lhe dispensar em Castella as mais amplas mercês.

Apesar d'esta promessa, os factos não corresponderam a um offerecimento tão benevolo, e longe de receber a parte que lhe correspondia das quantias enviadas da America, viu-se na precisão de contrahir dividas para attender ás suas despezas mais indispensaveis.

Não consta que assistencias recebesse da corôa por esse tempo, nem se se lhe deram algumas; continuou porém, residindo na côrte, que acompanhou a Valhadolid quando o rei se trasladava a esta cidade.

O que consta sim é que continuou gozando da consideração publica que era devida á sua alta reputação e extraordinarias façanhas, e que o rei Fernando lhe propoz que cedesse dos seus direitos em o Novo Mun-

do em troca de outros Estados e dignidades em Hespanha.

O almirante negou-se a admittir esta proposta.

—Não por mim—disse—senão pelos meus descendentes, não posso ceder de nenhum dos direitos que creio ter ganho bem.

Depois da morte do rei de Castella, o seu successor, o rei D. Filippe, não se apressou em reparar as injustiças commettidas para com o almirante.

A vigorosa natureza d'este desfallecia rapidamente, e aos 19 de maio do anno de 1506, sentindo que se approximavam os seus ultimos momentos, outhorgou um codicillo, em que confirmava outra disposição testamentaria que fizera anteriormente, com referencia á vinculação dos seus Estados e dignidades.

Queria perpetuar o seu illustre nome, queria que os seus successores disfructassem do fructo dos seus afanes e fadigas.

Já na agonia rodeavam-lhe o leito os seus dous filhos Diogo e Fernando, seu irmão Bartholomeu e tres indios baptisados que trouxera comsigo da America e que lhe professavam um entranhado carinho.

Todas aquellas pessoas vertiam abundantes lagrimas.

—Não choreis—lhes disse o almirante—se como creio desejaes o meu bem. Ha já bastante tempo que não espero nada d'esta vida; as minhas esperanças cifram-se unicamente no que ha mais além da campa.

*
* *

—Filhos do meu coração, irmão, meus pobres amigos, accrescentou, querendo indireitar-se no leito, e sentindo n'aquelle momento uma grande melhora, a que se conhece vulgarmente com o nome de *melhora da morte*—não choreis, repito, e dae graças ao Senhor, como eu lh'as dou, porque alfim me tira d'este mundo de miserias para levar-me a melhor vida. Os meus padecimentos physicos e moraes vão terminar. Deixo-vos, meus filhos, um nome honrado que as gerações futuras hão-de exaltar. O homem proximo ao seu fim quasi que é propheta, porque está mais perto do mundo da eterna verdade, e por isso prevejo o que ha-de succeder.

—Ah! Senhor da minha alma!—exclamou soluçando um dos indios—Jámais poderei consolar-me!..

Colombo dirigiu-lhe um prolongado e suavissimo olhar, e estendeu-lhe uma das suas descarnadas mãos, na qual o indio deixou correr o pranto em grande abundancia

*
* *

Aquelle grande homem, antes de exhalar o seu ultimo suspiro, lembrou-se da terra que apanhára na cidade de Santa Fé e que conservava em seu poder.

Aquella terra que como sabem os nossos leitores, tinha recebido a benção do padre Marchena, foi espargida por ordem do moribundo sobre as roupas da sua cama.

Era o dia da Ascensão do Senhor, e Colombo regosijava-se pensando que ia deixar o mundo em dia tão assignalado.

Depois de ter recebido os auxilios espirituaes, abençoou pela ultima vez os seus filhos, e entregou a sua alma a Deus.

A paz de que disfructava o seu coração, tinha-lhe deixado no rôsto uma especie de dôce melancholia, de santa resignação.

*
* *

Os seus restos mortaes foram depositados primeiramente no convento de S. Francisco de Valhadolid.

Trasladados depois para o mosteiro da Cartuxa das Covas de Sevilha, erigiu-se-lhe um soberbo mausoléo em que se lia a memoravel legenda de: *A Castilla y a Leon,* etc.

Não foi este o ultimo lugar de repouso para as cinzas do immortal navegante.

De Sevilha foram trasladadas á ilha de S. Domingos, nos fins do anno de 1536, e quando foi cedida aquella ilha aos francezes em 1795, foram de novamente removidos e levados a Cuba, em cuja capital repousam hoje tranquillamente.

Alli, na cathedral, e á esquerda do altar-mór vê-se um busto de Colombo, collocado em um nicho aberto na parede.

Perto d'este nicho ha uma urna de prata que contém todos os restos mortaes que ainda se conservam do *Famoso Navegante.*

***

Christovão Colombo no dia do seu fallecimento tinha cumprido já setenta annos.

Mais do que a idade, os pesares e a fadigas tinham posto termo á sua vida.

Ficou d'elle, na historia da sua vida, uma minuciosa descripção ácerca da sua pessoa e costumes.

Diz esta descripção que tinha os cabellos louros e abundantes, mas que na idade de trinta annos já tinham começado a encanecer.

A sua presença era magestosa, e grande a affabilidade das suas maneiras.

A sua conversação tinha muito de instructiva, e se bem que se exaltava n'algumas occasiões por effeito da singular sensibilidade do seu coração, não tardava em volver á sua habitual temperança.

Parco na comida, gostava tambem muito pouco dos divertimentos, porque o colossal projecto a que tinha consagrado a sua vida inteira, absorvia nimiamente a sua attenção, para que a podesse prestar aos frivolos prazeres a que costuma entregar-se o vulgo dos homens.

Religioso em alto grau, abrigava tambem o projecto de uma cruzada para reconquistar o Santo Sepulchro.

Este projecto fez assomar o riso aos labios de Alexandre IV, o Pontifice mais egoista de todos os successores de S. Pedro.

Existem alguns grandes homens em quem se encontram reunidas as mais extraordinarias virtudes, com verdadeiros vicios e com ridiculos degradantes; mas o caracter de Christovão Colombo não offereceu nunca taes contradições.

Considerado na vida publica e no seu viver privado, offerece um aspecto nobre e elevado, assaz em harmonia com a grandeza dos seus planos, cujos resultados foram os mais brilhantes e tanto como nunca os pôde realisar homem algum.

Accrescentaremos que tambem manifestou o maior zêlo pelos interesses dos individuos que o seguiam nas suas expedições, gastando até o ultimo maravedí (*) em proveito dos marinheiros na sua ultima viagem.

(*) A minima fracção da moeda hespanhola.

XVII

Os descendentes de Colombo

No capitulo antecedente fallamos dos filhos de Colombo; crêmos pois ser conveniente dar ao leitor algumas noticias ácerca d'elles.

Eram dois, como já dissemos.

O mais velho, Fernando, não era legitimo, mas herdou parte do genio immortal de seu pai.

O segundo chamava-se Diogo, e estava collocado na classe de pagem na casa real dos monarchas de Castella.

Fernando Colombo, além d'outras obras que se perderam, deixou-nos escripta uma apreciavel historia de seu pai.

Muito affeiçoado á litteratura, logrou reunir uma livraria composta de mais de vinte mil volumes, que era talvez a mais completa que então possuia nenhum particular na Europa.

Diogo, quando attingiu a sua maioridade, obteve uma sentença em seu favor e contra a corôa.

Esta sentença foi dictada pelo conselho das Indías, o que prova a justiça que assistia ao joven descendente legitimo do descobridor da America.

Gosando do alto emprego e de todas as honras que lhe correspondiam, o joven almirante casou-se com uma senhora de Toledo, que pertencia á mais alta nobreza de Castella.

Isto prova tambem a grande estima que se fazia do appellido de Colombo.

Nada de particular offerece a vida do seu descendente.

Morto este, o seu successor que tambem se chamava Diogo, desanimou-se pela perspectiva d'um litigio, que ameaçava ser interminavel, litigio que contra elle moveu Carlos V.

Então consentiu em permutar os seus direitos por grandes honras e avultadissimas rendas, que se lhe instituiram em Castella, e viveu sem ambições, mas sustentando dignamente o appellido illustre que lhe legára seu avô.

A familia do descobridor não se extinguiu todavia.

O seu descendente tem hoje os gloriosos titulos de duque de *Veraguas* e marquez de *Jamaica*, procedentes de logares onde o almirante chegou nas suas ultimas viagens.

Gloriosos são, pois, estes titulos, repetimos.

XVIII

Conclusão

O seculo glorioso dos reis catholicos foi para a Hespanha um manancial inexgotavel de prosperidades.

Entes privilegiados, e uma multidão de circumstancias favoraveis, haviam contribuido para o seu engrandecimento, e a nossa mãe patria era a inveja das outras nações.

Poucos povos tem possuido, reunidos como nós possuímos n'aquella éra de ventura, homens como Christovão Colombo, o cardeal Cisneros, Gonçalo de Cordova, Las Casas, e tantissimos outros como registra a historia.

A indifferença, ou antes o desprezo, com que os nobres tinham até então olhado para as boas lettras, desapparecêra completamente.

«Não havia hespanhol, que se tivesse na conta de nobre, que manifestasse indifferença para as lettras». (*)

N'esse tempo memoravel, D. Gutierres de Toledo, filho do duque de Alba e primo do rei, ensinou, na celebrada universidade de Salamanca; na mesma explicou Plinio e Ovidio, D. Pedro Fernandes de Velasco,

(*) Geovio.

filho do conde de Haro, que succedeu depois a seu pai na alta dignidade hereditaria de gran-condestavel de Castella; e D. Affonso de Manrique, filho do conde de Paredes, tambem foi professor de grego n'outra universidade igualmente afamada—a de Alcalá.

Tudo absolutamente contribuia para dar esplendor á Hespanha.

*
* *

Antes do reinado de Izabel I havia pouquissimas aulas no reino, e nenhuma de nota, exceptuando a de Salamanca; porém, durante a maternal e sabia dominação d'aquella grande rainha, houve academias que chegaram a adquirir muita fama.

Entre ellas figuravam na primeira plana, pela sua importancia, as de Toledo, Sevilha, Granada e Alcalá.

A' testa d'estes estabelecimentos de instrucção estava Salamanca, á qual Marineo chama *mãe das artes liberaes e de todas as virtudes, assim de cavalleiros como de lettrados varões, muito illustres.*

Tanta era, com effeito, a sua reputação, que alli affluiam em grande numero tanto os naturaes como os estrangeiros.

N'uma occasião chegaram a congregar-sr alli sete mil estudantes.

N'aquella *Nova Athenas,* nome que as chronicas

frequentemente lhe dão, estabeleceram-se ramos de todo o saber humano que então se cultivava.

Por esse tempo, tambem se estabeleceu em Burgos um archivo publico, parecido ac que hoje existe em *Simancas*.

Tambem se concederam n'essa epocha grandes privilegios aos *impressores de livros, pelo grande risco e custo*, e porque tinham por objecto *ennobrecer as bibliothecas do reino*.

A primeira imprensa que houve em Hespanha, parece que se estabeleceu em Valencia, e o primeiro livro que n'ella so deu á luz foi uma collecção de poesias dedicadas á Santissima Virgem.

Madrid, Toledo, Sevilha, Cidade-Real, Granada, Valhadolid, Burgos, Salamanca, Zamora, Lézida, Múrcia e Alcalá de Henares, não tardaram a imitar Valencia, e tiveram tambem as suas imprensas.

Na cidade de Alcalá de Henares, e graças á munificencia e ardente enthusiasmo pelas lettras do grande cardeal Cisneros, estabeleceu-se uma imprensa no seu proprio palacio, talvez a melhor d'aquella epocha, de cujos prélos havia de sahir mais tarde a famosa *Biblia Polyglota*, que foi uma das obras mais monumentaes que se imprimiram n'aquelle tempo de esplendor e gloria, sendo parte para exaltar o já então gloriosissimo nome do conquistador de Oran.

Na bibliotheca do mosteiro do Escorial existe um exemplar d'esta inestimavel obra.

Os livros de *cavalleiros andantes* começaram a ap-

parecer n'aquelle tempo, depois da traducção que se fez do *Amadis de Gaula.* (1)

Respeito á poesia, um sem numero de *romances*, em que se cantavam feitos heroicos dos cavalleiros da epocha, appareceu por toda a parte.

Emfim, o céu derramava ás mãos cheias os seus beneficios sobre a patria do Cid.

Foi, porém, *o descobrimento da America* o feito dos feitos — que deixa a perder de vista *tudo quanto a musa antigua canta* (2).

(1) Romance portuguez.
(2) Camões.

BIOGRAPHIA

DE

CHRISTOVÃO COLOMBO

BIOGRAPHIA DE CHRISTOVÃO COLOMBO

Como o manuscripto hespanhol de onde foi traduzida esta obra não produzisse o numero de paginas que haviamos calculado, e para de alguma fórma remediarmos este inconveniente, vamos trasladar para aqui os seguintes traços biographicos do grande nauta, os quaes encontramos em um dos mais interessantes jornaes illustrados que em 1844 se publicava em Lisboa.

Christovão Colombo, um dos primeiros navegantes do seculo decimo quinto, era filho d'um fabricante de pannos.

Nasceu em 1441 em Coccaro, no Montferrato, dependente do Piemonte, e recebeu de suas paes a mais desvelada educação.

Algumas viagens que emprehendera, e a fama que então enchia o mundo, das audaciosas navegações dos portuguezes pelo mar Atlantico, lhe desenvolveram na alma sua innata propensão para os estudos da nautica e da cosmographia.

Levado, talvez, de uma d'essas inspirações só proprias dos grandes genios, concebeu que podia levar a cabo ainda empreza maior que todas aquellas que até alli haviam projectado os famosos navegantes d'aquella idade; e só pela vista de uma carta do nosso hemispherio, e com arrasoados deduzidos da disposição do globo terrestre, este homem extraordinario julgou que existia outro grande hemispherio, cuja descoberta lhe grangearia nome illustre e subida gloria, não só entre seus conterraneos, mas tambem nas gerações do porvir; resolveu-se, pois, a dar á execução o seu projecto, aventurando-se sobre as ondas de um mar inteiramente desconhecido.

Havendo sido tratado primeiramente na sua patria como um visionario, e depois em Portugal, cujo soberano (D. João II) regeitou seus serviços, marchou para Hespanha, onde então reinavam os reis catholicos Fernando e Isabel, de quem obteve tres navios e noventa homens, depois de ter recebido da parte do povo miudo repetidas demonstrações do mais completo despreso.

Ainda hoje em dia consta por tradição na Hespanha, que quando Christovão Colombo passava pelas ruas, com esse modo distrahido e maneiras abstratas, tão naturaes nos homens que revolvem na mente gran-

des projectos, todos, até mesmo as pessoas mais sensatas, levando o dedo á testa, e abanando a cabeça, diziam uns aos outros por meio d'este signal, que Colombo havia perdido o juizo.

Em 3 de agosto de 1492 largou do porto de Palos de Moguer, e com tres caravelas navegou para as Canarias, d'onde partiu em demanda do novo mundo em 8 de setembro. Depois de navegar por espaço de 33 dias, deparou com a ilha de Guanahani, a que chamou *S. Salvador*, em 11 de outubro de 1492.

Durante este pequeno trajecto, a tripulação, atemorisada com tão arriscada e temeraria viagem, não cessou de murmurar, não faltando mesmo quem se aventurasse a erguer a voz dizendo: «O melhor é lançar ao mar este aventureiro, que nada tem que perder e facilmente nos justificaremos na patria, referindo que cahira ao mar em uma occasião em que estava a contemplar os astros.»

E havendo a pequena frota de Christovão Colombo experimentado um grande furacão, que a pozera em imminente perigo, seus officiaes, receiosos, quizeram voltar as prôas para procurar uma enseada, onde podessem abrigar os navios. Só Colombo se oppôz a esta cobarde resolução, dizendo-lhes encolerisado: «E' mister seguir nosso destino, pois que só no outro mundo, senhores, é que podereis achar um abrigo.»

Finalmente, logo que os seus companheiros desembarcaram na ilha de Guanahani, uma das Lucayas ou Princezas, depostos os sustos, e cheios de assombro, saudaram com o titulo de almirante e de vice-rei

o temerario, que ha pouco haviam querido precipitar nas ondas.

Os insulares, assustados com a vista dos tres navios hespanhoes, refugiaram-se para as montanhas, podendo apenas Colombo agarrar só uma mulher, á qual mandou dar pão, doces, e algumas quinquilherias. Este bom tratamento attrahiu os selvagens, a quem os castelhanos deram panellas de barro quebradas, bocados de vidro e de loiça, com o que elles ficaram muito contentes.

D'alli se passou o illustre descobridor á ilha de Cuba, e depois á que os naturaes appellidavam *Hayti*, e os castelhanos *Hespanhola*, onde foi bem recebido do rei da terra, a quem davam o nome de cacique. E porque achava n'elle e na sua gente agasalho e amizade deixou alli trinta e oito homens em uma especie de forte de madeira, que para esse fim mandou construir, e trazendo comsigo dez ou doze naturaes, fez-se de vela para Hespanha.

Ancioso de mostrar ao antigo mundo um novo mundo, descoberto por seus talentos e fadigas, entregava-se a mil pensamentos alegres, quando uma subita tempestade veio acomettel-o com tão horrivel furia que todos julgaram encontrar alli o fim da vida, cercado de todos os horrores da morte.

Christovão Colombo não concebe mais que um pensamento, não sente mais que um pezar—o de vêr o fructo de suas descobertas quasi perder-se para a humanidade. Um raio de esperança então o anima; corre á sua camara, escreve rapidamente, ao som da

tempestade e dos clamores da equipagem, em um pergaminho, o diario da sua navegação; envolve-o em um pano encerado, depois em um pão de cêra, e arremessa tudo ao mar, dentro de um tunel, esperando que o céu conservasse esse tão precioso deposito, para o levar a salvo a mãos que o soubessem apreciar.

Finalmente, o tormento abrandou, e o ousado nauta chegou a Hespanha na primavera do anno de 1493, sendo recebido no meio das acclamações e enthusiasmo que gera a contemplação de um illustre feito.

Partindo para Barcellona, onde então se achava a côrte, foi acolhido pelos monarchas, Fernando e Isabel, em 3 de abril do mesmo anno, com aquelle gasalhado que requeriam seus talentos e assignalados serviços. Declaram-n'o nobre e toda a sua descendencia; deram-lhe assento, e mandaram-n'o cobrir na sua presença, como grande de Hespanha. Além d'estas mercês nomearam-n'o almirante e vice-rei do Novo Mundo, dando-lhe ordem de partir immediatamente com uma esquadra, que para esse fim lhe aprestaram, composta de 17 navios.

N'esta nova viagem o nosso heroe descobriu as ilhas Caraibas e a Jamaica, na ultima das quaes teria morrido de fome, por se haverem acabado os mantimentos, e os naturaes recusarem ministrar-lhe sustento algum, se não lançasse mão d'um estratagema bem singular, que foi o seguinte:

Aproximou-se o tempo d'um eclipse da lua; Colombo aproveitou-se d'esta circumstancia para intimi-

dar os selvagens, que fez reunir em torno de si; lança-lhes em rosto a dureza com que o tratavam, e os ameaça com a terrivel vingança do Deus dos hespanhoes, prognosticando-lhes que n'aquella mesma noute á lua tomaria a côr do sangue, e se faria tão opaca, que lhes negaria a sua claridade.

Poucas horas depois aconteceu o eclipse. Os selvagens, aterrados á vista de tal prodigio, levantam uma gritaria horrivel, correm a lançar-se aos pés do propheta, e juram que d'ahi em diante nada lhe faltaria.

Colombo, depois de se ter feito rogar por algum tempo, pareceu ceder a seus rogos, e lhes prometteu pedir ao Deus dos hespanhoes, que de novo fizesse apparecer á luz. Passados alguns momentos brilhou de novo no horisonte aquelle formoso astro, e os infieis que olhavam já para Colombo como para um homem de natureza superior á sua, ficaram convencidos de que dispunha a seu bel prazer do céu e da terra

Tendo regressado da sua segunda viagém em 1501, foi então que o intrepido navegante confundiu os invejosos da sua gloria, com uma burla que se tornou célebre. Diziam elles que nada havia mais facil que seus descobrimentos, devidos só a alguma affoiteza, e a muita felicidade. Propoz-lhes Colombo que vissem se eram capazes de fazer que um ovo se conservasse direito sobre um de seus bicos. Nenhum pôde levar a cabo a empreza. Porém o astuto descobridor quebrou uma das extremidades agudas do ovo, e por meio d'esta traça conseguiu pôl-o em pé.

—Nada ha mais facil—exclamaram os circumstantes.

—Assim o creio—replicou Colombo—mas ninguem se lembrou de tal fazer, e foi de igual arte que descobri o Novo Mundo.

Foram estes mesmos invejosos que o intrigaram com Fernando e Izabel, fomentando tão negras suspeitas no animo d'estes soberanos, que os obrigaram a enviar juizes mesmo a bordo da capitania, na terceira viagem que elle fez, para inspeccionarem o seu comportamento, os quaes o trouxeram preso para Hespanha, com os grilhões aos pés e ás mãos.

Pelo espaço de quatro annos esteve Colombo encerrado em uma prisão, ou porque os monarchas de Hespanha receiassem que se alevantasse com as regiões que havia descoberto, como pretendiam seus inimigos, ou porque quizessem que se justificasse dos capitulos accusatorios que contra elle havia enviado á Hespanha o governador das Indias, Francisco Bobadilla.

Fosse, porém, qual fosse o motivo, Colombo triumphou finalmente dos seus inimigos, e foi de novo enviado para o Novo Mundo. D'esta vez descobriu o continente da America, 10 graus do Equador, e a costa onde está fundada Carthagena. Foi esta a ultima viagem do illustre nauta.

Tendo voltado a Hespanha, falleceu em Valhadolid a 8 de maio de 1506, terminando com a vida uma carreira mais brilhante e gloriosa que feliz. Foi sepultado na Cathedral de Sevilha, onde jaz em soberbo mau-

soleu. Deixou dous filhos: Diogo, que herdou seus titulos e honras; e Fernando, que escreveu a sua historia.

Colombo era alto e de nobre presença, tinha o rôsto sobre o comprido, o nariz aquilino, os olhos azues, a pelle mimosa, mas um tanto affogueada, e o cabello ruivo, que bem cedo se lhe tornou em venerandas cans. Fallava com facilidade, e suas palavras eram cheias de graça e amabilidade. Suas maneiras eram graciosas, affaveis e civis, patenteando sempre um grande fundo de gravidade.

Era sobrio e muito moderado em todas as acções da sua vida. Possuia uma constituição robusta e uma alma inacessivel ao temor. Cultivava as bellas lettras e compunha mui bem versos latinos. Coroavam todas estas boas qualidades um grande e profundo respeito que sempre consagrou á religião. Foi na idade de 50 annos que este grande homem começou as suas navegações, e no espaço de 14 annos realisou a sua immortal empreza.

A' memoria d'este illustre descobridor levantaram seus compatriotas na cidade de Genova uma formosa estatua.

Os monarchas de Hespanha deram-lhe por armas um mar de prata esmaltado de azul, flanqueado com tres ilhas de oiro, com uma esphera por timbre.

Apesar das descobertas de Christovão Colombo, foi Americo Vespucio, negociante florentino, que logrou a gloria de dar seu nome á quarta parte do mundo, pretendendo ser o primeiro que descobrira o continente. «Na verdade, ainda que o illustre florentino houvesse

feito esta descoberta, diz um author celebre, não lhe deveria pertencer a gloria, mas sim áquelle a quem o céu dotou de genio e de coragem para emprehender a primeira viagem. Já Colombo havia feito tres navegações na qualidade de almirante e de vice-rei, 5 annos antes que Americo Vespucio houvesse emprehendido a sua primeira na qualidade de geographo. E', pois, fóra de toda a duvida, que a gloria do descobrimento da America só pertence a Christovão Colombo.»

FIM

LIVRARIA CIVILISAÇÃO

DE

EDUARDO DA COSTA SANTOS

8—SANTO ILDEFONSO—10

PORTO

REPRESENTANTE DA CASA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & C.ª

DE

LISBOA

Romances illustrados de Escrich

A mulher adultera—4 volumes.	2$000
Os casamentos do diabo—3 vol.	1$500
Os Filhos da Fé—3 vol.	1$500
As Obras de Misericordia—4 vol.	2$000
A Perdição da Mulher—3 vol.	1$500
A Inveja—3 vol.	1$500
A Mãe dos Desamparados—4 vol.	2$000
O Manuscripto Materno—5 vol	2$500
A Casaca Azul—2 vol	1$000
O Cura de Aldeia—3 vol.	2$000
A Caridade Christã—3 vol.	1$800
O Amor dos Amores—3 vol.	2$000
O Inferno dos Ciumes—3 vol.	2$000
O Anjo da Guarda—3 vol.	1$800

Os Desgraçados—2 vol	1$800
O Pão dos Pobres—3 vol	1$500
Rico e Pobre—1 vol.	500
O Piano de Clara—1 vol.	500
A Calumnia—5 vol	2$500
A Esposa Martyr—5 vol.	2$500
O Drama no Mar—5 vol.	2$500
O Livro de Job—3 vol.	1$500
A Promessa Sagrada—4 vol.	1$600

Obras de diversos authores

O Snr. Lecoque, romance—3 vol. com gravuras .	1$500
Feitiços da Mulher Feia, idem—1 vol.	600
Heroismos do Clero, romance religioso, e historico —1 vol.	600
A Filha do Cabinda, idem—1 vol.	500
O Livro das Familias Christãs—1 vol.	500
A Lyra Christã, (poesias)—1 vol.	500
O Pai dos Pobres, romance illustrado—3 vol. . .	1$500
Henriqueta, a mais tristemente célebre heroina da cidade do Porto, romance com gravuras . .	500
A Minha Viagem ao Paiz das Chimeras	500
Depois do Trabalho (poesias)—1 vol.	500
As Mulheres, refutação formal ao folheto «Os Maridos».	200

Pinho Leal

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO, diccionario geographico e historico de todas as cidades, villas e aldeias de Portugal. Está concluido o 7.º volume d'esta importantissima obra, a mais curiosa que se tem publicado no nosso paiz. Alcança até a lettra P.—Preço dos 7 volumes em brochura, 13$000 réis.

Camillo Castello Branco

NOVELLAS DO MINHO.—Estão publicados 12 volumes d'esta collecção de romances, cujas scenas são passadas na provincia do Minho.—Preço de cada volume 200 réis.

V. L. Cameron

ATRAVEZ D'AFRICA. Viagem de Zanzibar a Benguella, traducção do inglez por Francisco de Lencastre.—Esta obra compõe-se de dous volumes contendo 800 paginas, incluindo as notas do traductor, e é enriquecida com 152 gravuras, sendo 27 de pagina. A publicação é distribuida por meio de fasciculos, custando cada um 120 réis, pagos no acto da entrega.

Além d'estas ha na mesma LIVRARIA CIVILISAÇÃO muitas outras obras.

LIVRARIA ECONOMICA

DE

MANOEL TEIXEIRA MACIEL

3 — RUA DE SANTO ILDEFONSO — 3

O proprietario d'esta Livraria, ultimamente montada, compra e vende toda a qualidade de livros usados, bem como se incumbe de mandar vir do Rio de Janeiro, onde tem outro estabelecimento montado, toda e qualquer obra brazileira.

YC130420

M310262